

Lig

revista de psicanálise

25

Nº2 · 2024

ISSN 2238-9083

VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010

VERSÃO ONLINE



revista de psicanálise

ANO 13, Nº 2, JUL-DEZ/2024 - PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

REVISTA SEMESTRAL DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

ANO 13, NÚMERO 2, JUL-DEZ/2024

ISSN 2238-9083 VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010 VERSÃO ONLINE

A SIG Revista de Psicanálise é a publicação científica da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, editada regularmente desde 2012. Nos formatos impresso e on-line, em duas edições anuais, publica artigos teórico e teórico-clínicos, ensaios, resenhas, traduções de artigos de autores estrangeiros e entrevistas no campo psicanalítico. Publica, ainda, textos voltados à interlocução entre a psicanálise e outros campos do saber, como filosofia, literatura, história e outras áreas ligadas ao estudo crítico da sociedade e da cultura.

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de ser um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais, científicas, não comerciais, desde que citada a fonte.

As normas para a publicação e instruções para submissão de artigos estão disponíveis em:

<http://sig.org.br/revista-sig>

VERSÃO ONLINE DA REVISTA EM <https://ojs.sig.org.br>

TIRAGEM: 180 EXEMPLARES | IMPRESSÃO: DEZEMBRO DE 2024

S574 Sig: revista de psicanálise / Sigmund Freud Associação
Psicanalítica. - Vol. 13, n. 25 (jul./dez.2024). - Porto Alegre:
Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2012-

Semestral
ISSN 2238-9083

1. Psicanálise - Periódicos. I. Sigmund Freud Associação
Psicanalítica.

CDU 159.964.2(05)

Bibliotecária responsável: Clarice da Luz Rodrigues, CRB 10/1333.



REVISTA DE PSICANÁLISE

PUBLICADA POR SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

PORTO ALEGRE, RS - BRASIL

2024

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

GESTÃO 2022/2024

Presidente: Magda Medianeira de Mello

Diretora Administrativa: Nathalia Hammerschmitt

Diretora de Ensino: Júlia Gaertner Geyer

Diretora Científica: Martina Dall'Igna de Oliveira

Diretora da Clínica Psicanalítica: Renata Brum Birck

Diretora de Comunicação: Ingrid Ricardo Stoll Coelho

Secretária do Conselho Deliberativo e Fiscal: Luciana Maccari Lara

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

Editora: Eneida Cardoso Braga

Editora Assistente: Luiza Tolardo Dal Conte

CORPO EDITORIAL:

Adela Stoppel de Gueller	Edson Luiz André de Souza	Miriam Chnaiderman
Almerindo Boff	Eneida Cardoso Braga	Mônica Medeiros K. Macedo
Ana Lúcia W. dos Santos	Ernani Pinheiro Chaves	Nelson da Silva Júnior
Bárbara de Souza Conte	Eurema Gallo de Moraes	Patrícia Alkolombre
Bianca Savietto	Gabriela Xavier de Araújo	Patrícia Porchat P. S. Knudsen
Carolina N. de Barros Falcão	Julio Bernardes	Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro
Charles Elias Lang	Karin Wondracek	Paulo Endo
Cláudia Perrone	Luciana Maccari Lara	Rafael Marucco
Clarice Moreira da Silva	Luís Claudio Figueiredo	Roberta Araujo Monteiro
Cristina L. Saint Martin	Magda Mello	Sérgio de Gouveia Franco
Christian Ingo Lenz Dunker	Maria Cristina Poli	Sidnei Goldberg
Daniel Kupermann	Marília Etienne Arreguy	Simone Perelson
Débora Farinati	Marina Lucia Tambelli Bangel	Sissi Vigil Castiel
Denise Costa Hausen	Marta Rezende Cardoso	Vera Blondina Zimmermann

COMISSÃO EXECUTIVA:

Andréa Bandeira Caldeira Mongeló

Felipe Szyszka Karasek

Gabriel Teitelbaum

Natacha Hennemann de Oliveira Becker

PROJETO GRÁFICO:

Débora Dutra

*Capa: arte sobre fragmento da obra de Henri Matisse (reprodução), Litografia para a Verve, 1937.

DIAGRAMAÇÃO:

Marconbrasil Comunicação Direta

SUMÁRIO

SUMMARY

EDITORIAL7

EM PAUTA/ON THE AGENDA

O CABELO PARA MULHERES NEGRAS DE PELE CLARA: ENTRE O TRAUMA DO RACISMO E A REPARAÇÃO DA NEGRITUDE9

Hair for light-skinned black women: between the trauma of racism and the reparation of blackness

Cabello para mujeres negras de piel clara: entre el trauma del racismo y la reparación de la negritud

- *Carolina da Silva Pereira*

O EU E SEUS ABALOS SÍSMICOS: CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS À TEORIA DO TRAUMA23

The ego and its seismic shocks: contemporary contributions to trauma theory

El yo y sus shocks sísmicos: contribuciones contemporáneas a la teoría del trauma

- *Berta Hoffmann Azevedo*

ACTUALIDAD EN LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA: DOLOR, TRAUMATISMO, DUELO33

A atualidade na clínica psicanalítica: dor, trauma, luto

Actuality in the psychoanalytic clinic: pain, trauma, grief

- *Facundo Blestcher*

O QUE SE ABRIGA QUANDO ABRIGAMOS CRIANÇAS? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O TRABALHO EM TEMPOS DE ENCHENTES47

What do we shelter when we shelter children? An experience report on working during times of flooding

¿Qué se alberga cuando albergamos a los niños? Un relato de experiencia sobre el trabajo en tiempos de inundaciones

- *Pâmela Soares Bratkowski*

- *Joanna Arcari Romero*

- *Luiza Gaudie Ley Brunelli*

- *Laura Anelise Faccio Wottrich*

PRINCÍPIO DE NIRVANA E APTIDÃO À LINGUAGEM57

The nirvana principle and aptitude for language

El principio del nirvana y la aptitud para el lenguaje

- *Daniel Delouya*

A MELANCOLIA, O ÓDIO E O OBJETO67

Melancholy, hate and the object

Melancolía, odio y el objeto

- *Sissi Vigil Castiel*

O RECONHECIMENTO DO TRAUMA DO RACISMO ANTINEGRO NO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES METAPSICOLÓGICAS ANTIRRACISTAS A PARTIR DAS MENSAGENS ENIGMÁTICAS DE DESIGNAÇÃO RACISTA73

The recognition of the trauma of anti-black racism in Brazil: metapsychological anti-racist contributions from the enigmatic messages of racial designation

El reconocimiento del trauma del racismo antinegro en Brasil: contribuciones metapsicológicas antirracistas a partir de los mensajes enigmáticos de designación racial

- *Thalita Rodrigues*

ENTREVISTA/INTERVIEW

ENTREVISTA COM EDUARDO MEDEIROS 87
Interview with Eduardo Medeiros
Entrevista con Eduardo Medeiros

ARTIGO/ARTICLE

“HAPPY NEW EAR” – ESCUTA PSICANALÍTICA E ESCUTA MUSICAL 97
“Happy New Ear” – Psychoanalytic listening and musical listening
“Happy New Ear” – Escucha psicoanalítica y escucha musical
- *Ignacio Gerber*

RESENHAS/REVIEW

LUTO E METAMORFOSE: CONTRIBUIÇÕES DE LAMANNO-ADAMO 103
Mourning and metamorphosis: contributions from Lamanno-Adamo
Luto y metamorfosis: aportes de Lamanno-Adamo
- *Guilherme Franzon Berti*

PODE A VAGINA SER RECUSADA EM 2024? 107
Can the vagina be refused in 2024?
¿Se puede negar la vagina en 2024?
- *Juliana Lang Lima*

EDITORIAL

Este número da SIG Revista iniciou a ser pensado a partir do desejo de celebrarmos, em 2024, o centenário de importantes textos freudianos: *A perda da realidade na neurose e na psicose*, *O problema econômico do masoquismo e Neurose e psicose*.

Estávamos produzindo essa chamada de artigos sobre o tema quando fomos assolados pela catástrofe climática que causou enchentes e destruições no estado do Rio Grande do Sul. Como todo excesso vivido, é preciso tempo e trabalho para compreensão e elaboração, e somente a posteriori poderemos construir sentidos para o que nos foi exigido.

Agregamos, então, à homenagem aos textos freudianos, outros temas pertinentes pensados a partir da frequência intensificada de manifestações da ordem do traumático, dos lutos, da melancolia e da psicose na clínica e na cultura contemporâneas. Recebemos textos excelentes que dialogam e interrogam com excelência a temática proposta, como o leitor poderá comprovar.

Para a entrevista, trazemos o psicanalista Eduardo Cavalcanti Medeiros, cuja tese de doutorado *A problemática do trauma: aspectos teóricos e clínicos* nos inspirou na elaboração de questões que conversam com a temática deste número.

Além disso, na gestão 2023-2024 tivemos o desafio e o privilégio de dar início ao processo de indexação que trouxe maior visibilidade e, conseqüentemente, um aumento significativo na submissão de textos, o que resultará em um importante reconhecimento acadêmico da SIG Revista.

No encerramento dessa trajetória como editoras e membros da comissão executiva, agradecemos pelo respaldo e pela confiança da diretoria, aos autores, pareceristas, leitores, revisores, diagramadores, enfim, todos aqueles sem os quais, com seu trabalho dedicado, não conseguiríamos realizar a transmissão da psicanálise através da nossa revista.

Por fim, desejamos à próxima gestão editorial um trabalho rico e prazeroso como foi o nosso.

Boa leitura a todos!

Eneida Cardoso Braga
– Editora

Luiza Tolardo Dal Conte
– Editora Assistente

Andréa Bandeira Caldeira Mongeló
Felipe Szyszka Karasek
Gabriel Teitelbaum

Natacha Hennemann de Oliveira Becker
– Comissão Executiva

O CABELO PARA MULHERES NEGRAS DE PELE CLARA: ENTRE O TRAUMA DO RACISMO E A REPARAÇÃO DA NEGRITUDE

HAIR FOR LIGHT-SKINNED BLACK WOMEN: BETWEEN THE TRAUMA OF RACISM AND THE REPARATION OF BLACKNESS

CABELLO PARA MUJERES NEGRAS DE PIEL CLARA: ENTRE EL TRAUMA DEL RACISMO Y LA REPARACIÓN DE LA NEGRITUD

Carolina da Silva Pereira¹

Resumo: Este trabalho busca contribuir com os estudos acerca das relações étnico-raciais em articulação ao campo psicanalítico no contexto brasileiro. Este artigo parte de uma pesquisa de dissertação em que se utilizaram entrevistas com o intuito de compreender como se dá o processo de constituição da identidade e do pertencimento racial desses sujeitos. O objetivo aqui é analisar os efeitos subjetivos do racismo enquanto trauma colonial com foco nos sentidos em torno dos cabelos de mulheres negras de pele clara, bem como apontar possíveis caminhos de reparação, aproximações com a negritude e constituição de uma identidade negra valorizada para mulheres negras de pele clara. Tornou-se possível afirmar a importância dos sentidos acerca do corpo com destaque ao cabelo no tocante às mulheres, a partir dos quais emergem cenas de racismo cotidiano enquanto estratégias para manter negros/as em posição racial estrutural de inferioridade, formando identidades alienadas aos preceitos da branquitude, fenômeno que cria barreiras à constituição de uma identidade negra positiva. Por outro lado, é também através da discursividade acerca do corpo negro, esta ligada à negritude e suas dimensões coletivas, que se torna possível a constituição de uma identidade negra valorizada.

Palavras-chave: Cabelo. Racismo cotidiano. Trauma colonial. Negra de pele clara. Identidade racial.

Abstract: This paper seeks to contribute to studies on ethnic-racial relations in conjunction with the psychoanalytic field in the Brazilian context. This article is based on a dissertation research in which interviews were used in order to understand how the process of constituting identity and racial belonging of these subjects occurs. The objective here is to analyze the subjective effects of racism as a colonial trauma with a focus on the meanings surrounding the hair of light-skinned black women, as well as to point out possible paths of reparation, approximations with blackness and the constitution of a valued black identity for light-skinned black women. It became possible to affirm the importance of the meanings surrounding the body with emphasis on hair concerning women, from which scenes of everyday racism emerge

¹ Psicóloga clínica e pesquisadora. Doutoranda em Psicologia Social pela UFRGS. Psicanalista em formação pelo CEP de PA. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (2014). Especialista em Psicologia Educacional. Especialista em Saúde Pública pela ESP/RS. Mestre em Psicologia Social pela UFSC na área de Relações Étnico-Raciais. Docente e orientadora na Especialização em Saúde Pública da ESP/RS. Membro do Grupo de Pesquisa “Egbé: Negritude, Clínica e Políticas do Comum” (UFRGS). Membro da Comissão de Relações Étnico-Raciais do CRP/RS. Associada à Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negro/as (ABPN). Experiência como professora universitária e como analista de políticas públicas do governo/RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2493-4380>. E-mail: carolinapsiclinica@gmail.com

as strategies to keep black men and women in a structural racial position of inferiority, forming identities alienated from the precepts of whiteness, a phenomenon that creates barriers to the constitution of a positive black identity. On the other hand, it is also through discourse about the black body, which is linked to blackness and its collective dimensions, that the constitution of a valued black identity becomes possible.

Keywords: Hair. Everyday racism. Colonial trauma. Light-skinned black woman. Racial identity.

Resumen: Este trabajo busca contribuir a los estudios sobre las relaciones étnico-raciales en articulación con el campo psicoanalítico en el contexto brasileño. Este artículo forma parte de una investigación de tesis en la que se utilizaron entrevistas con el objetivo de comprender cómo se produce el proceso de establecimiento de la identidad y pertenencia racial de estos sujetos. El objetivo aquí es analizar los efectos subjetivos del racismo como trauma colonial, centrándose en los significados que rodean el cabello de las mujeres negras de piel clara, así como señalar posibles caminos de reparación, acercamientos a la negritud y la constitución de un negro valorado para las mujeres negras de piel clara. Se ha podido afirmar la importancia de los sentidos corporales, con énfasis en el cabello, en relación con las mujeres, de donde emergen escenas de racismo cotidiano como estrategias para mantener a los negros en una posición racial estructural de inferioridad, formando identidades alienadas de los preceptos de la blancura, fenómeno que crea barreras a la constitución de una identidad negra positiva. Por otro lado, es también a través del discurso sobre el cuerpo negro, que está vinculado a la negritud y sus dimensiones colectivas, que se hace posible la constitución de una identidad negra valorada.

Palabras clave: Cabello. Racismo cotidiano. Trauma colonial. Mujer negra de piel clara. Identidad racial.

Ser sujeito é uma condição relacional especificada pela ligação de determinada pessoa com a sociedade na qual está inserida. A ideia de sujeito é composta por três níveis: o político, o individual e o social. Podemos considerar que alguém alcança o status de sujeito quando há, de fato, um reconhecimento social em todos os três níveis, podendo se identificar e ser reconhecido como tal (KILOMBA, 2019). Quando falamos da população negra brasileira, é preciso entender que há barreiras estruturais para tornar-se sujeito. A lógica colonial produz imagens acerca dos sujeitos racializados que lhes atribui supostas identidades que os inferiorizam, desqualificam, patologizam e até criminalizam (ROSA; BRAGA, 2018).

Esse processo destitui o sujeito de suas raízes étnico-raciais e o lança em um jogo de subexposição e superexposição social (GONÇALVES FILHO, 2008). Politicamente, o seu lugar enquanto sujeito social é barrado, processo que faz com que as pessoas negras permaneçam invisíveis. Por outro lado, elas encontram-se superexpostas através das imagens de controle produzidas interseccionalmente sobre raça e gênero (COLLINS, 2019). Esse processo é extremamente violento e realça a importância das representações sociais em torno do sujeito, “pois estas dizem respeito a como ele se constitui, como se reconhece e se inscreve no mundo, o que está estruturalmente articulado e como se sente inscrito e reconhecido pelos outros e pelo Outro” (ROSA; BRAGA, 2018, p. 95).

Tal fenômeno violento pode impulsionar um processo de desamparo. Desamparo que vai além das dimensões sociais e materiais, pois também é discursivo, ligado à falta de um lugar no ideal social e à ausência de um discurso de pertença ao laço social, pois são os valores, ideias e tradições de uma cultura que amparam o sujeito do real (ROSA; BRAGA, 2018).

As diferenças e a desigualdade de forças e de posição no campo social produzem enlaces que muitas vezes condicionam a pertença social à submissão sistemática aos parâmetros

dominantes. Nessa medida, a naturalização do desamparo social apaga a força discursiva dos que estão submetidos. Aliado ao desamparo social, deparamo-nos com o desamparo discursivo (que lança o sujeito ao silenciamento que, muitas vezes, acomete alguns segmentos da população), que pode ser orientador na análise de vários fenômenos sociais e efeitos subjetivos (ROSA, 2016, p. 25).

O racismo opera através do discurso, por um encadeamento de palavras e de imagens que se tornam associativamente equivalentes, as quais buscam manter as pessoas negras nos lugares sociais determinados pela branquitude. Diante dessa dinâmica, o sujeito negro é impulsionado a performar o eu que tem sido roteirizado pelo colonizador ao longo da história, o que pode suscitar uma condição de despersonalização. Esse roteiro é (re)produzido cotidianamente através de imagens e terminologias coloniais ligadas às ideias de infantilização, primitivação, incivilização, animalização e erotização, as quais são amplamente difundidas no imaginário social (KILOMBA, 2019).

Atravessado por essa violência colonial, o corpo negro é, então, tomado em seu registro de imagem como um todo, formando unidade e massificação, apagando a diferença e a singularidade de cada pessoa negra. Tal fenômeno produz um efeito alienante, tanto naqueles/as sujeitados/as a tal violência ao serem capturados/as pelo discurso hegemônico racista quanto para os que aderem a tal violência enquanto agentes (OHNMACHT, 2019). Nesse sentido, o sujeito negro precisa travar uma luta para se identificar com o que é e não a partir de como é visto pelo olhar do/a branco/a em uma sociedade estruturada pelo racismo.

Nesse ponto, tomo como base a reflexão proposta por Isildinha Nogueira: se o que constitui o sujeito é o olhar do outro, como fica o sujeito negro ao se confrontar com o olhar do outro que mostra reconhecer nele o significado que a pele negra traz como significante? (NOGUEIRA, 1998, p. 123). Para arriscar possíveis respostas para essa questão é necessário entender que raça e racismo são categorias inseparáveis, a partir das quais se constroem imagens que buscam controlar e cercear a existência de pessoas negras (COLLINS, 2019; KILOMBA, 2019). Em relação às mulheres negras, devido às demandas sociais de gênero ligadas à estética, o seu processo de racialização é mais atrelado aos padrões de beleza e aos significados raciais hegemonicamente atribuídos aos seus corpos (PEREIRA, 2023). Nessa trama, o cabelo constitui-se como um importante marcador de beleza, racialidade e identidade (GOMES, 2003).

Por mais que existam críticas importantes no campo psicanalítico à noção de identidade, ao entender que esta coloca o sujeito em uma posição alienante, ilusória e narcísica, já que a ideia de identidade diria de algo essencializado e fixo, escolho usar o conceito de identidade alinhado à concepção da psicanalista Tania Rivera (2020). A denúncia histórica do mito da democracia racial evidencia o seu papel no ocultamento das desigualdades à população negra brasileira, cuja posição de desigualdade é denegada socialmente. Nessa perspectiva, é necessária a produção da população negra enquanto os “outros” da sociedade – diferentes e inferiores aos brancos – a serviço da manutenção dos privilégios da branquitude. É importante destacar a legitimidade de que a ação política esteja também pautada pela constituição de novos significantes capazes de transformar o pacto social em uma direção democrática, suspendendo os recalcamientos e denunciando as relações de poder. A afirmação de significantes ligados aos traços racializados carrega uma dimensão política importante que deve ser estimulada em um contexto produtor de um embaralhamento das posições do eu e do outro, com o objetivo de esconder as diferenças entre opressores/as e oprimidos/as por meio de uma falsa ideia de igualdade racial historicamente presente no imaginário social através da propagação do mito da democracia racial.

De forma paradoxal, no cenário brasileiro a noção de identidade está a serviço da alteridade. Assim, identificar-se ativamente pelo compartilhamento de significantes como negra é um ato de descentramento do lugar de confusão alienante entre eu e outro (RIVERA, 2020).

Mobilizada por tais pressupostos, busco neste artigo analisar os efeitos subjetivos do racismo enquanto trauma colonial com foco nos sentidos em torno dos cabelos de mulheres negras de pele clara, bem como apontar para possíveis caminhos de reparação, aproximações com a negritude e constituição de uma identidade negra.

METODOLOGIA

Este artigo parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado acerca da identidade e do pertencimento racial de pessoas negras de pele clara (PEREIRA, 2023). Negra/o de pele clara é uma categoria que inclui as pessoas negras identificadas socialmente como pardas, morenas, mestiças, entre outros termos que, direta ou indiretamente, definem o sujeito como alguém que possui marcas que remetem à ascendência negro-africana e à miscigenação racial (PEREIRA, 2023).

Escolhi, neste artigo, realizar algumas análises relacionadas aos efeitos subjetivos e à complexidade do racismo enquanto trauma colonial a partir de trechos de três entrevistas realizadas com mulheres negras de pele clara. Além dos efeitos da violência racial, a análise do recorte aqui escolhido parte do objetivo de analisar as estratégias de reparação e desalienação rumo à constituição de uma identidade negra valorizada.

Ao entender que a identidade racial se constitui em um tema complexo e sensível para as pessoas negras, torna-se crucial pensar estratégias de pesquisa que atenuem as possibilidades de violência simbólica. Como estratégia, Pierre Bourdieu (1999) propõe alterar a própria estrutura da relação para amenizar possíveis diferenças de capitais simbólicos e culturais, agindo na escolha dos sujeitos de pesquisa. A proximidade social e a familiaridade são duas das principais condições que assegurariam uma comunicação que não se configure como uma forma de violência ao sujeito. Assim, o primeiro critério para escolha das/os participantes foi a proximidade com a pesquisadora, bem como a autoidentificação como negro/a de pele clara, pardo/a ou moreno/a, desde que o “moreno/a” possuísse relação com características raciais negras.

O segundo critério de escolha foi residir na cidade de Porto Alegre ou na Região Metropolitana por período superior a dois anos. Por fim, o último critério foi a idade mínima de dezoito anos. Para analisar a identidade da pessoa negra de pele clara, buscaram-se pessoas cuja aparência física denotasse a ideia de miscigenação negra. Todos/as os/as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo ressaltado o caráter anônimo da pesquisa e que os nomes apresentados seriam fictícios. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas em um único encontro entre pesquisadora e participante. Para esse fim, foi elaborado um roteiro de entrevistas que contemplasse os sentidos singulares da própria racialidade, procurando entender de que forma essas significações foram constituídas, tendo em vista os efeitos da ideologia estrutural racista, bem como dos novos discursos de valorização racial socialmente difundidos, os quais são decorrentes das reivindicações políticas dos movimentos negros. A condução e a análise posterior das entrevistas deram-se a partir dos preceitos de transferência e de inconsciente, entendendo que “o sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (ROSA, 2004, p. 341-342).

Operar com o inconsciente implica, pois, a suposição de um saber que “não se sabe” mas que é suposto. As condições de produção de conhecimentos sobre este “insabido” são internas ao campo relacional que o constitui. A isso denominamos em Psicanálise “transferência”. Não é, pois, um saber prévio que já estava ali, no “entrevistado”, como um dado a ser colhido pelo “entrevistador”. É algo que se situa num espaço transferencial em que o “insabido” se expressa como formações do inconsciente. Logo, ele inclui o pesquisador na própria formação (COSTA; POLI, 2006, p. 17).

Para Iribarry (2003), diferentemente da clínica, na qual a transferência deve ser diluída, na situação de pesquisa ela deve ser instrumentalizada para produção de dados, sendo esta concebida como o processo por meio do qual o/a pesquisador/a se dirige ao dado de pesquisa situado pelo texto de colaboradores/as e busca relacionar seus achados com a literatura trabalhada e procura, além disso, elaborar impressões que reúnam as suas expectativas diante do problema de pesquisa e as impressões dos participantes que fornecem suas contribuições na forma de dados coletados (IRIBARRY, 2003, p. 129).

As análises das entrevistas foram realizadas com base em teorias psicanalíticas propostas por autores/as como Frantz Fanon (2008), Isildinha Baptista Nogueira (1998) e Miriam Debieux Rosa (2004). Mais especificamente, utilizei a noção do “tornar-se negro” lançada por Neusa Santos Souza (1983), segundo a qual a identidade negra não é dada a priori, mas um “vir a ser” que parte de um processo de desalienação e de valorização dos elementos históricos e culturais da negritude, ressaltando a importância subjetiva e sociopolítica de possuir um discurso sobre si, alheio àquele proposto hegemonicamente pela narrativa racista, possibilitando uma posição autônoma ao sujeito. Em relação especificamente a este artigo, utilizou-se como outro conceito basal a ideia de racismo cotidiano enquanto experiência de reatualização do trauma colonial, conforme discutido por Grada Kilomba (2019).

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos entrevistados

Nome	Idade	Autoidentificação racial	Identificação racial dos pais	Classe	Gênero	Ocupação
Débora	32	Negra/preta	Negros de pele clara	Classe média	Feminino	Assistente administrativa
Elisa	31	Negra/parda	Mãe branca e pai negro	Classe média baixa	Feminino	Estudante de Psicologia
Lisiane	30	Negra/parda	Mãe negra e pai branco	Classe média	Feminino	Cantora

Fonte: Elaborado pela autora.

DESENVOLVIMENTO

Na clássica obra de Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas* (2008), o autor provoca e traz importantes pistas sobre o processo de negação de si que pode ser efetuado pela pessoa negra diante da violência racial que a aflige. O que o autor vai explicar é como o regime colonial instaura e reproduz barreiras à constituição de uma imagem valorizada de si para o/a negro/a, fenômeno que impulsiona à adoção simbólica de máscaras brancas com intuito de alcançar o reconhecimento do outro enquanto sujeito. Para tal, o/a negro/a busca mimetizar aquilo que é entendido como branco/a na cultura sob o alto custo de silenciar a negrura de seu corpo e as suas conexões com a negritude. Como efeito, a pessoa negra vai se deparar com dificuldades importantes em relação à formação do seu esquema corporal.

Nessa perspectiva, o sujeito negro terá um esquema corporal histórico-racial que vai produzir uma imagem de si enquanto um ser racializado que carrega, invariavelmente, corpo, raça e memória (FANON, 2008). Antes de ser corpo, é-se raça/cor negra:

no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p. 104).

Ou seja, haverá uma existência tripla em que o/a negro/a será sempre responsabilizado/a por seu corpo, sua raça e sua ancestralidade (FANON, 2008). Partindo desses pressu-

postos fanonianos, Grada Kilomba (2019) elabora o conceito de esquema racial inscrito no corpo. Para ela, não se trata de um esquema corporal, mas de um esquema racial, inscrito na pele negra. Há uma inscrição simbólica na superfície das peles negras constituída em torno das memórias, lendas, piadas, comentários, insultos, além de todos os mitos racistas que vão ordenar onde sentar e onde não, aonde ir e aonde não, com quem falar e com quem não falar: nos movemos no espaço, em alerta, através desse esquema epidérmico racial (KILOMBA, 2019, p. 175).

Em seu livro *Memórias da plantação* (2019), a autora parte da ampliação dos sentidos da palavra “plantação” para simbolizar um passado traumático que é experienciado através do racismo cotidiano ao qual pessoas negras estão ainda submetidas, fenômeno que guarda semelhanças e que faz reviver sensações comuns aos/as negros/as escravizados/as nas plantações características do regime escravocrata. Trata-se, portanto, de um passado-presente em cenas que se constituem como um “padrão contínuo de abuso” (KILOMBA, 2019, p. 80), uma violência que atravessa o dia a dia do sujeito negro por meio de gestos, discursos, imagens, ações, linguagem e olhares.

Todos os episódios revelam um sentimento de atemporalidade, quando a pessoa negra é abordada no presente como se estivesse no passado. [...] Essa sensação de imediatismo e presença é o terceiro elemento do trauma clássico. Um evento que ocorreu em algum momento do passado é vivenciado como se estivesse ocorrendo no presente e vice-versa: o evento que ocorre no presente é vivenciado como se estivesse no passado. O colonialismo e o racismo coincidem. [...] O passado agride no presente (KILOMBA, 2019, p. 222-223).

Segundo Grada Kilomba, através do mecanismo da projeção, o sujeito branco externaliza as partes “ruins” do seu ego, criando o “Outro”. Esse “Outro” para o sujeito branco é o sujeito negro, tela de projeção de tudo aquilo que o sujeito branco teme reconhecer em si próprio. Ao ser identificado como objeto “ruim”, o sujeito negro corresponde à imagem da ameaça, do perigo, da violência, do sujo, mas também do excitante e do desejável. A cisão necessária à projeção deixa o sujeito branco dividido dentro de si mesmo. Dessa forma, somente a parte “boa” é vista e vivenciada como o “eu”. Esse processo permite ao grupo branco criar uma imagem de si como moralmente ideal, decente, civilizada, generosa e livre da inquietude que sua história de violência, dominação e expropriação poderia lhe causar. Assim, a identidade racial branca, a branquitude, forma-se de maneira relacional, dependendo da negritude enquanto “Outridade” primária a partir da qual se constitui (KILOMBA, 2019).

Por meio desse processo, as narrativas em torno da/o negra/o são permeadas pela agressividade e pela sexualidade socialmente reprimidas. Nessa perspectiva, o sujeito negro é obrigado a desenvolver uma relação consigo pautada pela presença alienante do externo, desse “outro” branco.

Poderíamos dizer que no mundo conceitual branco é como se o inconsciente coletivo das pessoas negras fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da negritude às quais somos confrontadas/os não são nada realistas, tampouco gratificantes. Que alienação, ser forçada/o a identificar-se com os heróis, que aparecem como brancos, e rejeitar os inimigos, que aparecem como negros. Que decepção, ser-se forçada/o a olhar para nós mesmas/os como se estivéssemos no lugar delas/es. Que dor, estar presa/o nessa ordem colonial (KILOMBA, 2019, p. 39).

Portanto, existem obstáculos importantes à constituição da identidade negra desalienada e valorizada. Afinal, como saber quem se é para além das imagens sociais da/o negra/o: “Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando não me detestam,

acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal” (FANON, 2008, p. 109). A pessoa negra carrega o peso de ser o representante de todo o seu grupo racial. Ao corresponder a toda uma raça, o sujeito se apaga, fica invisível. Ao pensar na imagem de ser humano universal, o/a negro/a desaparece. A discursividade racista busca fixá-lo/a a seus atributos biológicos e reduzi-lo/a ao corpo (FANON, 2008).

Refletir sobre a produção simbólica sobre o corpo negro, com destaque aqui para a produção de significados em relação aos cabelos, é um dos caminhos para a reflexão aprofundada acerca da identidade negra e das formas de positivá-la na cultura. Ressalta-se que a leitura racializada do cabelo pode corresponder ao principal marcador de raça para as mulheres negras. Como o pensamento racial brasileiro é hegemonicamente formulado por meio das perspectivas ideológicas de branqueamento, o tipo e a textura dos cabelos serão classificados dentro de um continuum em que, quanto mais liso for o cabelo, mais ele estará ligado à ideia de brancura, já que o modelo ideal é um tom de pele muito claro, cabelos lisos e loiros, olhos claros e ascendência norte-europeia (SCHUCMAN, 2012). É através dos significados simbólicos atribuídos ao corpo negro que as ideologias raciais hegemônicas especificadas pelas narrativas regionais se arvoram, emergindo manifestações do racismo generificado. Desse modo, trago trechos das entrevistas de três participantes de minha pesquisa de mestrado (PEREIRA, 2023) para destacar a complexidade do racismo e analisar os seus efeitos psíquicos em intersecção com a categoria gênero, além de possíveis estratégias de reparação em direção à constituição de uma identidade negra valorizada.

UMA “NEGRA RAIZ”: OS NÓS E OS CAMINHOS ENTRELAÇADOS EM DIREÇÃO À NEGRITUDE

Débora identifica-se como negra de pele clara, possui os cabelos alisados desde muito cedo. Na época da entrevista, os seus cabelos estavam alisados pelo efeito de escova progressiva, uma técnica que envolve aplicação de produtos químicos. Débora associa ser negra, majoritariamente, à leitura racial que faz de seus traços físicos. Débora nomeia-se também como “negra raiz”, por ter um cabelo que é “bem crespo, crespo, crespo”.

Sou uma mulher negra de pele clara. Eu tenho mais contato com essa coisa de ser negra agora adulta do que quando era menor, não sei... Porque só convivía com colegas e gente branca, eu não me dava conta que algumas coisas poderiam ser racismo, por exemplo, quando falavam e tocavam meu cabelo. Eu tive cabelo crespo sem alisar e aí falavam mal do cabelo. Não sei e tal, ficava chateada, mas eu não entendi que aquilo era racismo ou bullying, não sei como poderia chamar (Entrevista concedida em 22/11/2021).

Tocar nos cabelos de pessoas negras é uma expressão do racismo cotidiano. Vale pontuar que tal fenômeno é um ritual branco de conquista colonial que se dá também por meio da invasão do corpo enquanto uma colônia metafórica, já que uma forte carga de elementos do colonialismo presentes no racismo se apresenta no cotidiano. Assim, a pessoa negra passa a ser inspecionada tal como um objeto. No contexto apresentado por Débora, ser tocada pode ser entendido como uma experiência traumática de invasão (KILOMBA, 2019).

E como era a tua relação com teu cabelo? (Eu)

Que como eu usava química no cabelo desde pequeninha, ele estragou muito e eu tive que cortar. (Débora)

Desde pequeninha? (Eu)

Sim. Eu não sei se era também uma função da minha mãe, porque ela trabalhava fora, né, e era mais fácil para cuidar. E se também naquela época tinha tantos produtos para cabelo crespo como agora. Eu também era de creche, tinha aquela coisa de piolho e tudo mais, então eu sempre usei trança e depois de um tempo relaxamento no cabelo. Daí tive que

cortar, mas foi por um curto tempo, logo que ele começou a crescer eu comecei a fazer chuquinha. Eu já prendia ele, mas eu, como eu nunca tive essa experiência de, aí, ter o cabelo crespo, eu não... Tentei uma época e não me adaptei, arrumar com creme, assim, em casa, mas não me gostei ainda. Talvez porque não aprendi como possa arrumar ele com certos cremes. Mas eu prefiro alisado. (Débora)

Tu já teve essa vontade de voltar ao crespo, já pensou sobre isso? (Eu)

Acho que talvez só por ver as mulheres agora voltando ao cabelo natural, mas não por uma vontade minha. Mas eu acho por elas estarem aceitando o próprio cabelo, mas vontade minha, minha de deixar o cabelo crespo, não! (Débora)

Quando tu se imagina de cabelo crespo, que tu acha, acha que fica bonito? (Eu)

É que pelo fato de eu não saber arrumar, eu acho que fica feio. Como eu não aprendi, assim, como ele se ajeita crespo, eu acharia feio mesmo. (Débora) (Entrevista concedida em 22/11/2021).

Débora (des)conhece o seu cabelo crespo. Seus cabelos foram quimicamente modificados desde a infância, um processo ainda mais violento para a menina negra, ao ter um símbolo significativo de racialização desracializado. Quando Débora necessitou interromper os procedimentos químicos, seus cabelos foram rapidamente “presos” em chuquinhas. Seu cabelo seguiu contido, impedindo-a de enxergar e constituir uma relação de intimidade com uma parte importante de seu próprio corpo de menina negra.

Para Zalcberg (2019), a mãe tem a tarefa de fornecer à criança uma imagem unificada do seu corpo. É preciso que a mãe, de fato, direcione o seu olhar à criança para que ela possa formar a matriz do seu eu. Além disso, esse corpo é generificado pela mãe ao reconhecer o corpo da criança como um corpo feminino. Acrescentaria aqui outra dimensão a esse processo ao dizer que a mãe também transmite a racialidade à criança, fenômeno explorado por Isildinha Baptista Nogueira em sua tese *Significações do corpo negro* (1998). Na cena trazida por Débora, há uma transmissão materna que representa o cabelo crespo como algo negativo, assim como lhe é transmitido pelo discurso hegemônico. Ressalto aqui que meu objetivo não é o de culpabilizar a mãe negra que também é atravessada pela violência racial, mas sim apontar as amplas dimensões do racismo, que segue provocando efeitos nocivos justamente porque também é transmitido geracionalmente. Ainda que as decisões de sua mãe não sejam conscientemente racistas, mas sim pautadas em uma leitura racial da texturização do seu cabelo cujo peso vai muito além da dimensão estética, elas repercutem subjetivamente em Débora. De qualquer forma, essa transmissão materna produz marcas negativas, mesmo quando entendidas como uma forma de cuidado. Penso que o fato de Débora não saber arrumar seu cabelo está ligado à própria constituição de sua autoimagem, a qual não integra o seu cabelo crespo, pois ele é significado como feio, algo que deve ser modificado ou escondido: um corpo que não é olhado por inteiro.

Para Nogueira (1998), a identidade do sujeito depende em grande parte da imagem corporal eroticamente investida. Ou seja, a identidade depende da relação que o sujeito cria com o seu próprio corpo. Retomo as palavras utilizadas pela própria Débora ao se nomear como “negra raiz”. Em uma pesquisa sobre os significados da palavra “raiz”, localizei as seguintes conceituações: “vínculo emocional que se estabelece com um lugar” e “origem da existência de algo” (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2022, documento eletrônico). Penso que esse é justamente o movimento necessário para Débora: poder enxergar as suas origens e estabelecer outros vínculos com o seu lugar – seu corpo. O tratamento dado ao cabelo se associa à representação de si e remete à negociação de identidades políticas complexas, ressaltando que, no contexto das relações raciais, estética e política são indissociáveis (SOARES, 2018). Portanto, penso não ser possível a constituição de uma identidade negra positivada sem modificar sua relação com seu cabelo. Arrumar o cabelo crespo vai muito além do gesto de usar, produtos

para penteá-lo, passa também por “arrumá-lo” dentro de si. Ao entrar em contato com outras significações desse cabelo, ao poder enxergar beleza, torna-se possível transformar a sua simbolização e a relação que com ele se desenvolve, construindo uma autoimagem mais genuína com quem se é: uma mulher negra. Por outro lado, Débora também revela interesses por questões relacionadas à negritude.

E tu disse que é recente, que mais ou menos uns três anos, que tu vem pensando sobre isso (ser negra). Tu falou dessa prima militante, tem mais pessoas que te ajudam a pensar? (Eu)

Tem na internet, tem a Ana que eu sigo, que ela é médica dermato lá da Bahia, militante também, ela fala bastante coisa do cabelo, de se aceitar. Tem uma outra que fala, esqueci o nome, fala bastante de cabelo, esqueci o nome da marca, até comprei, gosto muito dela. Ela é militante e adotou duas crianças agora, sozinha, e eu tenho esse sonho também, se não rolar namoradinho, né? Eu quero adotar criança negra e que também não seja bebê que nem ela. (Débora)

E quando tu pensa, assim, em filho no geral, ficar grávida, como tu imagina que seria esse bebê? (Eu)

Eu vejo uma menina negrinha, bem preta, mais escura que eu, e de cabelo bem crespinho. (Débora) (Entrevista concedida em 22/11/2021).

A bebê fantasiada por Débora possui “cabelo bem crespinho”. Neste ponto, Débora demonstra já estar em um processo de aproximação com outras representações mais positivas do cabelo crespo, mostrando a relevância das mídias digitais e das redes sociais para a valorização da negritude na atualidade.

ENTRE FRONTEIRAS: UM “CABELO DE IDENTIDADE” E A RELAÇÃO AMBÍGUA COM A NEGRITUDE

Elisa identifica-se como negra, ainda que manifeste percepções negativas ligadas à sua negritude ao longo da entrevista. Ela possui longos cabelos cacheados, pelos quais passa os dedos quando, ao longo da entrevista, nós os abordamos. Elisa também identifica os seus cabelos cacheados, enquanto os cabelos de sua filha – referência muito presente em seu relato – são crespos. Tal distinção fica borrada em sua fala, já que, por vezes, nomeia o seu cabelo como crespo. Durante a entrevista, Elisa cita uma situação de racismo cotidiano envolvendo os sentidos acerca do seu cabelo.

Uma vez numa festa que eu tava com umas amigas minhas... Eu tenho cabelo crespo, né, e tinha um rapaz que ele puxou o braço da minha amiga na festa, né, e eu botei a mão no peito e ele: “não, sai daqui, vai alisar o teu cabelo, se preocupa em alisar o teu cabelo!” A situação é assim, por ser um rapaz branco, e dava para ver que ele era bem playboyzinho. Isso me chateou. E aí eu era adolescente, então já tinha aquela coisa do cabelo e me incomodou. (Entrevista concedida em 17/10/2021).

Nessa cena de racismo cotidiano, o rapaz a convoca a mimetizar a brancura idealizada, seguindo os preceitos racistas socialmente impostos que buscam impor as “máscaras brancas” (FANON, 2008). Ter uma imagem que inclua o cabelo crespo é se contrapor à norma branca. Tal atitude pode ser confrontada com o objetivo de alertar que está se tornando “demasiadamente negra”, o que pode ser entendido como um traço de independência e descolonização, algo perturbador à branquitude (KILOMBA, 2019).

Elisa apresenta ainda um discurso de que o cabelo crespo é um cabelo diferente.

Eu acho o cabelo crespo muito mais bonito que o liso, com certeza. Eu acho que o cabelo, tipo assim, o da S. [filha da Elisa] é um cabelo de identidade, sabe? Que nem eu falei,

como eu posso dizer, que é uma coisa que marca, marca. Quando tu vê a pessoa, tu vai dizer: “ah, aquela pessoa, aquela cacheada”, sabe? Eu acho bonito. Meu cabelo é lindo, eu adoro. É um cabelo que marca, que não é comum, porque cabelo liso é comum, eu acho comum. (Entrevista concedida em 17/10/2021).

Elisa coloca o cabelo crespo como um cabelo de identidade, no qual se produz uma marca de reconhecimento a partir da ideia de diferença. Simbolizado como diferente, a imagem do cabelo crespo possui algumas limitações diante do padrão de beleza e, por isso, algumas modificações “não ficam tão legais” ao performar uma estética que extrapole os limites estabelecidos pela branquitude. Assim, há certas imagens de beleza que ainda aparecem como exclusivas à/ao branca/o. Aqui há uma negociação ainda frágil frente ao padrão hegemônico branco de beleza.

Por que que tu acha que a S. [filha de Elisa] queria alisar o cabelo dela? (Eu)

Ela estuda no colégio particular, então a maioria do pessoal é branco. A maioria tem cabelo liso, fica olhando muito no Pinterest, né, então ela queria fazer mecha. E, se for parar para ver, não tem muita mecha no cabelo afro, não tem tanto corte, ela queria franja e a minha mãe ficava assim: “ai”. Mas hoje não dá para fazer em cabelo crespo. Realmente, tem um cabelo que não fica aquela coisa: “ah, que eu quero, vou fazer uma mecha”, alguma coisa no cabelo crespo, às vezes, não fica tão legal, eu acho que só por isso, assim. Mas eu explico para ela, “um dia tu vai agradecer a mãe”. A gente é diferenciada, tá na moda, o volume tá na moda, tu vai ser a cacheada da galera e tu vai ser reconhecida. Eu sempre falo assim para ela, para ela ter uma identidade e ver como isso é bacana. (Elisa) (Entrevista concedida em 17/10/2021).

O caráter positivo dado ao cabelo por Elisa parte de um pensamento ambivalente, pois a ideia de diferença aponta para dimensões do racismo estrutural que não somente mantêm as pessoas negras como minoria numérica em espaços de poder e decisão, mas também definem o padrão de beleza pautado pelo ideal de brancura. A construção da diferença é uma das bases do racismo, em que a pessoa negra se torna “diferente” porque “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma — a norma branca. “Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como ‘diferentes’” (KILOMBA, 2019, p. 75). Ou seja, ninguém é naturalmente diferente, mas sim se torna diferente através das ideologias racistas.

Por isso, cabe a indagação sobre quais marcas identitárias se produzem ao se identificar a partir dessa narrativa da/o diferente. Através do racismo discursivo presente também nas imagens enquanto dimensão da linguagem, produzem-se subjetividades que permanecem moldadas pela lente da branquitude. Durante a entrevista, Elisa não manifesta aproximações com a cultura negra, nem com sua própria história familiar negra. Ao que me parece, Elisa encontra na sua percepção de beleza diferenciada do cabelo crespo uma possibilidade de ancoragem à sua negritude, ainda frágil por seguir intensamente embasada pelos preceitos raciais hegemônicos. Identifica-se como negra a partir de processos de discriminação racial ligados ao seu cabelo e é justamente através da sua ressignificação que busca aspectos de beleza negra ainda restritos e alienantes. A ideia de beleza por ela manifestada em relação aos cabelos crespos não se estende a outros traços considerados “feições de preto”. A percepção de Elisa revela a posição de “Outridade” (KILOMBA, 2019). O trecho a seguir torna mais evidente tal pensamento.

Tu costuma considerar uma pessoa negra de pele escura bonita? (Eu)

Ah, depende da pessoa. Tinha uma, não sei se é cantora, que ela foi agora numa premiação da MTV, não sei do que que foi. Ela era muito, muito, muito, muito, muito preta. E ela não tinha feições de preto, ela tinha nariz fino e tudo mais, mas ela tinha o cabelo.

Mas ela era tão bonita, tão bonita, assim, e eu acho muito difícil assim, sabe? Eu particularmente, por exemplo, assim, homens eu não acharia, não é uma... Não me atrai, mas aquela mulher eu pensei: meu deus, essa mulher é muito linda! Os dentes assim, uma arcada dentária toda... Bah, essa mulher é muito linda porque é diferente, é uma coisa exótica, assim, sabe? Por mais que no Brasil tenha milhões de pessoas negras, mas não é assim que nem ela. (Elisa) (Entrevista concedida em 17/10/2021).

A ideia de beleza ligada à noção de diferença aparece atrelada ao signo de exotividade e ao ideal da branquidão que dão um caráter de superioridade aos traços físicos afilados. Ou seja, o pensamento racial de Elisa está intrinsecamente ligado ao padrão de beleza branca, ainda que considere o seu cabelo crespo como bonito, importante recurso para a sua autoestima.

Se o processo de racialização se dá, predominantemente, por meio da discursividade produzida em torno do corpo, como visto em relação aos cabelos, é também através da produção de outros sentidos que se criam possibilidades de saída de uma posição alienante. É dentro da potência da linguagem que se torna possível fazer outro corpo, um corpo que não esteja tão exposto à captura do Outro. É por meio desse outro corpo que se torna possível experimentar ser negra/o de um outro lugar (OHNMACHT, 2019). O processo de criar uma relação positiva com os cabelos naturalmente crespos ou cacheados, ou ainda utilizá-los por meio de outras performances que remetem à africanidade e à negritude, é um fator fundamental ao processo de tornar-se negra, dada a sua importância fundamental à racialização das mulheres negras.

Neste ponto, a Marcha do Orgulho Crespo é um bom exemplo de como a importância simbólica do cabelo continua viva, recriada, ressignificada e transmitida entre as pessoas negras: “em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória” (GOMES, 2003, p. 174). Ou seja, a constituição da memória e da identidade de cada um/a encontra-se necessariamente atrelada à memória e identidade coletiva de seu grupo. Esse entrelaçamento impulsiona a constituição de um corpo enegrecido, um corpo-território que é lugar de memória e de transmissão de negritude.

A Marcha do Orgulho Crespo foi uma das expressões culturais e políticas ligadas ao cabelo de pessoas negras citadas por Lisiane, mulher negra de pele clara de cabelos cacheados.

E o que tu acha que te ajudou nesse momento a compreender melhor, processar quem tu era, assim? (Eu)

Sim. Acho que foi bem naquele momento, alguns anos atrás, quando começou a Marcha do Orgulho Crespo. No Brasil acho que começou... Acho que a gente começa a ver e conversar mais sobre isso. É quando começam a vir os primeiros produtos para cabelo crespo e tal. (Lisiane) (Entrevista concedida em 04/04/2022).

A Marcha do Orgulho Crespo é uma iniciativa importante que surge no Brasil dentro da pauta política de ressignificação dos cabelos, movimento coletivo de estética negra que ganha destaque pela valorização do cabelo afro. A Marcha do Orgulho Crespo é um evento realizado em diversas capitais do país, reunindo a população negra em prol do orgulho de sua negritude, reconhecendo a sua beleza como uma ferramenta na busca de conexão com a ancestralidade e de resistência estético-política. Formada em sua maioria pela juventude, a marcha faz uso da estética como forma de enfrentamento, impulsionando o reconhecimento racial, principalmente entre mulheres negras (MALTA; OLIVEIRA, 2016).

Nesse sentido, o processo de entrar em contato e criar uma relação positiva com os cabelos naturalmente crespos ou cacheados é um elemento fundamental ao processo de tornar-se negra/o, dada a sua importância fundamental à racialização. As novas imagens sociais da mulher negra e de cabelos com suas texturas naturais são amplamente difundidas nas mídias

sociais e por meio de iniciativas coletivas de inserção no espaço público, tal como a Marcha do Orgulho Crespo. Assim, criam-se novas estéticas afro-referenciadas dentro do imaginário social, fazendo frente às imagens coloniais através do compartilhamento e divulgação de narrativas de valorização da negritude e do apoio coletivo entre mulheres negras, entendendo que o estético é indissociável do político à pessoa negra, pois a constituição da “beleza negra nos leva ao enraizamento dos negros no seu grupo social e racial” (GOMES, 2020, p. 148).

Assim, a potência da Marcha do Orgulho Crespo também reside na sua dimensão coletiva, a qual produz uma estética da multiplicidade da negritude. Reivindicar e reinventar outros nomes não é uma ação individual, assim como não é a própria percepção da violência racial, que advém de “construções coletivas e de pautas comuns, que recolhem sua força da percepção de que ali há algo que ultrapassa cada vivência individual e que o campo de possibilidades de nomeações do sujeito está sendo confundido com o discurso hegemônico” (ROSA; BRAGA, 2018). Nessa direção, para Leda Maria Martins (2021), quando os corpos negros se colocam em cena, eles o fazem enquanto um gesto que não é somente poético, mas também político, ético e estético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo se manifesta no cotidiano das pessoas negras por meio de cenas que se constituem em experiências traumáticas que reatualizam a trama colonial. Nessa perspectiva, o corpo se transforma em objeto a ser colonizado. As subjetividades também. É por meio do racismo, em sua dimensão discursiva, que as imagens coloniais direcionadas aos sujeitos negros buscam reduzi-los ao seu corpo. Como o cabelo, no cenário brasileiro, é um dos principais traços fenotípicos relacionados à classificação racial, é através dos sentidos que muitas narrativas e as cenas do racismo irão se constituir. Ao partir de uma lente interseccional, é possível perceber a importância da estética na formação racial e na conceituação de beleza para mulheres negras. Assim, devido ao racismo genderizado, muitas experiências traumáticas narradas pelas mulheres participantes da pesquisa giram em torno do simbolismo capilar. Contudo, é também devido à grande carga simbólica em torno dos seus cabelos que é possível pensar estratégias e mecanismos rumo à constituição de uma identidade negra desalienada, crítica e valorizada que também estão a eles relacionados.

Ainda, notou-se a complexidade dos fenômenos do racismo e da racialização, já que, mesmo em falas que, em um primeiro olhar, valorizam a negritude, há também a presença de aspectos introjetados do racismo e vice-versa. Não há dicotomia. Cabe também destacar que a tentativa de desumanização completa do racismo fracassa. Sempre há brechas criativas e respiros coletivos que possibilitam contar outras narrativas sobre si. Narrativas estas enegrecidas, ancoradas na africanidade e na negritude afrodiáspórica.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COSTA, A.; POLI, M. C. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 19, n. 188, p. 14-21, dez. 2006.
- DICIONÁRIO MICHAELIS. Uol; Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 set. 2024.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, N. L. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 75-85, 2003.

- GOMES, N. L. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GONÇALVES FILHO, J. M. A dominação. In: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Imprensa Oficial. Instituto AMMA Psiquê e Negritude. *Os efeitos psicossociais do racismo*. São Paulo: Instituto AMMA Psiquê e Negritude; Imprensa Oficial, 2008. p. 57-71.
- IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? *Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 6, p. 115-138, 2003.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MALTA, R. B.; OLIVEIRA, L. T. B. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. *Revista Gênero*, Niterói, v. 16, n. 2, p. 55-69, 2016.
- MARTINS, L. M. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NOGUEIRA, I. B. *Significações do corpo negro*. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- OHNMACHT, T. D. M. *Do laço social ao corpoema: enlaces entre negritude e psicanálise*. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- PEREIRA, C. S. *Pessoas negras de pele clara: Um olhar para a identidade racial*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2023. Recuperado de: <https://tede.ufsc.br/teses/PPSI1026-D.pdf>
- RIVERA, T. Por uma psicanálise a favor da identidade. *Cult*, São Paulo, 24 set. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/por-uma-psicanalise-favor-da-identidade/>. Acesso em: 20 set. 2024.
- ROSA, M. D. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta, 2016.
- ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004.
- ROSA, M. D.; BRAGA, A. P. M. Articulações entre psicanálise e negritude: desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identificatórios. *Revista da ABPN*, v. 10, n. 24, p. 89-107, 2018.
- SCHUCMAN, L. V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SOARES, A. M. P. *Cabelo importa: os significados do cabelo crespo/cacheado para mulheres negras que passaram pela transição capilar*. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- ZALCBERG, M. *De menina a mulher: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.

O EU E SEUS ABALOS SÍSMICOS: CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS À TEORIA DO TRAUMA

THE EGO AND ITS SEISMIC SHOCKS: CONTEMPORARY CONTRIBUTIONS TO TRAUMA THEORY

EL YO Y SUS SHOCKS SÍSMICOS: CONTRIBUCIONES CONTEMPORÂNEAS A LA TEORÍA DEL TRAUMA

Berta Hoffmann Azevedo¹

Resumo: Partindo de inquietações clínicas e de estímulo cinematográfico, o artigo desenvolve a metáfora geológica do abalo sísmico para discutir as contribuições de alguns autores da psicanálise contemporânea nos campos dos traumatismos capazes de abalar as estruturas e o funcionamento do eu. André Green, Jean Bertrand Pontalis, Joyce McDougall e Piera Aulagnier são apresentados como psicanalistas que desenvolveram suas teorias em terrenos clínicos limites, áreas de instabilidade nas quais a estrutura do eu estaria sujeita a maiores tremores e o estilo aproximativo clássico do psicanalista tenderia a fazer fracassar nossos esforços.

Palavras-chave: Trauma. Narcisismo. Eu. Psicanálise contemporânea.

Abstract: Starting from clinical concerns and cinematic stimulus, the article develops the geological metaphor of seismic tremors to discuss the contributions of some contemporary psychoanalysts to the field of traumas capable of shaking the structures and functioning of the ego. André Green, Jean Bertrand Pontalis, Joyce McDougall, and Piera Aulagnier are presented as psychoanalysts who developed their theories in clinical borderline areas, zones of instability where the ego's structure would be more prone to tremors and where the classical approach of the psychoanalyst tends to hinder our efforts.

Keywords: Trauma. Narcissism. Ego. Contemporary psychoanalysis.

Resumen: A partir de preocupaciones clínicas y estímulos cinematográficos, el artículo desarrolla la metáfora geológica del terremoto para discutir las contribuciones de algunos autores del psicoanálisis contemporáneo en el campo de los traumas capaces de sacudir las estructuras y el funcionamiento del yo. André Green, Jean Bertrand Pontalis, Joyce McDougall y Piera Aulagnier se presentan como psicoanalistas que desarrollaron sus teorías en terrenos clínicos límite, áreas de inestabilidad en las que la estructura del yo estaría sujeta a mayores temblores y el estilo aproximativo clásico del psicoanalista tienden a fracasar en nuestros esfuerzos.

Palabras clave: Trauma. Narcisismo. Yo. Psicoanálisis contemporáneo.

¹ Psicanalista, membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), mestre em Psicologia Clínica (PUCSP), coordenadora do Módulo História da escuta psicanalítica no curso Introdução à Escuta Psicanalítica (DAC-SBPSP), autora do livro *Crise pseudoepiléptica* (Coleção Clínica Psicanalítica – Pearson), editora do *Jornal de Psicanálise* (SBPSP). E-mail: bertaazevedo@hotmail.com

Andei lendo sobre movimentos geológicos. Preciso mencionar que nem de longe é minha especialidade, mas acho incrível pensar que vista do espaço, a Terra aparenta uma unidade e calma maiores do que tem. Pela aparência não diríamos que sua camada mais externa é formada por placas tectônicas de diferentes tamanhos em constante movimento, embora seus efeitos se façam sentir de tempos em tempos em determinadas localidades. As placas se afastam, movidas pelo magma que é pressionado para a superfície, e também se aproximam e colidem umas com as outras, situação na qual tremores de terras podem ser sentidos.

Lendo um pouco, descobri que zonas de tensão são criadas justamente nas bordas das placas, e quando esse acúmulo de pressão é liberado acontece um terremoto. Esses abalos sísmicos podem ser de grande magnitude, quando, então, são capazes de destruir áreas e construções inteiras. Uma das maiores catástrofes naturais, o tsunami, é também decorrente do choque entre placas tectônicas, dessa vez na costa: empurradas por forças do interior do planeta, uma placa entra embaixo da outra, levanta parte dela e faz inundar a região litorânea.

A teoria das placas tectônicas sucedeu de uma outra, a teoria da deriva continental de Wegner, que defendia que, há milhões de anos, a Terra era composta de um único supercontinente, chamado Pangeia. Não apenas o aspecto morfológico dos continentes parecia compor um perfeito quebra-cabeça, mas também a existência de fósseis semelhantes nos diversos continentes foi um argumento para sustentar a hipótese de que a Terra teria sido uma massa única que se dividiu.

Reservemos esse devaneio geológico como alegoria para nos voltarmos aos abalos estruturais no eu e as contribuições de autores da psicanálise contemporânea nesse campo. São psicanalistas que desenvolveram suas teorias em terrenos clínicos limites, áreas de instabilidade nas quais a estrutura do eu está sujeita a maiores tremores e o estilo aproximativo clássico do psicanalista tende a fazer fracassar nossos esforços.

O TERRITÓRIO LIMITE DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Com psicanálise contemporânea, não me refiro à adjetivação geral das práticas psicanalíticas de hoje em dia. O sentido que me interessa é aquele atribuído por André Green, que chama de psicanálise contemporânea o movimento coletivo de investigação que parte dos limites da analisabilidade para construir modelos que articulem o intrapsíquico e o intersubjetivo, e examinem o trabalho de representação e seus fracassos, a partir da noção de enquadre.

Sem constituírem uma nova escola de psicanálise, os pioneiros desse movimento (Green, Pontalis, McDougall, Aulagnier, Anzieu, Laplanche, entre outros) conviviam no ambiente francês da década de 1970 e partilhavam desafios clínicos comuns, aos quais responderam de maneira não homogênea. Alguns deles desenvolveram sistemas teóricos mais organizados, outros menos; em todo caso, o diálogo que mantiveram entre si fez amadurecer as proposições teórico-clínicas de cada um. Em comum, tinham também a experiência de testemunhar a transformação de Lacan de autor genial em líder dogmático. Green (1999) e Pontalis (2017) afirmam de forma muito semelhante que os autores mais interessantes dessa geração tinham sido aqueles que passaram por Lacan e se afastaram dele: estiveram próximos a ponto de serem marcados por sua aguda capacidade de recortar questões relevantes e tomaram suficiente distância para preservar sua autonomia de pensamento. Embora o chamado lacaniano a um retorno a Freud tenha incidido firmemente sobre eles, puderam atendê-lo assumindo uma perspectiva plural mais ampla que a do lacanismo, auxiliados pelos aportes ingleses que se atreveram a ler com seriedade para complementar ou contrapor os de Lacan. Pontalis (2017) refere que a realização do projeto que resultou no *Vocabulário de psicanálise*, junto a Laplanche, foi fundamental para a percepção de que a obra freudiana era mais rica e complexa do que tentava reduzir o retorno a Freud de Lacan. O grupo, que assistiu a discípulos mimetizarem o mestre em seus modos de falar, vestir e andar, estabeleceu entre si um pacto geracional antidogmático, como bem nos conta Urribarri (2017).

Além disso, diante de fenômenos clínicos pouco simbolizados, cada um deles, por caminhos singulares, respondeu à necessidade de oferecer uma teoria para o originário, e é precisamente nesse ponto que este artigo tenta contribuir, destacando os horizontes abertos por alguns desses autores em relação à problemática do trauma e seus efeitos para a estrutura narcísica primária.

A noção de trauma é participante da psicanálise desde seus primórdios e recebeu aportes complementares ao longo dos anos. Esse não foi um conceito uno na obra de Freud, tampouco na psicanálise depois dele. As múltiplas dimensões destacadas nas diferentes abordagens participaram das bases que influenciaram os autores objeto da minha comunicação. Não são, portanto, teóricos que criaram do nada: valeram-se das teorizações de Freud e dos pós-freudianos de forma suficientemente autoral para que resultassem relevantes para a expansão da sensibilidade e do manejo clínicos do traumático incidente sobre a unidade e funcionamento do eu.

UM CHAMADO DA CLÍNICA

O rodeio teórico que me proponho a fazer aqui é motivado pela clínica e pelas variadas situações que me ajudaram a ver os tremores do eu em ação. Em uma dessas ocasiões, uma paciente em crise de despersonalização, ao perceber que perdia mais uma vez o investimento da sua unidade, recuperou-se segurando um objeto gelado. Noutra, uma jovem que sentia se dissolver no caos cortou-se para aliviar a agonia e estancar a sensação de se diluir. Ambas parecem ter recrutado intuitivamente o corpo para se resgatar, lembrando à analista que uma unidade comparável ao eu só é possível se puder ser investida, e que o corpo pode ter uma função importante nessa operação.

Fenômenos semelhantes repetidamente surgidos na clínica me fizeram perceber que tal como a Terra, o eu tem menos garantias de unidade e calma do que se pode supor à distância. Há traumatismos capazes de incidir contundentemente nos investimentos e desinvestimentos do eu e nos modos de produzir equilíbrio narcísico.

Passemos a uma vinheta que acrescenta um elemento adicional: o registro dessas marcas traumáticas no originário. Maria, uma mulher alemã que viajava a trabalho para o Chile, de passagem em conexão por Buenos Aires, ouve uma mãe argentina cantar uma canção de ninar em espanhol. Não conhece a língua, mas descobre que sabe cantar a música. A súbita vivência de familiaridade a arrebatava em uma comoção perturbadora que a faz explodir em lágrimas e manifestações somáticas de angústia. Tenta em vão se acalmar lavando o rosto no banheiro. Letra e melodia eram catalisadoras de significativas sensações que ela pouco podia explicar. Evocavam memórias que ela não distinguia, impressas sensorialmente no corpo e desencadeadas da mesma maneira.

Recorre ao pai: precisava esclarecer tão significativa experiência de *Unheimliche*, daquelas que não se dissipam no momento seguinte. Foi então que descobriu, perplexa, ser filha adotiva dos pais que sempre conheceu, e de pais biológicos desaparecidos na ditadura Argentina, sobre os quais nunca ouvira falar.

Como alguns de vocês podem ter reconhecido, essa é a primeira cena do filme alemão-argentino *O dia em que eu não nasci* (2011), dirigido por Florian Cossen, mas que só tive a oportunidade de assistir por indicação dos colegas Patrícia Formigoni Moraes e Francisco de Holanda Marques Jr., para ser discutido em um seminário que coordenei na SBPSP sobre *Construções em análise*.

O enredo nos serve de ponto de partida para uma questão enigmática: Como estão representadas e podem ser recuperadas as vivências anteriores à assunção de um eu capaz de se contar em palavras sobre seu próprio vivido? Que sorte de memória é essa, testemunha da intensidade de encontros e desencontros primários a se rerepresentar na vida em reações tão incontrolláveis quanto carentes de decifração?

Fora das telas do cinema, nem sempre há revelações surpreendentes e esclarecedoras que iluminam o que se passou. Geralmente ficamos apenas com o que assalta, com a reação aberrante. É com esse desconcertante impacto de pequenos eventos que lidamos na clínica, manifestações em ato ou no corpo, inundações de angústias insondáveis, doloridas repetições transferenciais incompreensíveis, que não dispõem do personagem revelador dos segredos que faz tudo se encaixar. No divã, nossa pesquisa tem pistas mais dispersas, mas sustentamos o potencial de sentido que o *Unheimliche* porta.

Freud (s.a., p. 378), em *Construções em análise*, na frase inspiradora que parece anteciper as ideias sobre o medo do colapso de Winnicott (2005), afirma que

o deslocamento da pré-história esquecida para o presente ou para a expectativa de futuro é uma ocorrência regular, também no neurótico. Muitas vezes, quando um estado de angústia o deixa na expectativa de que algo terrível vai acontecer, ele apenas está sob a influência de uma recordação recalçada que quer chegar à consciência e que não pode se tornar consciente naquela época em que, de fato, algo assustador aconteceu.

Foi também Freud que nos ensinou que “saber nem sempre é a mesma coisa que saber: existem diferentes formas de saber, que estão longe de serem psicologicamente equivalentes” (2006, p. 288). Frente a algumas dessas formas de saber, o recurso das nossas construções e alegorias nos auxilia a dar alguma forma ao informe, fisingando uma “carpa da verdade” difícil de acessar de outras maneiras.

Em *Moisés e a religião monoteísta*, Freud (2001b) é claro em afirmar que não temos acesso ao arcaico original sem deformação. O trabalho do psicanalista é sobre a construção psíquica em cima do vivido. “Aprés coup, o arcaico”, diz Green (1990b).

Está aí a questão que me orienta neste escrito: Como pensar esse saber que se faz ouvir por modos representativos tão heterogêneos? E que relação se estabelece com o traumático?

O ORIGINÁRIO E A VIOLÊNCIA DO DISCURSO DO OUTRO

Piera Aulagnier (1979), entendendo que o objetivo do aparelho psíquico é representar – e que a forma como esse trabalho se dá varia conforme o registro psíquico em jogo –, completa as proposições freudianas sobre os processos primário e secundário com a noção de originário. Aquém da organização fantasmática encontrada no primário, o originário é determinante para sua fundação. Originário, primário e secundário teriam respectivamente como formas de representação o pictograma, a fantasia e o enunciado. Essa perspectiva, dos diferentes modos de criar sentido para a própria experiência em cada registro psíquico, respondia às necessidades de sua clínica, intensamente dedicada à psicose.

O interesse pelas múltiplas formas de representação também encontramos em André Green. O autor de *O trabalho do negativo* nomeia como teoria da representação generalizada a perspectiva que considera o gradiente representativo que permite acompanhar os fenômenos que atestam falha no funcionamento da representação de coisa. Assim como a criadora do “Quarto grupo”, também Green julga necessário considerar as condições mínimas para a representação de coisa, não sendo suficiente partir de sua garantia para acesso aos estados limite. Entre o representante psíquico da pulsão e seus desdobramentos em representação de coisa e de palavra, pode haver outros caminhos mais evacuativos, bem conhecidos desde Bion. Há situações nas quais o reinvestimento das marcas mnêmicas, necessário à representação de coisa, está impedido pela dor que provoca, ficando esse trabalho de representar impactado pelo traumático.

Voltando a Aulagnier, a autora formula que no contexto da indiscriminação originária, antes da assunção de um eu, é pela via do corpo e do sensorial que se dará o trabalho representativo primordial. A experiência de complementariedade boca-seio fica inscrita como

pictograma e é vivida como autoengendrada, formando um núcleo onipotente de autocriação de prazer ao longo da vida.

O que ocorre é que fazer nascer um filho repercute no acordar pulsional dos pais, incluindo o pulsional mortífero e as marcas traumáticas de suas próprias relações primárias. Essa conjuntura pode promover vivências de prazer e potência, mas também de desprazer e rejeição. A experiência de corpo, vale ressaltar, não existe intrapsiquicamente desarticulada da relação com o porta-voz e a sombra falada que ele produz, onde violências de sentido se fazem sempre ouvir. A troca sensorial é acompanhada pelo que Aulagnier (1979) chama de violência primária, experiência humana universal de antecipação de um eu por outro, mas que pode se desdobrar em uma violência secundária traumática quando há imposição de significados ou interpretações alheios à experiência do *infans*.

Os enunciados vindos do porta-voz nem sempre antecipam o direito a uma existência autônoma e separada, às vezes resultam em invasão do espaço psíquico, alienação e obstáculo para a formulação de um discurso próprio.

As derivas de tais encontros são capazes de afetar a construção e a manutenção de um projeto identificatório investível para o sujeito, ou seja, atrapalham a concepção de um futuro vivível. Desencontros traumáticos primários têm o potencial de afetar os movimentos de subjetivação e psiquização, e uma vez que foram vividos no território corporal, podem torná-lo (o corpo) representante da dimensão traumática de que foi testemunha.

Embora a teoria de Aulagnier respondesse prioritariamente à questão psicótica, os temas da alienação e das relações passionais como soluções para o conflito identificatório a colocaram na roda do debate coletivo sobre estados limite.

JOYCE McDougall: O TRAUMA E OS TEATROS DO EU E DO CORPO

A perspectiva das soluções é a forma de pensar prioritária de outra importante autora desse movimento: Joyce McDougall. Para ela, haveria traumas universais com os quais todo humano precisaria lidar e responder com o que lhe fosse possível a partir das vicissitudes experienciadas nos encontros primários. O trauma da alteridade seria uma dessas rochas a serem enfrentadas na vida, que o bebê não é capaz de metabolizar só, e que, portanto, complica-se consideravelmente quando a troca intersubjetiva primária não assegura o direito a um corpo, uma sexualidade e um psiquismo próprios. Os entraves nessa relação seriam responsáveis por fracassos na construção do espaço transicional descrito por Winnicott, resultando em dificuldades na separação primária e tentativas de manter a ilusão de fazer um com o outro, em fantasias de um corpo para dois, um sexo para dois, um psiquismo para dois. Essa espécie de *fantasia de Pangeia psíquica* é ao mesmo tempo uma via para representar a relação erótica primitiva com o corpo materno e também a impossibilidade de existir separadamente. “O corpo é dotado de uma memória tenaz”, diz McDougall (1989, p. 188). Corpo, zona privilegiada de fusão com a mãe, onde através dos sintomas, é possível perceber o temor de perder seus limites corporais e o prazer irrenunciável.

Nas somatizações, resultado da clivagem entre soma e psíquico, McDougall reconhece uma linguagem somática, na qual o corpo se torna palco de um teatro que é expressão do traumático e reconquista de limites.

Em um de seus textos, apresenta-nos Georgette, uma paciente polissomatizante com importantes alergias de pele que, ao encontrar a analista bronzeada de sol após as férias, exclama: “Mas o que foi que a senhora fez no meu rosto?” De forma semelhante, referindo-se ao marido da analista, diz: “Acabei de encontrar o nosso marido na rua”. Falas desconcertantes que testemunhavam a “con-fusão” entre elas. Os fenômenos psicossomáticos com os quais McDougall (1989) trabalhou durante muitos anos foram o solo que lhe permitiu reconhecer a sexualidade arcaica se manifestando em fantasias e a invenção de modos próprios de concomitantemente se separar e não se separar do objeto.

A autora identifica que os efeitos traumáticos de uma separação primária malsucedida e a insuficiente instauração de uma área transicional funcional buscavam ser compensados por relações aditivas estabelecida com pessoas, jogos e drogas. Tanto as soluções psicossomáticas como as aditivas seriam, desse modo, tentativas de contornar o trauma da alteridade, evitando que os abalos sísmicos fizessem desmoronar a frágil estabilidade narcísica.

André Green foi um dos interlocutores principais de McDougall, justamente por suas contribuições fundamentais para a problemática não neurótica. Segundo o autor, os traumatismos primários se fariam escutar pelas falhas na construção da estrutura enquadrante do narcisismo, conceito criado por ele com base na escuta dos estados limite.

Ao transformar limite em conceito, o autor teoriza sobre o relativo fracasso no estabelecimento do que chamou de duplo limite: aquele que divide simultaneamente dentro e fora e as instâncias intrapsíquicas. A dupla função do objeto primário – excitar e conter as pulsões do sujeito – pode falhar, e, além do mais, acrescentar desafios ainda maiores. Quando aquele que ocupa a função de objeto primário para o sujeito não é capaz de ligar as suas próprias pulsões sexuais e destrutivas, então descarregadas na relação, é exigida do sujeito a atuação em um duplo conflito: não apenas do eu com suas próprias pulsões, como também do eu com as pulsões do seu objeto primário. O embaralhamento e a dificuldade na discriminação e na separação primárias junto ao objeto-trauma acenam no horizonte, tal como no caso clínico do paciente que Green nomeou de Gabriel. Ele lhe confia conseguir ouvir a mãe chamar seu nome, embora ela estivesse a quilômetros de distância. Com os limites intrapsíquicos e intersubjetivos afetados, o sujeito precisa se transformar em um “limite móvel” (GREEN, 1990a), sempre engajado em se proteger de atravessar e ser atravessado e da dupla angústia de intrusão e abandono.

Georgette, de McDougall (1989), travava batalha semelhante à angústia descrita por Green. Além de também manter a crença em uma conexão indiscriminada com a mãe, que lhe dava a sensação de poder ser ouvida por ela à distância, e da vivência contratransferencial experimentada pela analista de ter sua identidade usurpada (semelhante àquela vivida por Green com Gabriel), vemos nas manifestações cutâneas de Georgette simultaneamente a necessidade de sentir a presença materna e o horror de grudar-se a ela, numa luta paradoxal entre o desejo de se fundir e os temores arcaicos a ele relacionados. Esse sobreinvestimento da pele, área litorânea de união e separação, atestava o esforço por compensar as dificuldades na criação de um espaço transicional operante.

A plataforma de autoinvestimento que é a estrutura enquadrante, quando abalada em sua fundação, vulnerabiliza o sujeito aos maus ventos da vida. Diante das tempestades, desinveste com mais facilidade seu contorno e valor. As operações de resgate – de automutilação ou de envolvimento em verdadeiras guerras domésticas, por exemplo –, embora tentativas de autocura, apenas momentaneamente detêm o tsunami que ameaça infiltrar suas margens.

Esse derramamento, que inunda territórios e apaga as divisões psíquicas organizadoras, testemunha o fracasso na tramitação pulsional por outros meios.

Em trabalho anterior (AZEVEDO, 2021), a propósito do material clínico de Luna, com quem eu me via precisando trabalhar quase clandestinamente – como que sem a paciente perceber estarmos trabalhando –, pude resgatar a vivência de dor apontada por Freud (2001b) no *Projeto para uma psicologia científica* como capaz de orientar o funcionamento psíquico para garantir sua evitação. Embora pouco lembrada como vivência originária ao lado da vivência de satisfação, a dor está recuperada nas contribuições de Green, Pontalis e Benno Rozenberg, e foi com base nesses autores que busquei propor ter sido a dinâmica prazerosa no contato analítico o que permitiu à paciente passar da posição de gostar da analista, mas não suportar análise, para aguentar aproximar-se das marcas de que tanto evitava chegar perto. A falha na instauração do masoquismo erógeno primário, primeira ligação, favorecida pelo trabalho do objeto e promotora da intrincação

pulsional, dificultava a suportabilidade do atravessamento da dor no revisitar de suas trilhas. O traumatismo primário se revelava capaz de impedir a instauração do princípio de prazer como organizador do psiquismo e nos colocava desafios muito próprios em suas sessões.

A POSIÇÃO FÓBICA CENTRAL E A EVITAÇÃO DE COMUNICAR EPICENTROS

No artigo *A posição fóbica central*, em que Green (2002) apresenta de forma mais extensa o caso Gabriel, ele também formula uma teoria original de trauma. Não o pensa como eventos cataclísmicos únicos, nem cumulativos (Masud Kahn), tampouco como o evento mais primitivo.

Com Gabriel, Green sentia nas sessões um movimento perturbador de confusão temporal, que percebeu não ser aleatório, mas uma estratégia defensiva do eu de antepor obstáculos à inteligibilidade e à criação de sentido, que se não impedidos resultariam traumáticos. O movimento de fuga da arborescência reticular da associação tentava sistematicamente asfixiar a formação de uma visão de conjunto que fizesse sentido. A barreira criada impedia que o rio do pensamento pudesse correr pelo seu curso.

Após anos junto a Gabriel, Green finalmente conseguiu aproximar alguns dos diferentes episódios que ameaçavam reverberar entre si: a experiência de aleitamento com um seio purulento e vazio de leite – não percebido pela mãe até sua quase desnutrição –, a intervenção do pai que o enviou a uma ama de leite no interior, onde a mãe não o visitava, a espera pelas visitas que nunca vinham quando foi estudar no internato, a dimensão incestuosa da mãe que o fazia se passar por seu marido ou irmão, e que não o visitava por não aguentar se separar e suas próprias fantasias de conexão incestuosa secreta. Num dos episódios de espera dolorosa quase insuportável, Gabriel responde com uma alucinação negativa de sua própria imagem: “Isso não pode ser eu”, diz olhando-se no espelho com o rosto contorcido.

Em sessão, Green percebe que o pensar de Gabriel se detinha para que não resultasse num novo momento como aquele, em que a imagem de si em estado de completo desvalimento e impotência se completasse. O desinvestimento do trabalho representativo cuidadosamente evitava que se tocassem áreas de instabilidade, onde o terreno psíquico era mais sujeito a tremores capazes de reverberar entre si e resultar numa hecatombe narcísica, tão devastadora quanto um grande terremoto no eu.

Na posição fóbica central, como adotada por Gabriel, a vigilância constante evita secretamente qualquer movimento interno que possa desencadear a reativação dos diferentes núcleos traumáticos, epicentros sísmicos, entrecruzamento das diversas linhas traumáticas que, juntas, produziriam novas ondas de choque e se transformariam num evento de grande magnitude.

O ataque sistemático à associação livre se revela, portanto, uma autoproteção ao traumático, que nos casos limite não são eventos únicos, mas uma pluralidade de focos impedidos de se juntar. O quadro completo, quando as diferentes experiências ganham configuração de conjunto, é intuído como promotor de um estado de desamparo insuportável e responsável pela sensação de incapacidade para continuar a manter os limites de sua integridade.

Essa posição defensiva, ao precisar manter afastados os epicentros que poderiam abalar a dimensão narcísica primária, torna-se uma solução autolimitante com o custo significativo de tornar a vida psíquica cada vez mais restrita e empobrecida. Como em uma cidade que, após um grande terremoto, decide isolar as áreas mais afetadas, criando zonas inteiras desabitadas e sem comunicação.

O TEMPO MORTO: TRAUMA E DESOBJETALIZAÇÃO

A temporalidade cronológica linear aparente de nosso dia a dia se revela limitada para acompanhar o trabalho da psicanálise, o funcionamento da associação livre e seus impasses, assim como seus efeitos sobre as versões do vivido. Ela é produto de uma elaboração secundária que se desvanece ante o trabalho associativo, como bem demonstram *os sonhos, os sintomas, a transferência, as noções de fixação, regressão, clivagem e fantasias originárias*. A obra freudiana a todo momento reafirma a complexidade temporal em vigência no psíquico, contradizendo a sucessão ordenada em passado, presente e futuro. Mas é justamente com relação ao trauma que a temporalidade se mostra escancaradamente mais complexa do que se poderia supor num primeiro olhar.

Na carta 52 a Fliess, muito antes da virada de 1920 em que teorizou o *Além do princípio de prazer* (FREUD, 2001c), Freud (2001a) mencionou inscrições que se mantêm fora da cadeia representativa, apartadas do trabalho de transcrições e retranscrições que conduziria a representações de palavras. As chamou *füeros*, em referência à antiga lei espanhola que vigorava fora das políticas feudais vigentes, abrindo caminho para pensar dimensões do psiquismo operando com leis paralelas. Na temporalidade psíquica coabitam diferentes tempos, e em alguns desses *füeros* encontramos a mágica que mantém a indiscriminação fantasiada em um corpo para dois (MCDUGALL, 1982), ou a fantasia de poder deter o tempo (GREEN, 2000).

A compulsão à repetição atesta esse assassinato do tempo. O tempo morto, aquém do princípio do prazer, coagula a temporalidade em uma “careta enigmática” (GREEN, 2000, p. 97), capturada no tempo do trauma. Uma modalidade de funcionamento pulsional animado por uma coação. A lógica da esperança que conhecemos na neurose é substituída pela lógica da desesperança, que não supõe na reexcitação das marcas mnêmicas o reencontro prazeroso com o objeto. O que prevê, ao contrário, é a repetição do estado de desamparo que precisa ser evitada a todo custo.

HERÓIS DO NEGATIVO

As contribuições para a teoria do trauma que vemos neste artigo se valem da riqueza e da complexidade desse conceito que acompanhou o desenvolvimento da nossa disciplina. Articulam aportes dos diferentes autores que expandiram e diversificaram essa noção em suas dimensões pulsionais, ambientais e relacionais, de modo que é possível reconhecer nelas a potência do diálogo horizontal entre pares, e a herança principalmente de Freud, Ferenczi, Winnicott, Bion e Lacan. De forma coletiva, eles têm o mérito de oferecer uma compreensão matizada dos efeitos do trauma no psíquico e de suas implicações para a prática clínica da psicanálise nos negativos paradoxais.

Pontalis (2017) formula a feliz expressão “heróis do negativo”, que nos permite nomear uma espécie de adoração pelo avesso que atesta o vínculo indestrutível que a incapacidade de separação primária suficientemente boa faz operar, sequestrando o sujeito no mesmo cativo que tenta capturar o objeto. Seja pensado como desafetação (MCDUGALL, 1989), desejo de não desejo (AULAGNIER, 1979) ou narcisismo negativo e desobjetalização (GREEN, 2010), o desinvestimento da própria realidade psíquica está reconhecido como efeito paradoxal das ameaças ao eu no traumático. Em contato com as transferências limite, Pontalis, Green, McDougall e Aulagnier, cada um a seu modo, apontam para o papel do objeto primário em favorecer ou não a intrincação pulsional e a autonomia de pensamento do futuro sujeito.

Esses autores escutam de um modo tal que o narcisismo e o sexual não ficam separados em polos opostos. O fundamento pulsional é mantido na perspectiva contemporânea, os movimentos destrutivos e sexuais são reconhecidos em conexão com o pulsional do objeto. O

psíquico, codeterminado pelo par pulsão-objeto, é considerado por esses autores articulado a uma metapsicologia do eu. Um eu que, tal como a Terra, tem uma história de transformações a partir da mistura e cuja estabilidade de investimento pode ser perturbada. O traumático nessas teorizações não homogêneas tem em comum o abalo à estruturação narcísica primária, implicando modos de simbolização limite e formas de organização pulsionais e identificatórias que afetam os destinos da onipotência imprescindível à vida.

Maria, Georgette, Gabriel e Luna não fazem ver apenas a heterogeneidade das situações traumáticas. Testemunham, além disso, as diferentes soluções ativas desenvolvidas até então para sobreviver psicicamente e os impactos na organização de suas fronteiras.

Tal como diante da potência destrutiva de furacões, terremotos, erupções vulcânicas ou enchentes, a urgência não pode menos que recrutar os recursos defensivos mais radicais, responsáveis por cicatrizes duradouras com as quais lidamos na clínica em transferência.

Do lado de cá da poltrona, o psicanalista é mobilizado contratransferencialmente e disponibiliza seu trabalho psíquico para pescar imagens que favoreçam figurabilidade e dinâmica de jogo para lidar com modalidades implosivas e explosivas de relações passionais, estados de não discriminação afeto-representação. Apostando na capacidade poiética do psíquico, o psicanalista trabalha de modo processual, rastreia as peculiares modalidades de simbolização num contexto transicional falho e participa do teatro pessoal de seu paciente, inventando modos de transformar “loucura em jogo e morte em ausência” (GREEN; URRIBARRI, 2019).

Os caminhos do trauma são múltiplos e suas respostas, variadas. A vida psíquica, tal como um terreno geológico, mantém-se em constante movimento, com tensões invisíveis que, ao reverberarem entre si, rompem as superfícies aparentemente estáveis. Nós psicanalistas, como sismógrafos sensíveis, capturamos as vibrações mais sutis e participamos com nosso próprio corpo e psíquico para metabolizações e a retomada de soluções criativas. Uma tarefa árdua, que para ser honrada, leva-nos a explorar as trilhas abertas por todo o movimento psicanalítico.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, B. H. A captura no circuito da dor: um desafio clínico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 55, n. 2, 2021.
- AULAGNIER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. (Trabalho original de 1975).
- FREUD, S. Conferência XVIII: fixação em traumas: o inconsciente. In: FREUD, S. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). (Trabalho original de 1916-1917).
- FREUD, S. Construções em análise. In: FREUD, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. São Paulo: Autêntica, s.a. (Trabalho original de 1937).
- FREUD, S. Fragmentos de la correspondência com Fliess. Carta 52. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001a. (Trabalho original de 1950 [1892-99]).
- FREUD, S. Más allá del principio de placer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001c. (Trabalho original de 1920).
- FREUD, S. Moisés y la religión monoteísta. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001d. (Trabalho original de 1939 [1934-1938]).
- FREUD, S. Proyecto de psicología. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001b. (Trabalho original de 1950 [1895]).
- GREEN, A. Après coup, o arcaico. In: GREEN, A. *A loucura privada*. São Paulo: Escuta, 1990b. (Trabalho original de 1982).
- GREEN, A. *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2000.

- GREEN, A. La posición fóbica central. Con un modelo de la asociación libre. In: GREEN, A. *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu, 2002.
- GREEN, A. O conceito de limite. In: GREEN, A. *A loucura privada*. São Paulo: Escuta, 1990a. (Trabalho original de 1976).
- GREEN, A. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: GREEN, A. *O trabalho do negativo*. São Paulo: Artmed, 2010. (Trabalho original de 1993).
- GREEN, A. *Um psicanalista engajado: conversas com Manuel Macias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- GREEN, A.; URRIBARRI, F. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo*. Diálogos. São Paulo: Blucher, 2019.
- MCDUGALL, J. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- MCDUGALL, J. *Teatros do eu*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- O DIA em que eu não nasci. Direção: F. Cossen. Alemanha: Art/Screndip, 2011.
- PONTALIS, J.-B. Après Freud, avec Freud à l'écoute des voix Nouvelles de la psychanalyse. In: COLLECTIF. *Après Lacan: le retour à la clinique*. Entretiens et introduction par Fernando Urribarri. Paris: Itaque, 2017.
- URRIBARRI, F. Après Lacan: une brève histoire du futur de la psychanalyse contemporaine depuis ses origines post-lacaniennes. In: COLLECTIF. *Après Lacan: le retour à la clinique*. Entretiens et introduction par Fernando Urribarri. Paris: Itaque, 2017.
- WINNICOTT, D. W. O medo do colapso (breakdown). In: WINNICOTT, D. W. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. (Trabalho original de 1974).

ACTUALIDAD EN LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA: DOLOR, TRAUMATISMO, DUELO

A ATUALIDADE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: DOR, TRAUMA, LUTO
ACTUALITY IN THE PSYCHOANALYTIC CLINIC: PAIN, TRAUMA, GRIEF

Facundo Blestcher¹

Resumo: A prática clínica contemporânea nos confronta com notórias transformações nas modalidades de sofrimento psíquico que se apresentam sob o signo da “atualidade”. Não se trata apenas da incidência de condições de época sobre as subjetividades e seus desconfortos, mas de sofrimentos que revelam a emergência de modos severos de desligamento. A excitação psíquica desvinculada dos sistemas representacionais exige processos de simbolização e recomposição do tecido psíquico para favorecer formas mais bem-sucedidas de elaboração. Com base em uma série de vinhetas clínicas da análise de uma jovem, é proposta uma revisão metapsicológica dos processos psíquicos ligados à dor, ao trauma e ao luto, com o entendimento de que as intervenções de simbolização que são implantadas na estrutura do tratamento analítico podem promover a recaptura significativa do real e expandir a capacidade de metabolização e vinculação da estrutura egóica.

Palavras-chave: Dor. Trauma. Luto. Desligamento. Simbolização.

Resumen: La clínica contemporánea nos enfrenta a notorias transformaciones en las modalidades del sufrimiento psíquico que se presentan bajo el signo de la “actualidad”. No se trata meramente de la incidencia de las condiciones de época sobre las subjetividades y sus malestares, sino de padecimientos que revelan la emergencia de modos severos de desligazón. La excitación psíquica desanudada de los sistemas representacionales demanda procesos de simbolización y recomposición del tejido psíquico para propiciar formas más logradas de elaboración. A partir de una serie de viñetas clínicas del análisis de una joven, se propone una revisión metapsicológica de los procesos psíquicos vinculados al dolor, el traumatismo y el duelo, entendiendo que las intervenciones simbolizantes que se despliegan en el marco del tratamiento analítico pueden propiciar la recaptura significativa de lo real y ampliar la capacidad metabolizante y ligadora del entramado yoico.

Palabras clave: Dolor. Traumatismo. Duelo. Desligazón. Simbolización.

Abstract: Contemporary clinical practice confronts us with notorious transformations in the modalities of psychic suffering that present themselves under the sign of “actuality”. It is not merely a matter of the incidence of epochal conditions on subjectivities and their discomforts, but of sufferings that reveal the emergence of severe modes of disengagement. The psychic excitation untied from the representational systems demands processes of symbolization and recomposition of the psychic fabric in order to propitiate more successful forms of elaboration. Based on a series of clinical vignettes from the analysis of a young girl, a metapsychological

¹ Psicoanalista. Máster en Clínica Psicoanalítica. Past President de FLAPPSIP (Federación Latinoamericana de Asociaciones de Psicoterapia Psicoanalítica y Psicoanálisis).

Profesor en grado y posgrado en universidades de Argentina, Brasil, México, Uruguay y España.
E-mail: facundoblestcher@gmail.com

review of the psychic processes linked to pain, trauma and mourning is proposed, with the understanding that the symbolizing interventions that are deployed in the framework of the analytical treatment can propitiate the significant recapture of the real and expand the metabolizing and binding capacity of the egoic framework.

Keywords: Pain. Trauma. Grief. Disengagement. Symbolization.

“Pensar, investir, sufrir: los dos primeros verbos designan las dos funciones sin las cuales el yo no podría advenir ni preservar su lugar sobre la escena psíquica; el tercero, el precio que deberá pagar para lograrlo.”
(AULAGNIER, 1994a, p. 257).

Hacia el final de la obra, en “Esclarecimientos, aplicaciones, orientaciones” (1989c), Freud afirma:

El psicoanálisis nació como terapia; ha llegado a ser mucho más que eso, pero nunca abandonó su patria de origen [...] Los fracasos que experimentamos como terapeutas nos ponen una y otra vez delante de nuevas tareas, y los reclamos de la vida real constituyen una eficaz defensa contra la hipertrofia de la especulación que, sin embargo, nos resulta imprescindible en nuestro trabajo (p. 140).

De esta manera no solo la clínica queda localizada en el centro de nuestra praxis, sino que se anticipa la dimensión del obstáculo como inherente a nuestro quehacer como analistas. El trabajo analítico se despliega en una espiral que aspira a vencer los impedimentos clínicos – las resistencias – que se despliegan a ambos lados del diván. Resistencias que, del lado de quienes nos consultan, obturan el saber acerca de lo inconsciente y, en nosotros como analistas, entorpecen la escucha y conducen a una mecanización de las intervenciones.

No resulta una novedad que las presentaciones clínicas del padecimiento psíquico han experimentado una mutación notoria. Hay quienes, en un remedo rousseauiano, añoran al “buen neurótico” que poblaba las consultas en un pasado no tan lejano. En el psicoanálisis en tiempos de infancia, no es muy distinta la expectativa – en la mayoría de los casos frustrada – de encontrarnos a un “nuevo Hans”, cuyos síntomas permitieran un trabajo según las reglas del arte. Incluso con las controversias que hoy podríamos establecer con relación a sus dominancias estructurales, ¿cómo no rememorar los historiales de Lucy R., Elisabeth von R., Dora o hasta el Hombre de las Ratas, aun con los callejones sin salida y extravíos en la dirección de la cura?

En lugar de ello, nos encontramos con una **clínica del fracaso**: trastornos que dan cuenta de fallas parciales o globales en la constitución psíquica, dificultades en la estabilización sintomática, compulsiones y pasajes al acto producidos por desregulaciones de la economía psíquica, intentos de supresión tóxica del dolor, estados de angustia masiva que no logra formas de enlace, déficit en los procesos de simbolización que dejan al sujeto librado al efecto desligante de la pulsión de muerte.

Lo **actual** insiste y domina el escenario clínico, aun cuando muchas de sus manifestaciones se caracterizan justamente por la ausencia de una escena que oficie de muelle ante un goce mortificante. “Actualidad” en este contexto no remite a la acepción temporal ni a la reconducción del malestar a las condiciones de época, sino al término *Aktuell* – aquel que Freud introdujera al discernir las neurosis actuales – que refiere a aquello que se presenta *en acto*: existente, palpitante, a la orden del día, actualizado y eficiente.

El modelo de la actualidad permite considerar aquellas modalidades de padecimiento que ponen de relieve la existencia real y efectiva de la pulsión y la insuficiencia de las mediaciones psíquicas que permiten su simbolización y la formación de síntomas. Esta emergencia de la excitación desamarrada de los sistemas representacionales resulta perturbadora por la deficiente elaboración psíquica. Y se anuda con la dimensión del traumatismo al que el sujeto queda fijado en una repetición que lo excede. Silvia Bleichmar (2011) plantea que los diversos avatares de la historia libidinal operan sobre un psiquismo abierto a lo real y destinado al *après-coup* que, en función de su entramado representacional, es capaz de metabolizar su impacto bajo formas articuladas o quedar sometido al avasallamiento del traumatismo:

El psiquismo tiene un entramado simbólico que permite o no el ingreso de ciertas significaciones, sobre todo, de aquellas que lo pueden poner en riesgo. El impacto que produce en él lo absolutamente desconocido y amenazante es del orden de lo que no encuentra entramado simbólico (p. 410).

Nuestra inquietud acerca de las nuevas presentaciones clínicas de la psicopatología no puede reducirse a una problemática técnica ni a una preocupación impuesta por el mercado de las psicoterapias, sino apuntar a la ampliación del campo de nuestros conocimientos e intervenciones. Metapsicológicamente podemos entender que las formas de funcionamiento psíquico en las que se produce una dominancia de los procesos de desligazón resultan sintónicas con una desregulación del goce, que encuentra también apuntalamiento en ciertos imperativos sociales. La voracidad, el ejercicio pulsional desligado y la inmediatez en la búsqueda de un desahogo superficial confluyen con discursos de época que prometen la satisfacción por la vía corta del consumo.

Sosteniendo la motivación libidinal del padecimiento anímico y sus determinaciones intrapsíquicas, no podemos desconocer la incidencia de las condiciones históricas como uno de los polos que participan del conflicto o como factores que intervienen en la cristalización de sus trastornos. Conciérne al yo, como instancia de ligazón y de defensa, ofrecer una superficie de resistencia que modifique la circulación de las excitaciones, promoviendo su resolución por medio de simbolizaciones que favorezcan su descarga, y no meramente su evacuación.

Me interesa recuperar, a partir de una serie de viñetas clínicas del tratamiento de una joven, la forma con la cual se articulan dolor, traumatismo y duelo en su padecimiento psíquico y el alcance del proceso analítico como espacio de ligazón y producción simbólica.

“UNA CICATRIZ ES LO QUE OCURRE CUANDO EL MUNDO SE HACE CARNE”²

Desde el comienzo mismo del tratamiento, Martina no hace más que llorar. Ya desde las entrevistas preliminares, cuando comienza a relatarme su sufrimiento, un dolor lacerante se hace presente interrumpiendo sus palabras. Con sus diecinueve años, hace unos meses que ha llegado a la capital del país, proveniente de una pequeña ciudad del interior, con la intención de estudiar disciplinas artísticas. Como ella misma reconoce, su sufrimiento no es actual, pero se ha incrementado desde su llegada. Intentar poner alguna palabra para cercar este padecimiento parece intensificarlo, como “quien rasca sobre una llaga”, como ella misma llega a decir. Los momentos de llanto se interrumpen por otros de silencio, y solo se alivian cuando le propongo tratar de comprender de dónde proviene este sufrimiento tan intenso que parece desarmarla. Sus padres se muestran preocupados porque en los momentos en los que queda anegada de angustia amenaza con terminar con su vida. Me confirma esta fantasía, si bien

²Cf. COHEN, L. *El juego favorito*. Buenos Aires: Edhasa, 2009. p. 13. Cada uno de los subtítulos que he escogido para este artículo corresponden a fragmentos de diversas obras literarias que fueron parte del intercambio simbolizante realizado con esta paciente a lo largo de su proceso analítico.

se reconoce como demasiado cobarde como para consumarla. No se trata concretamente de querer matarse, sino que la idea de morir se le aparece como la única forma de terminar con un dolor incesante que no le permite disfrutar nada. “Así la vida es insoportable. No se aguanta más. Nada me sale, nada está bueno... este dolor taladra” me dice, mientras me muestra los brazos en los que se ha realizado una serie de cortes superficiales, pero notorios. Se corta y se rasgña cuando todo le parece sombrío y desprovisto de sentido.

El dolor desgarrante de Martina la somete a una “inercia mortificante” (GREEN, 2005, p. 106). Los cortes en los brazos constituyen intentos de forjarse una representación en la superficie del cuerpo para un dolor que no encuentra estatuto simbólico. Solo la perturbación económica, el afecto como magnitud desbordante y pobremente cualificada, emerge amenazando la preservación del propio yo.

La figuración del dolor psíquico como una hemorragia interna se encuentra tempranamente en el pensamiento de Freud (1989g):

La soltura de asociaciones es siempre doliente. Mediante una hemorragia interna, digámoslo así, nace un empobrecimiento de excitación, de acopio disponible, que se manifiesta en las otras pulsiones y operaciones. Como inhibición, este recogimiento tiene el mismo efecto de una herida, análogamente al dolor (p. 245).

Y si bien, en numerosas ocasiones, se toma al dolor físico como prototipo, las referencias que se ofrecen lo tornan comparable al sufrimiento psíquico. El dolor resulta del fracaso de los dispositivos de protección que tendrían por finalidad morigerar y ligar las excitaciones que ingresan al aparato y amenazan la integridad del yo. Según el modelo del *Proyecto* (1989i) se plantea en los siguientes términos:

El sistema de neuronas tiene la más decidida inclinación a huir del dolor [...] Todo esto caracteriza al dolor como una irrupción de Q hipertróficas hacia ϕ y ψ , o sea, de Q que son de orden más elevado que los estímulos ϕ [...] Que el dolor vaya por todos los caminos de descarga es fácilmente comprensible [...] el dolor deja como secuela en ψ unas facilitaciones duraderas, como traspasadas por el rayo (FREUD, 1989i, p. 351-352).

Esta misma concepción será recuperada a posteriori en *Más allá del principio de placer* (1989h), donde se plantean al dolor y al traumatismo como irrupciones de sumas de excitación no ligadas que impactan sobre la membrana paraexcitaciones que opera como envoltura del yo. En este sentido, el dolor no se restringe a un incremento de tensión, sino que corresponde a una perforación limitada de la protección antiestímulo:

¿Y qué clase de reacción de la vida anímica esperaríamos frente a esa intrusión? De todas partes es movilizad la energía de investidura a fin de crear, en el entorno del punto de intrusión, una investidura energética de nivel correspondiente. Se produce una enorme «contrainvestidura» en favor de la cual se empobrecen todos los otros sistemas psíquicos, de suerte que el resultado es una extensa parálisis o rebajamiento de cualquier otra operación psíquica (FREUD, 1989h, p. 26).

Por lo tanto, la vivencia de dolor impone la referencia a un límite, a un borde que el yo representa y que se encuentra efraccionado. El dolor, tal como lo advertimos en el sufrimiento de Martina, concierne a un desborde de excitaciones que no alcanzan a ligarse suficientemente y a la vivencia de una ruptura localizada en los sistemas representacionales que cumplen una función protectora al interior de la tópica del yo. Esto nos conduce a conservar la distinción entre *Schmerz* (dolor) y *Unlust* (displacer): “[...] si uno puede decir que la teoría

del displacer, en una primera aproximación, prescinde de un cuadro tópico, por el contrario, la teoría del dolor es incomprensible sin ese modelo de un cuerpo y su límite" (LAPLANCHE, 1981, p. 189).

El yo, en tanto instancia de ligazón y de defensa, ofrece una urdimbre de ligaduras que modifica la circulación de las excitaciones, promoviendo su resolución por la vía de su engarce a representaciones. Por lo cual, el dolor no proviene entonces de la pérdida de un objeto (lo cual daría lugar al trabajo de duelo, que en sus primeros estadios va acompañado de un talante doliente), sino del desgarro y la desligazón que se produce en los sistemas de representaciones yoicas, imposibilitando los ligámenes que lo resguardarían de este riesgo de sufrimiento: "[...] el dolor interno que actúa como un aguijón constante proporciona un cuadro contrastado que opone signos exteriores discretos [...] a un huracán interior permanente" (GREEN, 1994, p. 144).

Cada vez que se reabre la herida, el estado psíquico da cuenta de una brecha dolorosa interna y continua. Como le sucede a Martina, la palabra, si bien constituye el recurso simbólico más sofisticado para propiciar las transcripciones simbólicas de aquellas excitaciones que atacan desde el interior, también adquiere un carácter activante de las inscripciones psíquicas traumáticas que disparan magnitudes de afecto desligadas y desligantes. En sus autolesiones, en las heridas superficiales que se inflige sobre sus brazos, el cuerpo se ofrece como superficie sobre la que se aspira a producir una transcripción de aquello que no ha alcanzado estatuto simbólico. Las cicatrices ofician como marcas escritas sobre la piel a través de las que se pretende alcanzar una figurabilidad (BOTELLA; BOTELLA, 2003) del padecimiento que la aqueja. El sufrimiento cumple, tal como afirmara Piera Aulagnier, una "función autoinformante (efecto-sufrimiento)" (1994b, p. 155).

"LA DESESPERACIÓN ES UN NIÑO GRITANDO EN LA NOCHE / Y UNA VOZ ORDENÁNDOLE QUE CALLE"³

Martina me llama telefónicamente en numerosas ocasiones, ya sea para pedirme más sesiones o para hablar en los momentos en los que se siente muy angustiada. Yo me dispongo a atenderla y cuando no puedo hacerlo inmediatamente, le propongo un tiempo de espera, acordando un horario lo más próximo posible a su llamada. En una ocasión en la que se ha peleado con una amiga con la que vive, me llama telefónicamente mientras, según me describe, permanece enrollada como un ovillo mientras me habla, totalmente cubierta por una frazada. Le digo que habla conmigo esperando que mis palabras la cubran mejor del dolor que la manta con la cual ha intentado protegerse. Las simbolizaciones que se van construyendo en el proceso del tratamiento, en el marco de sostén que la transferencia brinda, propician un continente ligador en el que comienza a desplegarse una sucesión de recuerdos infantiles traumáticos. Desde niña ha tenido terrores y largos insomnios. Se inquietaba ante la posibilidad de aparición de monstruos, sobre todo por las noches. El terror le impedía dormir. Recuerda permanecer despierta y pedir auxilio a sus padres, sin que estos la consolaran ni calmaran en los momentos de máxima desesperación. Por el contrario, sus padres oscilaban entre la indiferencia y el castigo por la molestia que les generaba. Con el ingreso a la escuela, se encontró con un reiterado maltrato por parte de sus compañeros. Le decían "gorda", "fea", "rara". Los insultos y el desprecio se volvieron reiterados y tampoco hallaron resonancia en sus padres, aun cuando ella les expresaba su malestar. Si bien los recuerdos reviven psíquicamente algo de ese sufrimiento, este se va tornando más soportable a medida que el proceso analítico avanza. Va constituyéndose una historia en la que empezamos a conectar su sufrimiento actual con todo ese encadenamiento de situaciones infantiles. Sus padres, lejos de alojarla y auxiliarla en su desvalimiento, la han dejado librada a sí misma o, en otros casos, le han confirmado que el rechazo que los otros expresaban estaba justificado. A partir

³ Cf. BERTAZZA, J. P. Al profeta Daniel. In: BERTAZZA, J. P. *Los que no hablan*. Córdoba: Alción Editora, 2009. p. 78.

de lo que vamos trabajando en el análisis, Martina puede pensar que desde niña se ha sentido profundamente sola. “Es vivir sin tener a nadie en el mundo... Estar sola parada arriba de un pozo negro. Miro para abajo y no veo nada. No hay fondo. Parece que todo se puede hundir, que yo me puedo hundir. En cualquier momento... Pero no es una sensación nueva, es como haber estado parada ahí todo el tiempo, sin que nadie me dé una mano”.

Desde los inicios de la experiencia freudiana, la problemática del traumatismo ha ocupado un lugar central en el contexto de una teoría sobre la génesis de las neurosis, que definió el impacto de lo histórico-vivencial con relación a las posibilidades de elaboración psíquica como determinación fundamental del padecimiento subjetivo. Esta orientación fecunda fue parcialmente eclipsada por la teoría de la fantasía y recobrada posteriormente a partir de la comprensión de las neurosis traumáticas. En este movimiento de recuperación de lo traumático vuelve a valorarse la eficacia de lo real y su incidencia en la determinación de los avatares del psiquismo.

Siguiendo a Freud (1989a), podemos considerar traumática a “[...] una vivencia que en un breve lapso provoca en la vida anímica un exceso tal en la intensidad de estímulo que su tramitación o finiquitación por las vías habituales y normales fracasa, de donde por fuerza resultan trastornos duraderos para la economía energética” (p. 252). Esta perspectiva, eminentemente económica, acentúa que el traumatismo psíquico da cuenta de los efectos que ciertos acontecimientos producen sobre la capacidad de tramitación de las excitaciones psíquicas por parte del sujeto, dificultando o impidiendo el empleo de las modalidades habituales de defensa y procesamiento de lo vivido.

Todo traumatismo supone la fractura de los sistemas psíquicos que permiten el dominio de lo vivenciado. Frente al exceso excitante que no logra organizarse, se impone un avasallamiento comparable a una inundación:

no podrá impedirse que el aparato anímico resulte anegado por grandes volúmenes de estímulo; entonces, la tarea planteada es más bien esta otra: dominar el estímulo, ligar psíquicamente los volúmenes de estímulo que penetraron violentamente a fin de conducirlos, después, a su tramitación (FREUD, 1989h, p. 29).

A partir de estas consideraciones, Silvia Bleichmar (2010; 2020) ha retomado vigorosamente la categoría “traumatismo”, definiéndolo como una ecuación entre la excitación psíquica producida por un acontecimiento y la capacidad ligadora del yo. El sujeto, sometido a la incidencia de lo traumático, se encuentra exigido a lograr la significación y el dominio interior de la vivencia. Esta tarea compleja se juega justamente en el borde entre lo conocido – aquello que se repite, que se articula con la historia, que parcialmente remite al pasado – y lo desconocido – lo inédito, lo incierto y productor de inquietud, resistente a la historización. Si bien la capacidad ligadora del yo se funda en sus recursos para la simbolización y metabolización de lo real, estas posibilidades de elaboración no dependen exclusivamente de sus condiciones subjetivas, sino también de los marcos simbólicos histórico-sociales que favorecen la articulación significativa de lo acontecimental a partir de su ensamblaje en el interior de una serie de significaciones compartidas.

Frente al incremento de las excitaciones hipertróficas se plantean dos alternativas: o el avasallamiento del sujeto y el desmantelamiento de sus recursos simbólicos para la tramitación de las cantidades o un contrainvestimento masivo con empobrecimiento de los procesos psíquicos y de los intercambios libidinales.

Ante el estupor inicial del traumatismo, el sujeto reacciona con estados de confusión y angustia desbordante – cuyos correlatos clínicos van desde el insomnio y las preocupaciones hipocondríacas hasta las repeticiones cuasi alucinatorias de lo vivido y el pánico. Frente a este impacto, cada quien padecerá en función de sus condiciones de ligazón: evacuación

masiva, desestructuración y desmantelamiento del pensamiento o rigidización y aislamiento. Ciertas formas de depresión y desaliento que se registran habitualmente dan cuenta de reales procesos de desarticulación psíquica o de una desconexión defensiva tendiente a generar un estado de anestesia frente a lo traumático.

Clínicamente, el carácter disruptivo del traumatismo psíquico dejará tras de sí diversas modalidades del padecimiento que tienen que ser cuidadosamente consideradas en todo trabajo analítico. Por un lado, se manifiestan trastornos de carácter transitorio: corresponden a formas que no siempre alcanzan el estatuto de un síntoma, pero dan cuenta de la profunda perturbación económica a la que fue sometido el psiquismo. Muchas alteraciones corresponden a reacciones frente al impacto traumático y se ligan a estados afectivos del orden de la angustia automática: parálisis y episodios de confusión o aturdimiento, dolor intenso, retracción y perplejidad, sensaciones de despersonalización, desorientación temporo-espacial, perturbaciones del juicio de realidad, insomnios con repetición de imágenes vinculadas con el acontecimiento traumático, irritabilidad y desasosiego. Otros trastornos tienden a instalarse silenciosamente y a perpetuarse en el tiempo, adquiriendo en algunas ocasiones un carácter permanente. Estas modalidades comportan una fijación al trauma y en general obstaculizan el trabajo de tramitación y duelo, generando formas de rigidización caracteriológica, melancolizaciones, alteraciones somáticas diversas, depresiones crónicas, inhibiciones significativas y modos disociativos de funcionamiento psíquico – por los cuales se escinde el concomitante afectivo que acompaña a las vivencia, se instala un estado de déficit de interés e iniciativa, o se recurre a una experiencia de hipervigilancia que mantiene al sujeto permanentemente alerta y volcado pragmáticamente a accionar sobre la realidad exterior sin acompañamiento de procesos de pensamiento. Es preciso delimitar adecuadamente en su estatuto metapsicológico a cada una de estas formas en que se presentifica la impronta de lo real vivencial traumático para definir el tipo de intervención pertinente.

Lo traumático nos devuelve la concepción de un psiquismo abierto a lo real, definido por la metábola y organizándose por *après-coup*, sometido a desbalances y recomposiciones permanentes a fin de conservar una cierta estabilidad (BLEICHMAR, 2020). Lo real exterior al psiquismo – en sus diferentes registros y formas de incidencia – tiene entonces una fuerza determinante cuyo impacto no se reduce a desencadenar lo ya existente ni a reencontrar lo ya inscripto, sino a producir efectivamente nuevos desequilibrios y eventuales rearticulaciones que deben ser discernidos en su especificidad.

Cuando el sujeto se halla inmerso en una situación traumática como la que venimos describiendo en Martina, que se extiende temporalmente desde los tiempos de infancia, generando enormes cuotas de sufrimiento y malestar, haciendo fracasar las formas habituales de funcionamiento psíquico sin poder establecer un reequilibramiento adecuado que mitigue los efectos desorganizantes de lo acontecido, la vivencia queda impregnada por los afectos del terror y de la angustia automática.

Clásicamente hemos entendido al terror como la reacción frente a un peligro que acomete de manera sorpresiva y para el cual el yo se encuentra impreparado, resultando de ello un desborde que excede su capacidad de elaboración o defensa (FREUD, 1989b; 1989e). Sin embargo, es posible advertir – como lúcidamente ha sido señalado por Bleichmar (2000) – que el terror también puede constituirse a partir de una vivencia que encarna un peligro conocido e inminente, respecto del cual el sujeto carece, aun pudiendo anticiparlo, de las posibilidades para sustraerse o defenderse de este. Algo de esta modalidad de emergencia aterrizante ha sometido a Martina a una repetición de intensas vivencias de desvalimiento que, aunque puedan anticiparse, la dejaban tempranamente librada a una imposibilidad de recaptura y resolución. La ausencia del adulto en su función protectora frente a la angustia deja al infantil sujeto a merced del terror.

En los tiempos de infancia, lo que opera como un diferencial fundamental es el estado de desvalimiento, al que Freud mismo aludiera con el término *Hilflosigkeit* (1989i), remitiéndola al estado de indefensión y desauxilio en que se encuentra el psiquismo en los inicios de la vida. El cachorro humano originariamente se halla en estado de desayuda porque carece de los respondientes y de los recursos simbólicos para defenderse o para resolver apropiadamente las exigencias y excitaciones que se imponen al funcionamiento psíquico. Requiere, por tanto, de un auxilio ajeno constituido por el otro experimentado, incluso para la más elemental satisfacción de las necesidades básicas, pero fundamentalmente para que se constituyan las condiciones de ligazón de las excitaciones. Si será tarea del yo producir estas ligazones, en los primeros tiempos de la vida el estado de desvalimiento y la ausencia de la argamasa representacional yoica impiden consumir la acción específica que tendría por resultado tanto la producción del placer como la resolución del dolor.

Este desvalimiento originario conduce a que las excitaciones provocadas por lo histórico-acontencional posean una potencialidad traumática mayor en tanto las capacidades de elaboración psíquica son menores. Impronta traumática que en muchos casos insiste a pesar de todo, “[...] sin poder sacártelo de la cabeza porque está siempre ahí... taladrándote, arruinando todo... esperando para hacerte estallar la cabeza, como el tic-tac de una bomba” – como también me comunicaba Martina, refiriéndose a la imposibilidad de desalojar de sus pensamientos ese retorno siniestro de los recuerdos atacantes que la habitaban –, como un cuerpo extraño perturbador, como una marca indeleble que no puede olvidarse ni sucumbir al desgaste por el paso del tiempo.

La desayuda es ante todo intrapsíquica, pero puede reforzarse ante la ausencia del otro que auxilia en el estado de sufrimiento. Como sostiene Silvia Bleichmar (2011), la ausencia del otro tiene que ver con el desvalimiento, y refleja el “[...] intervalo entre recibir y sentirse reconocido por el otro” (p. 71). El estado de indefensión se replica en el traumatismo, dejando al yo inerte frente al ataque interior de la pulsión de muerte: “A menor nivel de ordenamiento y de riqueza de estas representaciones organizadas, habrá mayor nivel de compulsión y de dominancia de la desligazón” (p. 144-145).

Como la propia Martina puede llegar a pensar en un momento del análisis, el sentimiento de soledad ocupa un lugar central en la cualificación de su sufrimiento. Melanie Klein (1991) ha definido este sentimiento de una manera formidable, dando cuenta de su notable penetración conceptual y humana:

Por sentimiento de soledad no me refiero a la situación objetiva de verse privado de compañía externa, sino a la sensación intensa de soledad, a la sensación de estar solo sean cuales fueren las circunstancias externas, de sentirse solo incluso cuando se está rodeado de amigos o se recibe afecto [...] La soledad puede nacer de la convicción de que no se pertenece a ninguna persona o grupo (p. 306-308).

La soledad de la que aquí se trata no es la añoranza del objeto de amor que se tuvo y se perdió, sino una angustia más temprana y profunda referida a un objeto que ha dejado al sujeto librado a sí mismo, en una indefensión intensa ante el ataque interno y no solamente frente al mundo: “La angustia de soledad es el efecto, por un lado, de la ausencia del objeto, y por otro, del carácter protector que tiene dicho objeto” (BLEICHMAR, 2011, p. 45).

Este sentimiento de soledad es irreductible a la presencia del otro. El otro no aparece como presencia calmante, ligadora, continente y amorosa, sino que su ausencia o el reencontro con sus desfallecimientos incrementan el padecimiento. Y si el otro desestima el sufrimiento, desmiente la percepción, permanece incommovible, se muestra indiferente o somete a una significación mortificante, se atenta contra la posibilidad del yo de investimento vital y deseante de su espacio psíquico y de los objetos que podrían poblarlo. En este punto, la indiferencia del adulto es vivida por el niño como crueldad (BLEICHMAR, 2011).

Por todo esto, que una vivencia se constituya en experiencia, integre el entramado psíquico y no condene a una repetición incesante o a un sufrimiento insoportable, depende de la posibilidad de metabolización de lo vivido. Podemos decir que el psiquismo realiza una operatoria similar al metabolismo biológico: los elementos nuevos deben ser descompuestos, asimilados e incorporados al tejido preexistente, y lo nocivo o inútil tiene que ser eliminado o evacuado. Esta metabolización puede ser comparada con una suerte de *digestión psíquica* – para emplear la conceptualización de Bion (1987) – que solicita recursos simbólicos, toda una trama de palabras, gestos de reconocimiento amoroso, prohibiciones y pautaciones que ordenan en una secuencia de significaciones las inscripciones psíquicas provenientes de lo real. Son estas simbolizaciones las que privilegiadamente organizan los acontecimientos en una historia reconocible, las articulan otorgándoles sentidos indispensables, aun cuando el suceso haya sido inicialmente traumático.

Este trabajo que realiza el yo para generar transcripciones simbólicas, teorizar y encontrar (o crear) significaciones, escribiendo para sí mismo infinidad de historias y relatos, se presenta como una exigencia difícil en los tiempos de infancia. Es allí, en esta dificultad, donde los adultos aportan sus palabras, transmiten sus ideales, donan sus representaciones y deseos, y permiten que se genere una capacidad de cualificación y significación que podrá posteriormente ser ejercida por el mismo niño.

Cuando falla esa función narcisizante del adulto – que crea condiciones de ligazón en el psiquismo infantil –, no se propician las mediaciones simbólicas que libran al niño de la compulsión de repetición y del carácter desligante de la pulsión de muerte. Ante el horror del abismo, el reconocimiento y la elaboración imponen la tramitación del terror, que no equivale a la pérdida de la memoria de lo acontecido. Estos procesos de simbolización implican la ligadura psíquica y la recomposición del entretejido representacional del psiquismo, con el propósito de derrotar a esa economía mortífera y descomplejizante que lo traumático y aterrador imponen.

“[...] LA ESPERANZA DE SER CONFORTADO LE DA VALOR PARA SUFRIR”⁴

Luego de varios meses de trabajo, el sufrimiento inicial va morigerándose. En una ocasión, Martina llega a la sesión con buen ánimo. Me dice: “Me gusta que en el consultorio haya muchos libros”. Efectivamente, hay una larga pared en la antesala con varias bibliotecas y otras más en el consultorio. “Me doy cuenta de que hay libros nuevos, eso es importante”. Le pregunto por qué le parece importante y me contesta que valora a quienes aprecian la cultura, el conocimiento, el arte. No es lo que sucede con sus padres, pero sí lo que ella quiere para sí misma y lo que la decidió a estudiar disciplinas artísticas combinadas. A partir de entonces, se inicia un periodo del análisis donde comenta películas que ha visto, me habla de la música que escucha y, en ocasión de relatarme el filme “Los hombres que no amaban a las mujeres”, me pregunta si conozco el libro y a su autor. Le respondo que sí, que he leído la saga de novelas de Stieg Larsson, que tengo el libro y que, si le interesa, puedo prestárselo. Acepta con placer y esto inaugura un intercambio de novelas, cuentos y poesía que se va enriqueciendo con sus propias ocurrencias y van propiciando la construcción de escenas, relatos y metáforas. Las palabras van inaugurando simbolizaciones y adquieren cada vez una mayor capacidad para la conformación de una trama en la que puede situarse, ya sin dolor, y localizar tanto su pasado como su expectativa con respecto al futuro, que comienza a proyectar en torno a un viaje y a la posibilidad de migrar a otro país en compañía de un muchacho, con quien ha iniciado una relación afectiva hace poco tiempo.

⁴ Cf. PROUST, M. *Por el camino de Swann*. Madrid: Unidad Editorial, 1999. p. 10. (En busca del tiempo perdido, v. 1). La frase transcrita está antecedida por el siguiente fragmento: “Este es el momento en que el enfermo que tuvo que salir de viaje y acostarse en una fonda desconocida se despierta, sobrecogido por un dolor, y siente alegría al ver una rayita de luz por debajo de la puerta”.

Si consideramos a los procesos de ligazón y desligazón como dos principios o modalidades de funcionamiento (LAPLANCHE, 2001), el trabajo analítico frente a lo traumático demanda inicialmente poner en suspenso la aplicación del método, en tanto operatoria deconstructiva de las formas con las que el sujeto ha intentado organizar teorizaciones y resoluciones sintomáticas, para producir primeramente ligámenes simbólicos y recomposiciones de la trama psíquica, ya que

A menor nivel de ordenamiento y de riqueza de estas representaciones organizadas, habrá mayor nivel de compulsión y de dominancia de la desligazón [...] En un principio las cantidades se activan por la activación de representaciones provenientes de los estímulos del mundo exterior que devienen excitaciones. Posteriormente, cuando el aparato se constituye [...] la activación de las representaciones lleva a la activación de las fuerzas psíquicas [...] Cuando estas representaciones son activadas por otras que entran en confluencia de manera traumática, algo se activa y busca la descarga (BLEICHMAR, 2011, p. 144-145).

Ante el horror de la desolación, la elaboración del traumatismo no equivale a la pérdida de la memoria de lo acontecido. Frente a lo indecible, lo inédito, lo inscripto no retranscripto, aquello para lo cual faltan representaciones, el silencio incrementa el padecimiento y cristaliza el terror. No se trata, por tanto, de pretender simplemente dejar atrás lo vivido, sino de desplegar un auténtico trabajo de duelo. Una vez que el traumatismo ha podido ser tramitado, aunque sea parcialmente, se establecen las condiciones para transitar un duelo.

El duelo, en tanto “[...] reacción frente a la pérdida de una persona amada o de una abstracción que haga sus veces” (FREUD, 1989d, p. 241), no es solo un trabajo psíquico que permite la elaboración de la ausencia, sino también la renuncia a ciertas representaciones, expectativas e ideales que resultan, por diversos motivos, irrealizables o imposibles. El reconocimiento penoso de ciertas imposibilidades, lejos de configurar una resignación melancólica a las condiciones imperantes que rebaja dramáticamente el sentimiento de estima de sí mismo, aspira a evitar una sumisión pasivizante y permitir la posibilidad de investimento de otras expectativas. En el caso de Martina, el proceso de duelo requirió emplazarse subjetivamente de una manera distinta con relación a lo vivido en la infancia y abandonar ciertas fantasías relativas a los padres que hubiera deseado tener, para poder superar la frustración y el resentimiento e investir otras representaciones-meta sobre su propio porvenir. Trabajo de desasimiento y reelaboración, no exento de tristeza, que posibilitó la invención de novedosos itinerarios deseantes. Subjetivar la pérdida a través del trabajo de duelo: en ello consiste la recomposición significativa que posibilita la transformación de la relación del sujeto con el objeto fantasmático (BAUAB, 2001).

En este punto se revela la imbricación entre duelo y temporalidad (LAPLANCHE, 1990), en la medida en que “[...] la pérdida obliga a un trabajo de puesta en orden de mi existencia [...] trabajo doloroso [...] que es sin embargo fecundo porque cada elemento se ve reenriquecido con toda su historia, antes de quedar reincorporado en un nuevo intento de vivir, un nuevo pro-yecto” (LAPLANCHE, 2001, p. 79).

Ya en “Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica” (1989f) Freud indicaba: “[...] la técnica analítica tiene que experimentar ciertas modificaciones de acuerdo con la forma de enfermedad y las pulsiones que predominan en el paciente” (p. 137). Esta sugerencia permite ampliar el campo de las herramientas analíticas para incluir otros instrumentos que resultan preparatorios o complementarios de la interpretación. Ante ciertas formas actuales de sufrimiento, el proceso analítico no puede limitarse a la interpretación del deseo inconsciente o a la aplicación del método en tanto movimiento de desarticulación de las formas espontáneas (defensivas) con las que el sujeto se ha representado una versión de su padecimiento.

Las intervenciones analíticas en las situaciones clínicas en las que predomina lo actual no pueden reducirse a una catártica bajo la tan extendida premisa de “poner en palabras”. Si bien es cierto que la palabra crea las condiciones para la ligazón de las excitaciones, esta no alcanza por sí misma para producir una simbolización que propicie su reensamblaje significativo. Los procesos de elaboración requieren de un trabajo de recomposición del entramado psíquico que no se subsume en la simple verbalización:

[...] los empobrecimientos psíquicos, las cicatrices queloides del psiquismo, efecto de traumatismos, los modos de compulsión y rechazo dan cuenta de formas de contrainvestimento que no logran organizar. Por eso el problema no pasa por la condena del acto en análisis ni por la interpretación, sino por la recomposición de las cantidades a partir de su ligazón en otros ensamblajes significativos (BLEICHMAR, 2014, p. 563).

El trabajo de elaboración (*Bearbeiten*) puede entenderse como la producción de una ligazón. Podemos, siguiendo a Laplanche (2001), establecer esquemáticamente dos tipos de ligazón: aquella que se vale de una cierta forma continente proveniente del exterior, como ocurre con la presencia del analista que ya brinda transferencialmente un cierto sostén ante el ataque interior de la pulsión y de la angustia que la revela; y la ligazón por simbolización, es decir, por composición y articulación de representaciones simbólicas capaces de organizar un ordenamiento estabilizante frente a la ajenidad pulsional.

En este sentido, es necesario considerar que existen diferentes niveles de esta ligazón y elaboración. Laplanche (1981) ha distinguido, por lo menos, tres niveles de elaboración psíquica: 1) la elaboración bajo la forma del afecto, que supone enlaces significantes con ciertas reacciones somáticas, como inicialmente puede advertirse frente a la emergencia de la angustia; 2) la ligazón a representaciones, que pueden dar origen a distintas formas del procesamiento psíquico; y 3) la ligazón entre sí de grupos de representaciones, conformando conglomerados representacionales complejos. Todas estas modalidades funcionan como un freno: “[...] El trabajo consiste en ligar esta energía indiferenciada, esta *X*, de manera que, precisamente, ya no fluya libremente, mecánicamente, sino que sea ligada a ciertos contenidos” (LAPLANCHE, 1981, p. 49).

El ejercicio de lectura, el intercambio de relatos e historias que atravesaron una parte significativa de la cura con Martina, brindaron la oportunidad para lanzar nuevas simbolizaciones y restaurar el tejido psíquico desgarrado. Parafraseando a Virginia Woolf, la práctica de la lectura permitió la construcción de “un cuarto propio” (2018, p. 15). Este espacio, que es también el de la cura analítica, evoca el trabajo psíquico de pensamiento que permite la elaboración de una posición de sujeto “[...] que construye su historia apoyándose en fragmentos de relatos, en imágenes, en frases escritas por otros, y que de allí saca fuerzas para ir a un lugar diferente al que todo parecía destinarlo” (PETIT, 2008, p. 47).

No solo la clínica del consultorio nos interpela con modalidades de padecimiento que ponen en jaque las premisas del encuadre tradicional. Múltiples experiencias, situaciones y contextos amplían en extensión el campo de aplicación del psicoanálisis: dispositivos clínicos en centros de salud, muchos de estos localizados en zonas urbano-marginales, que articulan tratamientos individuales con abordajes comunitarios; estrategias de intervención en contextos de exclusión social por medio de dinámicas diversas (talleres, espacios lúdicos y artísticos, grupos de reflexión, acompañamientos terapéuticos); propuestas de trabajo analítico con personas en situación de encierro (detenciones en comisarías, cárceles e institutos de reclusión); intervenciones en instituciones (educativas, de protección y amparo o jurídicas) orientadas a víctimas de violencias y de vulneraciones de derechos; participación en programas y equipos interdisciplinarios que llevan adelante políticas públicas en el campo de la salud mental, entre muchos otros.

Esta proliferación de un psicoanálisis extramuros no deja de concitar angustias y preocupaciones, especialmente en analistas jóvenes que se encuentran trabajando “en la trincherá” – como se suele decir – y que acompañamos en sus análisis, supervisiones y formación en nuestras instituciones. En esas situaciones se torna notable la insuficiencia de una técnica que pretenda encorsetarse en supuestas reglas inamovibles, como así también ciertas categorías conceptuales que entorpecen la comprensión metapsicológica y promueven un engañoso alivio bajo la forma de enunciados tales como “no hay demanda”, “no se instaló la transferencia”, “hay que aceptar la castración” o “el sujeto no se implicó en su síntoma”. Muchas de estas expresiones revelan una coartada que mitiga la angustia que genera la resonancia afectiva frente al padecimiento del otro y son compatibles con la propuesta que reduce la presencia analítica a una mera función deshabitada de la subjetividad de quienes la encarnamos.

Más allá de las desorientaciones y desaciertos producidos por el desacople entre la teoría y la clínica, o entre los diferentes modelos acerca del sujeto psíquico y las estrategias prácticas con que se cultivan las intervenciones, el método analítico sigue ocupando la posición central en la cura. Su implementación exige una serie de requisitos que determinan sus posibilidades de aplicación: inconsciente constituido a partir del clivaje tópico instaurado por la represión originaria, conflicto intrasubjetivo, sujeto capaz de posicionarse ante el inconsciente y operatoria de la represión propiamente dicha. La libre asociación supone un procedimiento detraductivo, desligante, asociativo-disociativo, que reclama ciertas condiciones de la estructuración subjetiva para poder desplegarse sin que el activamiento de lo reprimido ponga en riesgo la estabilidad psíquica. El inevitable desprendimiento de angustia que acompaña el transcurso del análisis es soportable gracias a la constancia del encuadre y a la presencia concreta del analista como soporte de la transferencia.

Por ello mismo, gran parte de los tratamientos actuales consisten en un complejo y costoso proceso para constituir un sujeto analítico, para crear las condiciones de analizabilidad que permitirán, eventualmente a futuro, la aplicación del método en sentido estricto. Se trata de instituir un sujeto de análisis en el marco mismo de un tratamiento que requiere previamente de procesos de recomposición psíquica que permitan la operatoria interpretativa. El trabajo de ligazón y simbolización apunta a un equilibramiento menos sufriente de la economía psíquica que posibilite un posicionamiento diferente con relación a lo inconsciente.

Ya no parece posible permanecer a la espera de que el sujeto analítico habrá de instalarse por sí mismo, dando por descontada su condición a priori, sino que es necesario desplegar una serie de gestos instauradores que creen sus posibilidades de puesta en marcha. Quienes practicamos el psicoanálisis no nos limitamos a ir al encuentro de un inconsciente que estaba allí desde siempre. En ciertas situaciones clínicas, nuestra intervención apunta a generar las condiciones de fundación de la tópica o su estabilización estructural, iniciando oportunidades de complejización psíquica para que lo pulsional encuentre un emplazamiento más o menos definitivo en el marco de un psiquismo abierto a nuevas experiencias, traumas y resimbolizaciones.

El alcance de la interpretación se ve restringido en aquellos casos en que las inscripciones que producen el sufrimiento no corresponden a lo secundariamente reprimido y no son rearticulables en el código de la lengua a partir de la asociación libre. Corresponden a inscripciones no transcribibles, nunca tramitadas por el lenguaje ni fijadas a los sistemas psíquicos, que operan como fragmento de realidad psíquica en el sentido más estricto, remanentes de lo vivencial:

Gran parte de los objetos de la pulsión – en su contingencia –, de los modos fijados de las compulsiones, de los elementos discretos [...] que aparecen como representaciones sobre las cuales no son posibles las asociaciones, son de este orden. Es una ilusión del

psicoanalista creer que todo aquello sobre lo cual la asociación se imposibilita es efecto de la resistencia: se trata, en la mayor parte de los casos, de elementos sobre los cuales la asociación es imposible porque se ven desligados (BLEICHMAR, 2009, p. 64).

El procedimiento que permite la captura y simbolización de estos fragmentos no transcritos se aproxima a la abducción: el establecimiento de una relación hipotética término a término. Si bien no son idénticas, la construcción freudiana guarda una similitud con el método abductivo en la medida en que refleja una tentativa de recomposición del entramado simbólico desgarrado. Silvia Bleichmar ha introducido el concepto de **simbolizaciones de transición** para designar a estas intervenciones cuyo sentido es posibilitar un nexo para la captura de los restos de lo real y permitir la apropiación de un fragmento representacional a partir del empleo de autotransplantes psíquicos, vale decir, de la implantación de contextos que han sido relatados o conocidos en el interior del proceso de la cura pero que no han sido aún relacionados con el elemento emergente.

Pensar al espacio analítico como lugar privilegiado de producción simbólica comporta considerar la posibilidad de construir ligámenes y sistemas representacionales capaces de transformar la repetición en novedad, de dar origen a nuevas posibilidades simbolizantes que alejen al sujeto de una inmovilidad mortificante: “[...] la cura es lugar de neogénesis del sujeto sexuado: tanto en las nuevas vías que abre para el establecimiento de lo sexual como en su ordenamiento en sistemas que inauguran destinos diversos para el placer y la sublimación” (BLEICHMAR, 1993, p. 295).

En los bordes de la técnica y de los dispositivos podemos ubicar un psicoanálisis de frontera: en los límites de la tópica psíquica, en los márgenes de la relación intersubjetiva con el otro, en el filo entre lo individual y lo colectivo. Si la clínica hoy nos enfrenta a “historias llenas de silencio y de furor”, tal como Piera Aulagnier describiera, el trabajo sobre el obstáculo y la producción de procesos de recomposición psíquica pueden alejarnos de la pasividad y de la parálisis para cooperar con quienes nos consultan buscando auxilio en la creación de experiencias subjetivas que hagan más habitable la vida y en la ampliación de los márgenes de libertad para el despliegue de la potencia imaginativa y deseante.

REFERENCIAS

- AULAGNIER, P. Condenado a investir. In: AULAGNIER, P. *Un intérprete en busca de sentido*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1994a.
- AULAGNIER, P. Nacimiento de un cuerpo, origen de una historia. In: HORNSTEIN, L. et al. *Cuerpo, historia, interpretación*. Buenos Aires: Paidós, 1994b.
- BAUAB, A. *Los tiempos del duelo*. Buenos Aires: Letra Viva, 2001.
- BION, W. *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1987.
- BLEICHMAR, S. *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu, 2000.
- BLEICHMAR, S. *El psicoanálisis en debate*. Diálogos con la historia, el lenguaje y la biología. Buenos Aires: Paidós, 2020.
- BLEICHMAR, S. *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- BLEICHMAR, S. *La fundación de lo inconciente*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- BLEICHMAR, S. *Las teorías sexuales en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 2014.
- BLEICHMAR, S. *Psicoanálisis extramuros*. Puesta a prueba frente lo traumático. Buenos Aires: Entreideas, 2010.
- BLEICHMAR, S. Simbolizaciones de transición: una clínica abierta a lo real. In: BLEICHMAR, S. *El dismantelamiento de la subjetividad*. Estallido del yo. Buenos Aires: Topía, 2009.

- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- FREUD, S. 18ª conferencia. La fijación al trauma, lo inconsciente. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989a [1916]. v. XVI.
- FREUD, S. 25ª conferencia. La angustia. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989b [1916]. v. XVI.
- FREUD, S. 34ª conferencia. Esclarecimientos, aplicaciones, orientaciones. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989c [1933]. v. XXII.
- FREUD, S. Duelo y melancolía. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989d [1917]. v. XIV.
- FREUD, S. Inhibición, síntoma y angustia. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989e [1926]. v. XX.
- FREUD, S. Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989f [1910]. v. VII.
- FREUD, S. Manuscrito G. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989g [1895]. v. I.
- FREUD, S. Más allá del principio de placer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989h [1920]. v. XVIII.
- FREUD, S. Proyecto de psicología. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989i [1950]. v. I.
- GREEN, A. *La concepción psicoanalítica del afecto*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1994.
- GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.
- KLEIN, M. El sentimiento de soledad. In: KLEIN, M. *Obras completas*. Buenos Aires: Paidós, 1991. v. 3.
- LAPLANCHE, J. Duelo y temporalidad. *Trabajo del Psicoanálisis*, v. 4, n. 10, p. 9-18, 1990.
- LAPLANCHE, J. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- LAPLANCHE, J. *La angustia. Problemáticas I*. Buenos Aires: Amorrortu, 1981.
- PETIT, M. *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- WOOLF, V. *Un cuarto propio*. Santa Fe: Redes de Tinta, 2018.

O QUE SE ABRIGA QUANDO ABRIGAMOS CRIANÇAS? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O TRABALHO EM TEMPOS DE ENCHENTES

WHAT DO WE SHELTER WHEN WE SHELTER CHILDREN? AN EXPERIENCE REPORT ON WORKING DURING TIMES OF FLOODING

¿QUÉ SE ALBERGA CUANDO ALBERGAMOS A LOS NIÑOS? UN RELATO DE EXPERIENCIA SOBRE EL TRABAJO EN TIEMPOS DE INUNDACIONES

Pâmela Soares Bratkowski¹

Joanna Arcari Romero²

Luiza Gaudie Ley Brunelli³

Laura Anelise Faccio Wottrich⁴

Resumo: Por meio do artigo, pretende-se compartilhar recortes da experiência de acolhimento realizada por um grupo de psicólogas junto a crianças e adolescentes em um abrigo criado em Porto Alegre durante as enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024. Ao reconhecerem-se os efeitos potencialmente traumáticos das vivências que crianças, adolescentes e adultos enfrentaram perante a catástrofe climática, articulou-se um espaço de livre brincar. A partir da necessidade de abertura de espaços de elaboração e de simbolização do vivido pela via do brincar, bem como da construção de narrativas lúdicas e ficcionais que permitissem dar contorno ao sofrimento e à dor, optou-se pela construção de uma sala específica para o livre brincar, organizada a partir das doações de brinquedos, jogos, livros e materiais gráficos. Em meio ao trabalho, o grupo se deparou com diferentes repercussões psíquicas frente aos acontecimentos, assim como com o que foi descortinado pelas enchentes: o descaso e a exclusão social da população abrigada. A partir dos relatos e das brincadeiras, adentrou-se o universo daqueles indivíduos a fim de acompanhá-los no processo de elaboração não só daquilo que estava sendo vivido naquele dado momento, mas também de um histórico de privação de direitos que precedia esse acontecimento. Assim, diante da situação potencialmente traumática e do desamparo, amplificados pelas perdas de referências materiais e simbólicas, buscou-se estabelecer espaços protegidos, onde crianças, adolescentes e seus familiares pudessem encontrar amparo, bem como reencontrar e construir recursos que lhes permitissem enfrentar e atravessar os inúmeros efeitos e desafios apresentados durante o período crítico das enchentes.

Palavras-chave: Enchentes. Trauma. Crianças e adolescentes. Brincar. Psicanálise.

¹ Psicóloga, psicanalista, presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (Gestão 2024/2025) e membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8170-5531>. E-mail: pamelasoaresb@gmail.com

² Psicóloga e psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8660-8265>. E-mail: jo.arcari.romero@gmail.com

³ Psicóloga e psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0720-1520>. E-mail: brunelliluiza@gmail.com

⁴ Psicóloga, psicanalista, especialista em Saúde Mental Coletiva e mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7706-6185>. E-mail: lau.wottrich@gmail.com

Abstract: This article aims to share excerpts from the experience of welcoming children and adolescents in a shelter created in Porto Alegre during the floods that devastated the state of Rio Grande do Sul in May 2024. Given the potentially traumatic effects of the experiences that children, adolescents, and adults faced in the face of the climate catastrophe, a space for free play was created. Based on the need to open spaces for elaboration and symbolization of the lived experience through playing, as well as the construction of playful and fictional narratives that would allow for outlining suffering and pain, it was decided to build a specific room for free play, organized from donations of toys, games, books, and graphic materials. During the work, the group came across different psychological repercussions of the events, as well as what was revealed by the floods: the neglect and social exclusion of the sheltered population. Based on the stories and games, we entered the universe of these individuals in order to accompany them in the process of elaborating not only what was being experienced at that given moment, but also a history of deprivation of rights that preceded that event. Thus, given the potentially traumatic situation and helplessness, amplified by the loss of material and symbolic references, we sought to establish protected spaces, where children, adolescents, and their families could find support, as well as rediscover and build resources that would allow them to face and overcome the numerous effects and challenges presented during the critical period of the floods.

Keywords: Floods. Trauma. Children and adolescents. Playing. Psychoanalysis.

Resumen: A través del artículo pretendemos compartir extractos de la experiencia de amparo realizada por un grupo de psicólogos con niños y adolescentes en un albergue creado en Porto Alegre durante las inundaciones que devastaron el estado de Rio Grande do Sul en mayo de 2024. Ante los efectos potencialmente traumáticos de las experiencias que niños, adolescentes y adultos enfrentaron ante la catástrofe climática, se creó un espacio para jugar libremente. A partir de la necesidad de abrir espacios para la elaboración y simbolización de lo vivido a través del juego, así como la construcción de narrativas lúdicas y ficticias que permitan dar soporte al sufrimiento y el dolor, se decidió construir una sala específica para el juego libre, organizado a partir de donaciones de juguetes, juegos, libros y material gráfico. Durante su trabajo, el grupo se enfrentó a diferentes repercusiones psíquicas de los hechos, así como a lo revelado por las inundaciones: el abandono y exclusión social de la población albergada. A partir de los cuentos y juegos, nos adentramos en el universo de esos individuos para acompañarlos en el proceso de elaboración no sólo de lo que se estaba viviendo en ese momento, sino también de una historia de privación de derechos que precedió a ese evento. Así, ante la situación potencialmente traumática y de desamparo, amplificado por la pérdida de referencias materiales y simbólicas, buscamos establecer espacios protegidos, donde los niños, los adolescentes y sus familias pudieran encontrar apoyo, así como redescubrir y construir recursos que les permitieran enfrentar y superar los numerosos efectos y desafíos presentados durante el período crítico de inundaciones.

Palabras clave: Inundaciones. Trauma. Niños y adolescentes. Jugar. Psicoanálisis.

“Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela não
Porque na casa não tinha chão.

Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali.

Mas era feita com muito esmero
Na Rua dos Bobos, número zero.
Mas era feita com muito esmero
Na Rua dos Bobos, número zero.”
(*A casa*, de Vinicius de Moraes)

O poema *A casa*, de Vinicius de Moraes, serve aqui, na abertura do texto, como um disparador sutil, mas expressivo, de como a leve intenção na escolha das palavras, que alcança o universo infantil, pode também denunciar questões sociais de alta relevância. A vida está atravessada, cada vez mais, por inúmeras situações que revelam distintas nuances de sofrimento, mal-estar e sintomas. O sofrimento pode ser entendido como categoria social e o mal-estar, por sua vez, diz respeito à condição do sujeito no mundo.

Ainda que falemos, posteriormente, a respeito das crianças, a acusação de Vinicius, presente no poema, pode dar indícios do sofrimento e do mal-estar de uma camada populacional. Quem é o sujeito, quem é o cidadão que reside na “Rua dos Bobos número zero”? Estaria o cidadão que vive em um endereço sem número ou em uma rua sem denominação sofrendo algum tipo de déficit na sua cidadania? Qual a razão e quais os possíveis efeitos de uma provável não formalização daquele endereço pelo poder público municipal? Já não são conhecidos desde Machado de Assis, em “O Alienista”, os perigos do exagero, onde o julgamento muda, isola ou classifica pessoas em um determinado grupo numa tentativa de exclusão do outro que é diferente? Ou mesmo desde Freud, com o conceito de alteridade, que demanda o reconhecimento e o trabalho com a diferença?

29 de abril de 2024, Rio Grande do Sul, Brasil. Numa sequência de temporais, a água transbordou e invadiu municípios, arrasando cidades e destruindo vidas. Inundou lugares públicos e tirou famílias de suas casas, chegando até onde nunca havia chegado. As inundações impactaram drasticamente as populações afetadas e os efeitos serão acompanhados ao longo dos próximos anos. Ainda que se reconheça o impacto geral do ocorrido, há de ser caracterizada a dimensão singular e subjetiva provocada por eventos dessa magnitude.

Diante disso, como podemos pensar a construção de espaços de cuidado ao sujeito que vivencia situações extremas e com potencial traumático? Seria o testemunho uma possibilidade de criação de uma narrativa que produza costuras simbólicas àquilo que foi experienciado?

A fim de discorrer sobre as questões levantadas acima, serão apresentados recortes da experiência de acolhimento em um abrigo criado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS). As autoras deste artigo fizeram parte de um grupo de trabalho destinado à abertura de um espaço de elaboração e simbolização do vivido para as crianças e adolescentes abrigados.

FEITA COM MUITO ESMERO

Diante do desalojamento de muitas famílias de suas casas, inúmeros abrigos foram montados em diferentes pontos da cidade de Porto Alegre, assim como em outros municípios.

Dentro desses, distintas organizações ocorreram a partir do investimento e da mobilização de diversos profissionais, da comunidade e de órgãos públicos. Foram criados espaços de alimentação, atenção à saúde, higiene, acomodação, bem como outros espaços coletivos.

A experiência contada neste relato se passou no ginásio da ESEFID e teve início com a transformação deste em um espaço de acolhimento que chegou a receber 650 pessoas desabrigadas nas primeiras semanas das enchentes. A montagem e a organização dessa estrutura ocorreram de forma bastante rápida, respondendo ao tempo da urgência instaurado pelo desastre e pela tragédia climática e social. Ainda no dia 4 de maio, segundo dia de enchentes em Porto Alegre, diferentes setores da universidade foram mobilizados a fim de iniciar a construção dos fluxos necessários ao processo de acolhimento, contando ainda com um enorme contingente de voluntários, que também somaram esforços desde o primeiro dia.

Foi nesse contexto que um grupo de docentes, trabalhadores voluntários e estudantes, sob coordenação da direção do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana (IPSSCH/UFRGS), organizou-se para realizar o acompanhamento psicossocial das crianças, adolescentes e adultos abrigados. Inicialmente, fez-se uma aproximação e um levantamento dos dados e das necessidades principais de todas as famílias abrigadas, identificando-se, assim, também as especificidades das crianças e dos adolescentes acolhidos. Esse movimento inicial foi realizado a partir da adaptação de uma ficha de triagem utilizada pela Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul nas enchentes do Vale do Taquari no ano de 2023, a qual seguiu sendo usada sempre que uma nova família ou grupo ingressava no abrigo.

A partir desses primeiros contatos e do reconhecimento das diversas demandas presentes entre as famílias abrigadas, estabeleceram-se quatro linhas de trabalho, coordenadas por grupos de trabalho específicos vinculados ao IPSSCH/UFRGS. Os grupos de trabalho foram nomeados: GT Infância e Adolescência, GT Saúde Mental, GT Mobilização e Articulação e GT de Dados e Informação. O presente trabalho se refere, então, à experiência do grupo responsável pela atenção às infâncias e adolescências no contexto do abrigo, que se desenvolveu durante todo o período de funcionamento deste, do dia 4 de maio ao dia 28 de junho de 2024.

Atentos aos efeitos potencialmente traumáticos das vivências que crianças, adolescentes e adultos enfrentaram diante das tragédias e catástrofes que assolaram os mais diversos territórios do estado, o grupo de trabalho da infância e adolescência articulou-se ao espaço de livre brincar organizado junto a colegas dos cursos de Dança, Enfermagem, Educação Física, Música e Pedagogia da UFRGS. Ao reconhecer a necessidade de abertura de espaços de elaboração e de simbolização do vivido pela via do brincar, bem como da construção de narrativas lúdicas e ficcionais que permitissem dar contorno ao sofrimento e à dor, optou-se pela construção conjunta de uma sala específica para o acolhimento de crianças e adolescentes, organizada a partir das doações de brinquedos, jogos, livros e materiais gráficos e escolares.

A sala do brincar, como ficou conhecida, localizava-se no segundo piso de um dos pavilhões da universidade e foi dividida entre uma área específica para bebês de zero a dois anos, e outra na qual permaneciam as crianças e adolescentes a partir de três anos. No lado das crianças maiores, a organização do espaço visava ao convite ao livre brincar, ao mesmo tempo que acolhia diferentes formas de expressão e de construções lúdicas. Havia, assim, uma grande mesa disposta com materiais de desenho, recortes e colagens; outro espaço com livros infantis; outro com caixas com fantasias e adereços; espaços com brinquedos diversos; e jogos para diferentes faixas etárias. A proposta era de que as crianças pudessem circular livremente e escolher com o que brincar naquele momento, estando sempre acompanhadas pelos profissionais e estudantes das áreas acima mencionadas, que iam mediando e produzindo intervenções nas brincadeiras conforme as necessidades.

O grupo de voluntários (composto interdisciplinarmente por profissionais, docentes e estudantes das diferentes áreas) aguardava as crianças na sala em dois horários diferentes, no

turno da manhã e à tarde. As crianças eram recebidas, identificadas e convidadas a brincar naquele espaço. Durante o período de abrigo, diferentes propostas e arranjos foram realizados. Em alguns momentos, foram levadas atividades dirigidas, como leitura e música, mas o principal objetivo deste espaço era que as crianças pudessem, elas mesmas, escolher os jogos, brinquedos e brincadeiras a serem inventados.

Aos poucos, as crianças foram se apropriando daquele novo e desconhecido local. Percebemos, com o passar do tempo, que, ao chegarem à sala, já buscavam com o olhar objetos e atividades com as quais estavam a fim de brincar, constituindo o local como um espaço familiar. Apesar das pequenas mudanças a cada turno, devido a alguns brinquedos danificados que precisavam ser retirados, a equipe tentava organizar o espaço de forma que as crianças pudessem ter uma vivência de continuidade e de pertencimento, com o intuito de produzir alguma continência ante o desamparo produzido pela saída forçada e apressada de suas moradas.

Antes mesmo do horário de abertura da sala, era possível ver o entusiasmo e a animação das crianças ao aguardarem do lado de fora, em uma fila. Muitas eram trazidas pelos familiares, conforme proposto pela equipe, enquanto outras compareciam em grupos. Em cada um dos turnos, chegaram a circular mais de cinquenta crianças na sala, o que demandava uma grande equipe e uma articulação afinada entre os pares.

Os profissionais, docentes e estudantes voluntários ficavam à disposição na sala e eram convidados pelas próprias crianças a se juntarem às brincadeiras. Algumas, posteriormente, reuniam-se aos voluntários e às outras crianças que já estavam em atividades – jogando, desenhando, lendo histórias ou construindo cenas lúdicas com os brinquedos disponíveis. Outras vezes, notamos que algumas crianças já chegavam à sala procurando algum voluntário com quem já haviam brincado em outras ocasiões, indicando o estabelecimento de vínculos e da busca pela experiência de continuidade.

Ao longo do tempo, percebemos que as crianças chamavam os adultos de “sor” ou “sora”. Entendemos que esse movimento pode ter ocorrido devido ao fato de muitas das crianças já estarem em idade escolar e buscarem, talvez, identificar algo familiar naqueles que ali estavam acompanhando-as.

Como os voluntários das equipes trabalhavam no abrigo conforme uma escala, e não em tempo integral, algumas combinações precisavam ser feitas para poder dar continuidade às brincadeiras, ou mesmo para contornar situações nas quais algumas crianças se desorganizavam – o que ocorria principalmente nos encerramentos dos turnos. Uma das estratégias utilizadas foi permitir que as crianças fizessem um envelope com seu nome para guardar um brinquedo favorito, de forma a tentarmos assegurar que aquele brinquedo, e também o espaço, estariam preservados até o momento de seu retorno. A confecção de envelopes, caixas e outras formas de invólucros e superfícies continentais, bem como as brincadeiras com barracas, mantas e almofadas, foi uma constante que se manteve ao longo de todo o período da abrigagem, e nos permite pensar no trabalho psíquico que estava em jogo ali, no sentido da necessária construção de bordas e de espaços seguros e acolhedores que pudessem suportá-las em seus processos de elaboração da experiência vivida.

Vimos constituir-se, assim, uma perspectiva de trabalho em grupo e no coletivo que visava dar lugar, também, às singularidades e demandas específicas de cada criança, considerando os diferentes arranjos e modos de travessia dos desafios impostos a elas naquele momento.

NÃO TINHA TETO, NÃO TINHA NADA

Em meio à nossa experiência no grupo de trabalho com crianças, deparamo-nos com aquilo que foi descortinado pelas enchentes: o descaso e a exclusão social. A cada relato ou

brincadeira, pudemos conhecer um pouco de seus universos e acompanhá-las no processo de elaboração não só daquilo que estava sendo vivido naquele momento, mas de um histórico de privação de direitos que precedia aquele acontecimento.

Essas situações puderam ser testemunhadas em várias brincadeiras e atividades. Os mundos eram incertos, sofriam muitas explosões e tinha-se pouca confiança no que iria acontecer no futuro. Uma das crianças que nos apresentou as vicissitudes desse mundo não só imaginário, mas real, foi Marina⁵. Seu mundo já tinha muitas rupturas, apesar de ter apenas dez anos, e precisava de muitos remendos, como ela nos mostrou nas poucas vezes em que compareceu à sala do brincar.

Marina era uma menina esperta, mas se mostrava sempre brava e arredia com as demais crianças e voluntários. Ela constantemente reclamava, empurrava ou batia nas outras crianças. Quando alguém lhe chamava a atenção nessas ocasiões, virava os olhos para cima e dizia: “Ai, sora, que saco”.

Em uma dessas vezes, disse a uma das voluntárias que queria usar o durex que tinha em mãos e não dividir com a outra menina que também queria o item. A profissional, então, perguntou o que ela fazia com aquele durex, e ela disse que iria colar coisas, sem especificar de quais se tratava. Foi proposto a ela, então, que encontrassem um ou até mais durex coloridos, bem como algo que ela quisesse colar.

Ao escutar a proposta, Marina mudou sua expressão e demonstrou entusiasmo, saiu correndo pela sala em busca de algo. Ao voltar, trouxe uma caixa de papelão e disse que queria arrumá-la. O trabalho foi intenso. Cada pedacinho da caixa tinha que ser forrado com as diferentes cores de durex. Nas partes em que havia algum furo ou rasgo, a fita era passada ainda mais vezes. Aos poucos, além das colagens, a partir da proposta da psicóloga, Marina passou a enfeitar a caixa, fazendo flores e corações, e incluiu as iniciais dela, da profissional e de um menino que passava algumas vezes pelo local e perguntava como estava a reforma da caixa. Ao final daquele turno, tínhamos uma linda caixa que pôde abrigar alguns brinquedos da sala.

Passados alguns dias, Marina retornou à sala e, ao ver a mesma voluntária, perguntou: “Tu é a sora da caixa?”. Ao receber a afirmação, saiu correndo atrás de durex e de outra caixa para consertar, além da anterior, para mostrar como essa última estava. Naquele dia, não havia mais fitas coloridas, mas, além da sua própria caixa, Marina também consertou uma que sua irmã estava utilizando como berço para uma boneca.

Enquanto brincava de enfeitar a caixa com a psicóloga e com uma professora de dança, que faziam alguns recortes para a decoração, Marina seguia reclamando quando as coisas não saíam como ela havia imaginado. Nessas ocasiões, ela dizia: “Ai, sora”, “Ai, não é assim”. Em meio a isso, outra criança, que estava brincando com um voluntário próximo a elas, deu alguns passos para trás e esbarrou no material de Marina. Ela, muito brava, tentou dar um tapa na outra menina e disse: “Sai para lá, isso é nosso!”. A psicóloga, ao ver a situação, comentou: “Acho que foi sem querer, ela não nos viu”, ao que Marina respondeu: “Sem querer! É sempre sem querer, sora. Ai [faz som de raiva]. Nunca ninguém vê nada, né”.

Naquele dia, além de refletirmos sobre o manejo na sala do brincar, com frequentes situações de desentendimentos, em que tínhamos de agir rapidamente para evitar um conflito ainda maior, também ficamos ecoando as palavras de Marina: “É sempre sem querer... Nunca ninguém vê nada”. A dimensão da frase de Marina extrapola a situação com a outra menina, também uma criança, que realmente não viu o material atrás dela. Marina pareceu demonstrar uma indignação por ser sempre forçada a entender que é “sem querer”, como uma resistência a não se conformar com aquilo que já está presente na sociedade, e que foi

⁵ Destacamos que, com o objetivo de preservar o sigilo, os nomes mencionados neste artigo são fictícios.

escancarado e reatualizado pelas enchentes: a exclusão e o abandono social⁶. Tal indignação não deve ser só dela, mas Marina denuncia em nome de tantas outras crianças. Essas, sem serem olhadas e protegidas de tantas inundações, precisam estar sempre alertas, reativas e na defensiva, por não poderem contar com os recursos e condições necessárias para brincar livremente, sem precisar se ocupar ou se defender do entorno. Entorno este que pode invadir, invalidar, desamparar ou destruir.

Zornig (2022) refere que o trabalho com crianças cujos contextos são de carência de serviços básicos, abandono social e poder do tráfico suscita questionamentos sobre os impactos e os sintomas que podem se apresentar. Segundo a autora, tais situações dificultam que as crianças confiem no laço social e projetem o futuro, além de fazer com que apresentem dificuldades na linguagem, cognição e afetos. Dessa forma, o trabalho vai no sentido de proporcionar a recuperação das “condições psíquicas que permitam a apropriação subjetiva ante o efeito disruptivo da violência do outro” (p. 231).

Marina, assim como outras crianças com as quais nos deparamos, faziam do brincar o que Zornig (2022) pontua ser uma imitação da realidade traumática, mais do que uma construção simbólica ou até mesmo uma descarga. Por essa razão, assim como sinaliza a mesma autora, trabalhávamos na sala do brincar de forma a testemunhar o que fora vivenciado por essas crianças, tomando o cuidado para que elas não se sentissem questionadas ou invadidas. Dar testemunho da própria vivência, ter a oportunidade de endereçar o sofrimento a alguém – no presente caso, aos membros do nosso grupo de trabalho – é uma forma de tentar elaborar o potencial traumático do que foi experienciado (GONDAR; ANTONELLO, 2016).

Além de Marina, inúmeras outras crianças manifestaram diferentes formas de agressividade frente às situações vividas. Breno foi um menino que muito nos demandou durante todos os turnos. Frequentemente, ele entrava na sala sem se reportar aos profissionais que recebiam as crianças, jogava-se nos tatames ou dirigia-se rapidamente à caixa de brinquedos. Ao pegar um brinquedo, na maioria das vezes, arremessava-o em direção a outra criança, sem que essa tivesse sequer olhado para ele. As situações se agravavam quando a outra criança o xingava ou queria agredi-lo, fazendo com que a equipe tivesse que contê-lo até conseguir manejar a situação.

Em determinado dia, Breno e outro menino, que chamaremos de Rui, entraram na sala correndo, quase derrubando todos que estavam em seus caminhos. Os dois foram até a caixa de fantasias e começaram uma disputa pelo “Homem de Ferro”. Em meio ao conflito, mordidas, socos e palavrões partiam de cada um dos meninos. Foi preciso um longo tempo para que ambos se acalmassem a partir do combinado feito pela equipe de que cada um usasse a fantasia durante a metade do turno.

A nossa aposta, nessas situações, era de nos emprestarmos enquanto um objeto que os protegia para não se machucarem, mas também capaz de suportar a agressividade, a qual é fundamental e arcaica a cada criança e pode se exacerbar nestes contextos. Ao mesmo tempo, como aponta Zornig (2022), apresentamo-nos como um objeto que “resiste à tentação de vitimizar a criança, reconhecendo seu sofrimento e sua dor, mas mantendo a aposta de implicá-la como sujeito de sua história” (p. 243).

Nesse sentido, a direção do trabalho implica legitimar e validar a dor e o sofrimento experienciados pelas crianças, construindo, junto com elas, espaços e superfícies onde possam expressar o vivido, mas também elaborá-lo, de modo a acessar e construir recursos próprios e singulares que lhes permitam fazer a travessia da experiência potencialmente traumática.

⁶ Conforme dados publicados pelo Observatório das Metrópoles, as regiões mais afetadas pela enchente foram aquelas que concentram principalmente as populações de baixa renda. O recorte racial dos atingidos também indicou que as áreas que mais sofreram com as enchentes apresentaram uma concentração expressiva de população negra (GOMES, 2024).

As intervenções propostas não tinham como objetivo o interpretar, mas sim, pensando com Ferenczi (1992), o “sentir com” e, a partir disso, poder acolher e dar contorno às expressões de frustração, raiva, tristeza, dentre outras que possam emergir nesses momentos. Isso possibilita que elas assumam uma posição ativa frente ao ocorrido, e que, num segundo tempo, tal como nos mostra Marina, possam elaborar formas de reparação e de reconstrução de seus objetos atingidos.

UMA CASA MUITO ENGRAÇADA

Ao seu modo, cada criança teve a oportunidade de, pouco a pouco, tentar elaborar e dar um sentido àquela vivência que inundou cidades, lares e psiquismos, sem aviso prévio. Ao passo que alguns pequenos visivelmente enfrentaram mais dificuldades nessa tarefa, conforme relatos supracitados, outros apresentavam sinais de que nem toda marca referente às enchentes seria necessariamente traumática.

Em um dado final de semana, uma das psicólogas da nossa equipe estava acompanhando as crianças em uma oficina sobre tatu-bolas, mediada por um grupo de estudantes de biologia. As crianças puderam conhecer os insetos, pegá-los na mão e muitas delas criaram casinhas para os tatuzinhos. Em meio a tudo isso, Iago, um menino de aproximadamente seis ou sete anos, chama a profissional e pede que ela veja o seu desenho.

A psicóloga repara que o menino havia criado uma história em quadrinhos sobre um tatu-bola. Ela pede que Iago conte a história do personagem inventado por ele. Ele inicia: “Neste primeiro aqui, o tatu tá no mundo dos sonhos. Ele teve que deixar o mundo original dele, e vai precisar passar por vários mundos até retornar para o dele”. E continua: “Lá no mundo original, ele passava muito tempo sozinho, não tinha muitos amigos. E aconteceu uma explosão lá, mas o tatu conseguiu fugir. Ele se salvou. E agora ele vai passar por vários outros mundos”, diz enquanto aponta para os diferentes quadrinhos com mundos coloridos. “Nesses outros mundos que o tatu está passando, ele fez vários amiguinhos. E agora ele tá até mais feliz do que ele era no mundo original dele, sabia? Esse mundo aqui é o mundo quase original”, e mostra o penúltimo quadrinho. “O próximo já vai ser o tatu no seu mundo original”. E então finaliza sua narrativa com o tatu-bola voltando para seu mundo de origem, acompanhado de vários outros tatuzinhos.

Pode-se pensar que a produção de Iago representa a maneira como ele próprio simbolizou sua experiência desde o dia em que as águas invadiram a sua casa. No momento em que sua história em quadrinhos foi escutada pela psicóloga, muitas famílias já estavam deixando o abrigo. Algumas conseguiram retornar a seus lares, enquanto outras foram remanejadas para abrigos de longa permanência. Um tempo significativo já havia se passado desde que os desabrigados chegaram ao campus. A psicóloga que testemunhou o trabalho simbólico de Iago o viu apenas naquele dia, portanto não há informações de como o menino vivenciou todos os dias anteriores. É possível imaginar que houve períodos de maior ou menor desorganização psíquica e que, com o passar do tempo, o garoto foi construindo laços sociais significativos com outras crianças e mesmo com adultos de referência, como os profissionais, estagiários e voluntários do abrigo. Pode-se inferir que ele se sentiu amparado e acolhido por esses. A partir disso, teve a oportunidade de elaborar e construir um sentido para o infortúnio com o qual ele e sua família se depararam.

Espera-se que tanto nele quanto em outras crianças possa ter ficado um outro registro que não o do traumático. Ou que, ao menos, para além do traumático, também tenham sido inscritas marcas de cuidado. Desejamos que mundos coloridos possam fazer parte dos registros desses tempos, tanto para os pequenos quanto para nós, trabalhadores voluntários das enchentes de 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de trabalho desenvolvida no abrigo da ESEFID, durante o período das enchentes de 2024, possibilitou que acompanhássemos os caminhos e construções singulares de crianças e adolescentes, e também do coletivo, na travessia de um momento de perdas e de deslocamentos significativos. A criação de um espaço de acolhimento às infâncias e adolescências visou dar lugar aos diferentes modos de expressão da dor e do sofrimento, permitindo que um trabalho de luto e de reconstruções pudesse, ali, encontrar abrigo.

Diante do possível trauma e do desamparo, amplificados pelas perdas de referências materiais e simbólicas, buscamos estabelecer espaços protegidos onde pudessem encontrar amparo, bem como reencontrar e construir recursos que lhes permitissem lidar com os inúmeros desafios enfrentados naquele momento. O trabalho interdisciplinar e em rede apresentou-se como recurso primordial na construção do cuidado e do acolhimento necessários a todos que se viram tolhidos e destituídos de seus direitos e de suas referências mais básicas e fundamentais.

Com Freud (2020), aprendemos que, ao brincar, a criança tem a possibilidade de elaborar ativamente aquilo que viveu passivamente, construindo recursos e ampliando seu repertório de respostas e de saídas perante os desafios encontrados. A sustentação de tempos e espaços de livre brincar, durante o período da abrigagem, apostou, assim, na potência lúdica e criativa própria da infância, o que possibilita a construção de saídas e de outros destinos frente a ocorrências potencialmente traumáticas – desde que se encontre o reconhecimento e o amparo necessários a esse processo.

Assim como o brincar, a oportunidade de contar e de lembrar das experiências pode contornar, em certa medida, a dor da perda material e inaugurar o relato da perda como parte da história do sujeito. Há uma aposta e o reconhecimento, nesta análise, da necessidade de que se estabeleça um novo pacto de vivência social. Trata-se de tornar possível que a “Rua dos Bobos” faça parte, de fato, do território investido das cidades, a fim de que as vivências e as demandas de sua população não sigam invisíveis e invisibilizadas perante a sociedade. Espera-se, assim, que crianças, adolescentes e suas famílias não precisem se conformar com seus territórios, concretos ou simbólicos, sendo frequentemente invadidos pelas águas do descaso social; e que possam ser reconhecidos como sujeitos e cidadãos – sujeitos do desejo e de direitos.

REFERÊNCIAS

- FERENCZI, S. A elasticidade da técnica psicanalítica. In: FERENCZI, S. *Obras completas de Sándor Ferenczi: Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v. IV. (Trabalho original publicado em 1928).
- FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 57-205. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- GOMES, Luís. Bairros atingidos pelas enchentes têm concentração expressiva de população negra. *Sul 21*, Porto Alegre, 17 maio 2024. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2024/05/bairros-atingidos-pelas-enchentes-tem-concentracao-expressiva-de-populacao-negra/>. Acesso em: 15 out. 2024.
- GONDAR, J.; ANTONELLO, D. F. O analista como testemunha. *Psicologia USP*, v. 27, n. 1, p. 16-23, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>. Acesso em: 15 out. 2024.
- ZORNIG, S. A.-J. Quando o brincar perde sua função de transicionalidade: reflexões acerca do impacto da violência na constituição psíquica. In: CARDOSO, M. R.; MACEDO, M. K.; ZORNIG, S. A.-Z. (Orgs.). *Figuras do extremo*. São Paulo: Blucher, 2022. p. 229-249.

PRINCÍPIO DE NIRVANA E APTIDÃO À LINGUAGEM

THE NIRVANA PRINCIPLE AND APTITUDE FOR LANGUAGE

EL PRINCIPIO DEL NIRVANA Y LA APTITUD PARA EL LENGUAJE

Daniel Delouya¹

Resumo: O trabalho sustenta, a partir do livro de 1920 *Além do princípio do prazer* e o artigo de 1924 *O problema econômico do masoquismo*, a hipótese de que o nirvana abriga uma aptidão à linguagem, essa que intervém para engendrar a pulsão, o prazer e o mundo psíquico. O autor tece, também, baseando-se no mito freudiano sobre a origem do homem nos livros de 1913, *Totem e tabu*, e de 1921, *Psicologia das massas e análise do eu*, uma hipótese sobre a origem do nirvana e sua aptidão à linguagem. Na parte final do trabalho há algumas considerações sobre o destino da linguagem na cultura atual.

Palavras-chave: Princípio de nirvana. Aptidão à linguagem. Binômio pulsional. Servidão enamorada.

Abstract: Based on the 1920 book Beyond the pleasure principle and the 1924 article The economic problem of masochism, the work supports the hypothesis that nirvana harbors an aptitude for language, which intervenes to engender the drive, pleasure and the psychic world. Based on the Freudian myth about the origin of man in the 1913 book Totem and taboo and the 1921 book Psychology of the masses and analysis of the self, the author also hypothesizes about the origin of nirvana and its aptitude for language. The paper's final part contains some considerations on the fate of language in today's culture.

Keywords: The principle of nirvana. Aptitude for language. Drive binomial. Servitude in love.

Resumen: Basándose en el libro de 1920 Más allá del principio del placer y en el artículo de 1924 El problema económico del masoquismo, este trabajo sostiene la hipótesis de que el nirvana alberga una aptitud para el lenguaje, que interviene para engendrar la pulsión, el placer y el mundo psíquico. Basándose en el mito freudiano del origen del hombre en el libro Tótem y tabú de 1913 y en el libro Psicología de las masas y análisis del yo de 1921, el autor también formula hipótesis sobre el origen del nirvana y su aptitud para el lenguaje. En la parte final de la obra se hacen algunas consideraciones sobre el destino del lenguaje en la cultura actual.

Palabras clave: Principio del nirvana. Aptitud para el lenguaje. Binomio pulsional. Servidumbre en el amor.

¹ Psicanalista, membro efetivo com funções didáticas na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E-mail: danieldelouya@gmail.com

O artigo de Freud de 1924 sobre o masoquismo efetua um passo inusitado em relação à linguagem na psicanálise, embora não mencione a linguagem. Contudo, Freud se reporta à palavra, ou melhor, à sua imagem acústica enquanto registro mnêmico. Não obstante, o lugar desta imagem em relação à linguagem se efetua em um contexto bem maior e já no início desse ensaio, ao se referir ao livro *Além do princípio do prazer* (FREUD, 2010a), de 1920, onde introduz o conceito da pulsão de morte. A pulsão de morte está nas filigranas de tudo que diz respeito ao negativo, ou à oposição na obra de Freud, e desde seus inícios. A pulsão, assim denominada, comparece em Freud, inicialmente, em relação à vida, ao sexual. O que denominamos de sexual, aquilo que embrenha os nossos afetos, pensamentos e ações, e que resulta na constituição da dimensão cultural enquanto área compartilhada entre sujeitos no amor, sexo, violência, religião, política, literatura, arte, tecnologias de bem e mal-estares etc., é consequência de um *desvio* originário das necessidades, das exigências vitais, empreendido pela linguagem em meio aos cuidados prestados pelos adultos ao recém-chegado ao mundo. Um desvio tributário do nascimento da pulsão. A pulsão é fonte inexaurível de engendramento indeterminável, uma *excitação* cujos pontos de chegada são imprevisíveis, dando o ensejo às noções imaginativas que temos da vida enquanto tal. Não obstante, Freud (2010c) alega que *as pulsões são guiadas em seus roteiros e destinos pelas finalidades das metas da autoconservação; a satisfação delas*. Significa, em termos da segunda tópica, que, ao se desviar, a pulsão é comandada, ao mesmo tempo e secretamente, a voltar, no sentido contrário, aos seus pontos de partida, a um “si”, à morte de si mesma. Eis por que Freud afirma que os destinos da pulsão – inibição de seus fins, o retorno sobre si, a reversão no contrário, as formações reativas, as identificações, o recalçamento, a sublimação etc. – são *defesas* em relação ao desvio em direção à vida que ela sofre pelo outro, pela cultura. A pulsão, por fim, submete-se, então, à morte, ou é, afinal, de morte, porém nossa ênfase seria sobre o intervalo, sobre a vida; ou seja, o potencial pulsional de engendrar indeterminadas formas, objetos e modalidades psíquicas. E, ao mesmo tempo, a morte se inscreve, também, na novidade pulsional constituindo a vida psíquica.

É a imposição da morte sobre a irrupção pulsional que permite inscrever e precipitar – gerar diferenças – as redes mnêmicas, as referências autoeróticas, as identificações, os afetos, e outras aquisições psíquicas. Essa encapsulação ou retenção de potencial de vida pela morte possibilita a história, a memória em constante transformação (GRAEBER; WENGROW, 2018).² Eis por que, para fins de ilustração, cada recalçado é assentado sobre uma calda pulsional que o habilita a se associar a outros recalcados, aumentando a rede mnêmica que a subtende ou a retornar à consciência pelas deformações sucessivas em sintomas, ou então a emergir no sujeito como admissão afetiva.

Já na segunda página de seu *Projeto de uma psicologia* (1995), Freud estava próximo de enunciar o nome de pulsão de morte, embora não tenha podido fazê-lo. Refiro-me ao parágrafo em que estabelece dois princípios que governam a vida psíquica: o primeiro, o da *excitação*, devido a um estímulo oriundo seja do exterior, seja do interior, efetuando, pelo aparato muscular, uma descarga que visa à satisfação; o segundo, o do princípio da *fuga* e de retraimento dos estímulos dolorosos. Ambos se mesclam um no outro, juntando-se ao mesmo fim, e configuram as futuras pulsões de vida e de morte, respectivamente.

No ensaio de 1920, Freud reverte as perspectivas que tínhamos até então: o princípio de prazer *não* se encontra desde o início, há um outro arranjo que o antecede e o condiciona. Freud situa este último na ordem da repetição, e compulsiva, em função da dor e de experiências dolorosas. A repetição ocorre porque as excitações não têm êxito na satisfação, elas são barradas pela fuga da dor, pela pulsão de morte, mas insistem em retornar compulsivamente.

² Seria interessante a esse respeito visitar essa obra, escrita por um antropólogo e um arqueólogo, em que eles mostram que as tribos originárias constituíam sociedades igualitárias, desprendidas de domínio e de posse, com ajuda mútua, liberdade de gênero e gozo compartilhado dos bens.

A repetição tem em seu bojo a excitação com sede de vida, e insiste, quando um ingrediente essencial falta ou é insuficiente para que as excitações encontrem um destino na realização, no advento de prazer. Esse ingrediente vem de fora e o denominamos de *linguagem*. Nos três terrenos nos quais Freud explora essa repetição – as neuroses traumáticas de guerra, o brincar das crianças pequenas e a atuação no cenário analítico –, apenas no segundo a dor encontra êxito no prazer, enquanto no terceiro obtém-se uma espécie de gozo no impasse, na dor de repetir. É possível vislumbrar o masoquismo do eu nos três, embora a criança se torne capaz de transformá-lo pela linguagem, simbolizando a falta, e dominá-la por um tempo, tendo um ganho de prazer.

Não vou desenvolver, nesse momento, a carência da linguagem nos terrenos que Freud elege para apontá-la em 1920. Vou passar para o ensaio de 1924 onde Freud, depois de assinalar, surpreso, as tendências masoquistas na vida pulsional, parte, para decifrar tal enigma, para os princípios que governam a vida psíquica. O que ocupa Freud nesse momento não é apenas a economia desses princípios, mas também as qualidades acopladas às suas quantidades e tensões, uma vez que Freud nota que existem excitações prazerosas assim como distensões de desprazer, de modo que o prazer não se relaciona apenas com a descarga, nem o desprazer com a excitação.

No trabalho *O princípio econômico do masoquismo*, Freud evoca “o princípio que rege todos os processos psíquicos como um caso especial da *tendência à estabilidade*” de Fechner, mas prefere adotar a formulação de Barbara Low em torno do *princípio de nirvana*, já que a estabilidade se deve “à intenção de reduzir a nada a quantidade da excitação” (FREUD, 2011b, p. 185), desde que se conserve ainda uma vida. É preciso, aqui, frisar o ganho desta nova adoção freudiana, pois *o nirvana é uma estase de um gozo de quietude* que só a posteriori revela seu arranjo dinâmico e econômico. Em outras palavras, o nirvana abriga *um topos*, um espaço e uma descrição de uma qualidade vivencial. Freud elenca, então, o nirvana como o ponto de origem da vida: “devemos reparar que o princípio de nirvana, que pertence à pulsão de morte, experimentou no ser vivo uma modificação que o fez tornar-se princípio de prazer” (FREUD, 2011b, p. 187). Se juntamos o que foi dito em relação ao livro de 1920, de que o princípio de prazer se origina de fora, pela linguagem, no artigo de 1924, a aptidão à linguagem encontra-se embutida no nirvana, no gozo da quietude; gozo que é governado e exprime, como afirma Freud, a pulsão de morte. O nirvana, como estado inicial, configura uma estase pré-pulsional que somente com a irrupção das exigências vitais revela uma estrutura dinâmica e econômica que a subtende, isto é, o masoquismo primário, erógeno. Sigo fornecendo um contexto maior para esse quadro, já que nessas definições preliminares devemos integrar concepções ou achados psicanalíticos oriundos de dois estágios na obra de Freud, a primeira e a segunda tópica, ainda que a segunda possa ser sustentada independentemente da primeira.

Se o vivente, organismo biológico de um mamífero, é despertado de início por organizações pré-formadas, instintos, para atingir metas fixas, isto é, satisfazer positiva e negativamente a necessidades e precauções (evitar perigos à vida), respectivamente, o choro poderia ser um meio instintivo de sinalização a quem estaria pronto biologicamente a amamentá-lo, aquecê-lo e protegê-lo.

O choro, sim, mas o que diríamos do grito? O grito é dor, agonia, angústia, todas vinculadas diretamente à linguagem que está prestes a efetuar um desvio em meio à satisfação das necessidades, afastando e aliviando os perigos e incômodos dos estímulos internos e externos. Freud, baseando-se nas *expressões das emoções* (Darwin) do rosto do bebê que grita, supõe, já no *Projeto para uma psicologia científica* (1995), que o bebê se encontra *alterado*, pois identifica uma hostilidade do mundo em consequência dos ataques das exigências vitais. Freud diria que a dor vira, por uma identificação projetiva, o predicado do objeto enquanto maldade e hostilidade. Ou seja, uma contrariedade pelo fato de o bebê ser arrancado, pelos estímulos internos e externos, de uma paz, de um gozo de quietude.

Somente em 1924 Freud estará munido de subsídios clínico-teóricos para dar conta dessa trama, estendendo suas elaborações nos livros de 1926 e 1939, respectivamente – *Inibição, sintoma e angústia* (FREUD, 2014) e *Compêndio de psicanálise* (FREUD, 2018). Pressupõe-se uma reserva mítica de gozo de quietude, nirvana, um estado acordado consciente, pré-consciente e inconsciente (FREUD, 2018). Arrancado desse estado e espaço de gozo, pelas necessidades vitais, pela exposição à dor que causam, essas exigências surgem como ameaças hipocondríacas, desespero oriundo de um despertar do tempo, angústia persecutória, mas que é também agonia depressiva (perda de espaço). Ocorre uma transformação de um estado atemporal que é, ao mesmo tempo, uma estase econômica parada, em que a agressão das necessidades vitais revela, *après-coup*, por meio da interrupção do nirvana, uma estrutura pré-pulsional com economia bastante peculiar: duas tendências dinâmicas opostas, de irrupção eferente (vida) e de retração aferente (morte), uma segurando a outra, uma se amalgamando à outra, mas com uma disjunção leve, basal, entre as duas.

Essa disjunção se deve à predominância da retração da pulsão de morte, e com isso ela dota o estado de gozo de quietude, nirvana, de passividade, de receptividade. Esse ponto de partida evoca, de um lado, o recinto de criatividade em Balint, mas sobretudo o estado de não integração, de amorfia, de Winnicott, como potencialidade criativa, dependendo de um ambiente que a verteria seja para a desintegração, seja para a integração. O gozo da quietude, com sua disjunção basal, é uma disposição receptiva aos efeitos da linguagem para a geração da pulsão e seus sucedâneos. Para Freud, a disjunção basal é também a fonte do masoquismo erótico, da ambivalência e da bissexualidade originárias, todas potencializadas pela linguagem para destinos indefinidos previamente, cujas possibilidades de formação são inesgotáveis. Por que esse estado e essa economia se dispõem à linguagem, e o que seria a linguagem?

Antes de arriscar responder a essas questões, vale resumir o saldo dessa breve exposição em que o estado de desamparo é consequência da deturpação do estado primordial de gozo de quietude, um existindo em dependência do outro, um tendo o outro como premissa em face das exigências vitais. Volto, agora, ao desafio da questão da linguagem. Ela me parece ancorada na sedução, no convite inconsciente do adulto, de seu recalçado. Seduzir é excitar, despertar, espicaçar, introduzindo, terna e delicadamente, um ruído, um certo desequilíbrio econômico na disposição receptiva do gozo de quietude que se mantém graças a uma disjunção basal de tendências opostas. Esse ruído precisa logo, e *apenas em parte*, ser contrabalançado por uma contenção, nesse caso, por uma tradução linguageira, não necessariamente em palavras, mas de imagens de movimento.

Nesse caso, a contenção de um ruído significa uma assimilação de forma, uma transformação, em consonância com a excitação e a contenção das duas tendências opostas abrigadas nessa mônada de nirvana. Se a linguagem é ritmo de voz e de gestos, de corpo e seus fonemas, ela é, ao mesmo tempo, um desencadeamento infinito de significantes com a promessa de se alojar temporária e randomicamente em estações de sentidos e significações. Essa obra de construção de corpo e do tempo, *psique*, deve-se então à sedução embutida na ternura que a linguagem proporciona.

Embora eu admire o modo com o qual Laplanche fez trabalhar Freud, resgatando a sedução originária e sua tradução, prefiro dispensar a sedução e a tradução, juntando-as com Freud e incluindo-as no amor dos pais, como ação psíquica da linguagem que instaura o sujeito: o bebê remete o adulto ao bebê que ele próprio foi outrora aos olhos dos próprios pais, como promessa de gozo infinito e indefinido, sem as aquisições culturais, ou seja, desvestido de sua história ulterior de traumas, impasses, frustrações e decepções. Nesse sentido, o amor, parafraseando Lacan, é dar aquilo que você não tem e que jamais obterá, mas que você transmite, projeta no bebê, cuida, ou seja, autosseduzindo-se pela sua cria e a seduzindo como esperança de que ela seja mais bem-sucedida em lidar com os impedimentos que a aguardam na travessia da vida.

Para tanto, há um cuidar, um investimento como complemento libidinal da autoconservação, e um investimento que lança o bebê, seduzindo-o para a vida, instaurando, assim, a partição entre a libido do eu nascente e a libido objetal. O amor aqui, como um dar aquilo que não se tem, autotransfigura a estrutura da linguagem, que é proporcionada ao bebê. A excitação nessa sedução, aliando-se à moção eferente do binômio pré-pulsional, transforma o gozo de quietude em prazer, novidade trazida pela linguagem, em vez do alívio da satisfação das exigências vitais. O nascimento da pulsão leva de uma excitação a outra.

A pulsão, portanto, não se pode satisfazer, a não ser por uma *realização* alucinatória tomando como substrato as vias das traduções que lhe são propostas. Em *Projeto de uma psicologia*, Freud afirma que o adulto fornece, junto à satisfação das necessidades fisiológicas, imagens de movimento, notícias de “si” ao bebê, quando este se encontra em desamparo. Essa oferta segue a um acolhimento de seu desamparo segundo um valor de compaixão. Porém, a introdução de imagens de movimento, de linguagem, encontra-se no valor de condução, uma espécie de convite, sedução para a vida. A nomeação pelo adulto empenha o *Darstellbarkeit*³, cuja tradução seria a figurabilidade (casal Bottela), a presentificação (Laplanche) ou as condições de representabilidade (Strachey). Trata-se de uma *transformação* da ira alucinatória diante de uma suposta (projetiva) hostilidade do objeto em um subsídio de tempo, uma vez que a alucinação tomaria partido dessa provisão imaginativa como apropriação de uma espera e esperança, à qual sucede a possibilidade de pensar diante de uma falta (o pensamento, afirma Freud, é um *Ersatz*, um sucedâneo da alucinação) como morada entre os outros. Isso porque o adulto recruta tanto a sua compaixão como os meios de condução, pela via regressiva, pela sua *rêverie*, da criança que ele foi outrora junto a seu meio humano. Essa comunicação entre a criança no adulto e sua cria é tributária do laço social, comunitário. Freud a designa como a passagem de uma hostilidade para a amizade, efetuada pelo adulto próximo, o *Nebenmensch* (FREUD, 1995). Existe, portanto, no cerne da reação do bebê às excitações originárias, uma capacitação alucinatória, uma propensão universal à alucinação (*a universal liability to hallucination*, segundo WINNICOTT, 1975, p. 215). A alucinação visa a um retorno ao estado de nirvana, à paz, mas já com o ganho dos aportes da linguagem provida pelo adulto. É, portanto, a linguagem vinda de fora, da psique do adulto, que cria a pulsão e o corpo e seus derivados.

As traduções, exercidas pelo objeto, valem-se de duas fontes complementares: uma diz respeito às coordenadas herdadas da história que instaurou o ser humano pelo assassinato do pai e que gerou o molde da identificação primária com o pai e suas decorrentes estruturas polarizadas das fantasias de origem (adulto/criança, cena primária e diferença dos sexos, as três aspirando à volta ao gozo da quietude do mítico útero materno). Essa fonte é instintual, herdada.⁴ A outra é oriunda de sua transmissão simbólica viva que constitui o acervo inesgotável à disposição do adulto para a tradução que, na cultura, tem um desenvolvimento próprio: por exemplo, os gêneros, a proibição do incesto, as molas do Édipo e suas variadas espécies de símbolos etc. Nesse deslize entre instinto e o substrato pulsional, oriundo do nirvana, podemos arriscar com a hipótese de que essa reserva de gozo de quietude, enquanto aptidão à linguagem, criou-se, na história da humanidade, pela segunda comunidade dos irmãos no mito do assassinato do pai da horda (após sua morte), esta que é imersa, pela criação da falta, na saudade, no luto, pela palavra, poética, e no ímpeto de invenção da vida sob a lei para a troca, o brincar e o prazer – Freud, *Totem e tabu*, de 1913 (2010d) e *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921 (2011c).

Se, de um lado, temos as organizações instintivas da autopreservação com suas molas de satisfação das necessidades, e, de outro, os alertas de dor e de fuga de estímulos, estes se avizinham ou são encobertos de uma reserva de energia parada, de gozo de quietude, prova-

³ Essa é a terceira sessão do trabalho de sonho, tal como Freud o elabora em 1900, em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 2019).

⁴ Ver a esse respeito *O homem dos lobos* (FREUD, 2010a).

velmente formada na longa história da espécie humana, que revela, pela incitação do estrogo sossego (FREUD, 2011a), do fragor da vida, ser um binômio de disjunção pré-pulsional basal de duas tendências opostas configurando o masoquismo primário que Freud preconiza como constitucional (FREUD, 2011a).

No início, a forte mobilização pelas exigências vitais gera desamparo, como defesa desse abalo. Essa incitação, porém, em virtude da conexão do centro motor no cérebro aos veios acústicos do centro da linguagem (FREUD, 1987), propicia a receptividade da linguagem no interior da fresta criada pela disjunção do arranjo pré-pulsional. Entre o espernear do corpo da criança e seu grito e o corpo e a voz do adulto, integra-se concomitantemente, no intervalo do aumento da disjunção, uma excitação, *pulsão*, e sua parcial ligação, modulação em formas, tradução, em imagem de movimento cujo saldo econômico e saldo vivencial seriam o prazer. O grito se mune, pela escuta do adulto e sua linguagem, de uma apropriação linguageira, de um corpo, daí a precipitação mnêmica da imagem acústica, singular, que o bebê adquire, em sofrimento, para curar o desespero de seu organismo em pane diante das excitações. A liberação da excitação impele, através da tradução, à realização sob a modalidade de figuração alucinatoria, fonte do imaginário, propício a criar imagens e fantasias como condição de representação. Essa é provida, entre as coordenadas instintivas herdadas da história da espécie, como receptáculo vazio ao amor, e a tradução pelo adulto, enquanto portador da voz da cultura.

O ingrediente performativo das fissuras do bebê é, de um lado, o representante psíquico da pulsão aberto à linguagem, à tradução, e, de outro, a contínua excitação. Se o amor do adulto é infiltrado de carências significativas próprias, embrenhadas de paixões (Ferenczi), a abertura à linguagem será comprometida, resultando numa pobre provisão, ou seja, aumentando o desespero do bebê, sendo convocada uma defesa ante a disjunção progressiva, incitada pelas exigências vitais, pela contenção automática, isto é, pela moção retrativa, que desembocaria, então, numa compulsão à repetição entre necessidade desesperançosa e defesa.

Ao tornar explícita a pressuposição do desamparo e da hostilidade primária à vida numa reserva primária de gozo de quietude, Freud delinea assim uma aptidão ao amor, uma receptividade e abertura à linguagem. Não é por acaso que, já no caso Elizabeth, Freud intuía que a origem dos afetos e da linguagem se encontra numa só fonte, que seria, com apoio de Darwin, a dependência da ação, provisão e interpretação do outro. Por outro lado, Melanie Klein, em suas formulações tardias, postulava uma variedade constitucional da aptidão ao amor (*capacity for love*), ou seja, a tolerância à inveja primária. A reserva de gozo da quietude não é outra coisa senão essa aptidão ao amor.

Foi Melanie Klein quem, aliás, apostava, mais do que outros, que o cuidado amoroso e sobretudo o autêntico prazer (*enjoyment*) da mãe, e depois do analista, são capazes de reverter parte dessa desconfiança, dessa falha amorosa na constituição do bebê. O trabalho efetuado entre essa reserva de gozo de quietude de origem e a linguagem, que tem como efeito a geração da pulsão e da memória, garante uma indefinida e infinita cadeia de espécies psíquicas como repertório do engendramento do sujeito.

Se o masoquismo primário é um estado de receptividade em função de uma tendência de excitação e outra oposta, de retraimento, com o predomínio da última, o objeto toma partido da excitação para seduzir e da moção contrária para conter e traduzir, transformando a perda do gozo da quietude em prazer, em função da progressiva apropriação das pulsões de vida, das referências eróticas e de seu registro mnêmico. Tudo isso ocorre, inicialmente, em um estado de passividade e de indiferenciação dos corpos por parte do bebê, até uma aquisição suficiente que permite um vislumbre da separação dos corpos. Nesse momento, a lógica do masoquismo erógeno se transforma numa outra, de masoquismo feminino, na percepção da sujeição da criança ao adulto, onde vigoram os ditames do mestre e seu discurso como condição de amor concedido à ampliação da sexualidade infantil, perversa polimorfa. Como indica Freud no livro de 1926, a aparente cesura do ato de nascimento, isto é, do gozo

da quietude mítica e uterina, é compensada pela transformação desse gozo em morada de interesse e prazer junto aos outros. Nesse sentido, essa substituição prefigura um corte e uma continuidade com a vida uterina. Não obstante, no livro de 1926, Freud aponta como essa passagem do masoquismo originário para o masoquismo feminino, sob o comando do adulto e sua linguagem, é atravessada também por uma conversão do teor da angústia. A angústia automática, de desamparo, de cunho de uma agonia hipocondríaca, é convertida, inicialmente, após a provisão materna, em angústia de separação, angústia de saudades das provisões prazerosas da mãe, e prosseguindo com a diferenciação maior, há o vislumbre do terceiro, o que desperta a angústia da perda de amor. Essa entrada no roteiro edípico converteria essa angústia em angústia de castração. Esses três estágios abarcam a transição do masoquismo erógeno para o feminino. A castração põe o sujeito às portas da latência onde assistiremos a uma transformação radical, pois as garantias amorosas já não se encontram em casa, mas nos ideais sociais que marcariam a inserção no grupo. Daí em diante é o advento sucessivo das angústias sociais e do supereu que se colocariam em voga. A expressão dos laços sociais se configuraria nos elos da homossexualidade sublimada. Nesse momento ocorre a entrada no masoquismo moral, porém, os alcances desse são maiores.

Seria preciso retomar um longo caminho para discorrer sobre a evolução desse diálogo entre a reserva primária, o desamparo e a linguagem para mostrar seus liames com a criação do laço social (amor, ciúme e identificação). Na medida em que se adentra a cultura, essa revela uma exigência crescente para a adaptação a seus ditames cujo horizonte perdemos de vista. Isso significa uma contenção da descarga em prol da sublimação e da identificação que requerem uma suspensão da descarga, acúmulo de tensão e disjunção progressiva do amalgamado pulsional que se teceu junto ao trabalho do objeto em torno do masoquismo primário e seu binômio pulsional (FREUD, 2011b). O sujeito se sente incapaz de atender aos ideais e, portanto, encontra-se diante da perda da morada junto aos outros. Ele desenvolve uma culpa inconsciente em relação aos ideais, um mal-estar que se traduz como doença ou como *burnout*. É uma forma de desespero por meio da qual assinala um retorno ao desamparo de origem, acometido das piores angústias, a do destino (“o que será comigo?”). A linguagem, nesse momento, declara-se falida. O amor na amizade, sexual e conjugal, assim como a arte, a literatura, o esporte, o turismo etc. são saídas que podem estender os laços comunitários outrora estabelecidos junto aos objetos da infância. Entretanto, o alcance destes é limitado, já que os ditames da cultura se referem à sobrevivência, sobretudo econômica. Nesse caso, a vulnerabilidade aumenta em face às exigências adaptativas em função da disjunção pulsional e o dismantelamento do tecido psíquico que se criou a partir dele. A cultura oferece, então, compensações que estão no nível do gozo, uma espécie de gambiarra para rejunta o que ficou disjuntado e ameaça a cultura de uma agressão que até então procurava conter no sujeito. Ela oferece práticas de escoamento no gozo, de um lado, e, de outro, a recorrência – em face da eclosão do pânico, do desamparo e de medos do destino e suas angústias hipocondríacas de origem, desencadeados pela disjunção do binômio pulsional – às religiões laicas e outras, desde as modas e as terapias médicas e psicológicas de correção até a adesão às propostas políticas fanáticas, todas vislumbrando a salvação diante da insuficiência do laço social em conter o excesso da demanda dos ideais. Ideais que visavam conduzir o grupo humano ante o desconhecido.

O luto exigido pela perda ilusória do poder absoluto deveria abdicar, na cultura, da satisfação libidinal plena junto aos outros, assim como do domínio pleno da natureza e de nossa vulnerabilidade corpórea para encontrar na tensão entre o almejado gozo e o desconhecido o impulso criador da linguagem e do amor que a move. Não obstante, são os ideais insaciáveis que vêm recusando a castração, empenhando-se em projetos megalomaniacos de domínio de tudo para cumprir as metas da autoconservação e, portanto, da pulsão de morte.

A esse respeito interessa-nos o móvel psíquico do ideário digital. O que questionamos são as bases e fundamentos psíquicos dessa embriaguez hipnótica que as redes nos propor-

cionam, uma espécie de narcotização similar àquela que embrenha as vivências das crianças nos passeios pela Disneylândia e suas maravilhas, em filmes ou em terra.

Eu me refiro à dita navegação que outras línguas designam, de forma mais apropriada, como um surfar, com pouca resistência, se comparada à navegação, e que tudo encontra (informação e produtos) em instantes menores que a duração de um piscar de olho. Freud já se havia questionado em 1921 sobre um ingrediente misterioso na hipnose que se desvia do amor e que busca preservar o sujeito sob o poder absoluto do outro, entregando-se ao sono. Freud (2011b) se refere a uma *servidão enamorada*, uma versão mais acurada da conhecida noção da *servidão voluntária* (LA BOÉTIE, 2017), em que a entrega absoluta ao outro narcotiza a dor, anula e apaga, aparentemente, os traços identitários do sujeito, em favor daqueles que lhe são atribuídos pelo colonizador ou por ideais dominantes, como ocorre em sujeitos submetidos aos preconceitos raciais e misóginos.

Trata-se de um entorpecimento, uma espécie de narcotização da pulsão, na qual a estase originária do gozo da quietude resiste, recusa a se entregar ao abalo da dor da vigília e ao esforço de sentir e pensar que ela exige. Um modo que encontramos no entorpecimento sonante do bebê sobre o seio materno. A resistência ao sinal de angústia ou à ameaça depressiva (perda do espaço de quietude) caracteriza a entrega de jovens a se narcotizar, continuamente, com a maconha e a ficarem plugados, compulsivamente, às redes. O modo mais comum, porém, pelo qual obtemos esse gozo hipnótico com o ganho mágico e onipotente, costurado pelas potentes maquinações algorítmicas, constitui, talvez, a camada primária da autopreservação, assim como a paixão, o reverso narcísico da fascinação pelo outro, tende a nos reservar e “garantir” uma habitação segura e perene no outro ante a vida, ambos a serviço da autoconservação.

Como reverter esse destino funesto e destrutivo da cultura atual e retornar a aproveitar os frutos da linguagem e sua expansão na comunidade e cultura? Freud sempre acreditou na verdade histórica, os aportes do pai morto, em prol da sustentação do luto, o combate à sua recusa e denegação, através da qual a linguagem pode sair vitoriosa. Um trabalho para o qual a psicanálise tem levantado sua voz junto à cultura. Esperamos!

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. v. 14.
- FREUD, S. Compêndio de psicanálise. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v. 19.
- FREUD, S. *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF, 1987.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 2.
- FREUD, S. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. v.14.
- FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17.
- FREUD, S. O Eu e o Id. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. v. 16.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. v. 16.

- FREUD, S. O projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. I. (Trabalho original publicado em 1895).
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. v. 9.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011c. v. 15.
- FREUD, S. Totem e tabu. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. v. 12.
- GRAEBER, D.; WENGROW, D. *The dawn of everything. A new history of humanity*. London: Penguin Books, 2018.
- LA BOÉTIE, E. *Discurso sobre a servidão voluntária*. São Paulo: Edipro, 2017.
- WINNICOTT, D. W. Paediatrics and psychiatry. In: WINNICOTT, D. W. *Through paediatrics to psychoanalysis*. Nova York: Basic Books, 1975.

A MELANCOLIA, O ÓDIO E O OBJETO

MELANCHOLY, HATE AND THE OBJECT

MELANCOLÍA, ODIO Y EL OBJETO

Sissi Vigil Castiel¹

Resumo: Vivemos um luto pela ruína de ideias culturais estimadas e reverenciadas até então e como resposta das subjetividades percebemos cada vez mais um estado de melancolização. Assim, a melancolia, desde formas mais severas até manifestações mais atenuadas, tem feito o dia a dia da clínica psicanalítica. O texto trabalha a melancolia desde o viés do ódio dirigido a um objeto primário carente de importância na vida psíquica do sujeito a quem ele denuncia pelo seu não olhar. Pretendo situar a problemática do ódio ao objeto primário em postulações freudianas e de André Green, dada sua fecundidade para uma reflexão sobre o tema da melancolia. Especialmente, entendo que a articulação entre o narcisismo e a pulsão de morte possibilita aberturas para uma compreensão das subjetividades melancólicas.

Palavras-chave: Melancolia. Ódio. Narcisismo. Pulsão de morte. Clínica psicanalítica.

Abstract: We experience mourning for the ruin of cherished and revered cultural ideas and as a response to subjectivities we increasingly perceive a state of melancholy. So melancholy, to more severe forms to more attenuated manifestations, has become part of the day-to-day life of the psychoanalytic clinic. The text works with melancholy from the perspective of hatred directed at a missing primary object, lacking importance in the psychic life of the subject whom it denounces for not looking. I intend to situate the problem of hatred of the primary object in Freudian and André Green postulations, given their fertility for a reflection on the theme of melancholy. In particular, I understand that the articulation between narcissism and the death drive allows openings for an understanding of melancholic subjectivities.

Keywords: Melancholy. Hatred. Narcissism. Death drive. Psychoanalytic clinic.

Resumen: Experimentamos duelo por la ruina de ideas culturales preciadas y veneradas hasta entonces y como respuesta de las subjetividades percibimos cada vez más un estado de melancolía, de modo que la melancolía, desde formas más severas hasta manifestaciones más atenuadas, se ha convertido en parte del día a día de la clínica psicoanalítica. El texto trabaja la melancolía desde la perspectiva del odio dirigido a un objeto primario desaparecido, carente de importancia en la vida psíquica del sujeto al que denuncia por no mirarlo. Pretendo situar el problema del odio al objeto primario en los postulados freudianos y de André Green, dada su fertilidad para una reflexión sobre el tema de la melancolía. En particular, entiendo que la articulación entre narcisismo y pulsión de muerte permite abrir puertas para una comprensión de las subjetividades melancólicas.

Palabras clave: Melancolía. Odio. Narcisismo. Pulsión de muerte. Clínica psicoanalítica.

¹ Psicanalista, doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, coordenadora de seminários e supervisora da formação em psicanálise. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6111-8168>. E-mail: sissi.castiel@gmail.com

A melancolia como estado humano atravessa a história na cultura e na literatura, como retoma Starobinski em seu livro *A tinta da melancolia* (2016), aparecendo já desde Homero. Na *Odisseia*, foi descrita como um abandono do sujeito pelos deuses. Estes últimos precisam validar a ação do homem, caso contrário ele seria condenado à solidão e à tristeza. E quando isso acontece, sentem-se desertados.

Através da história e da literatura, percebe-se, no cerne da melancolia, uma denúncia da mentira que subjaz aos poderes estabelecidos. Os melancólicos recusam a ilusão da aparência, é uma maneira de estar no mundo, uma forma de contracorrente, mas para o psicanalista que se ocupa das subjetividades importa também pensar que os melancólicos sofrem na própria carne as consequências dessa denúncia.

Em *A metamorfose* de Kafka, percebemos a dimensão do não lugar de Gregor Samsa, como um inseto na vida do outro, a denúncia da mediocridade do objeto odiado por sua ausência e sua indiferença, mas paradoxalmente permanece aprisionado nessa condição. Igualmente, em *Bartleby* de Melville também se enxerga a denúncia de um sujeito que prefere o isolamento dos objetos como consequência de um não lugar. Na melancolia, a denúncia não gera movimento.

A forma melancólica de existir atravessou os tempos, mas a melancolia veste as roupas de sua época. Na nossa, a violência e a destrutividade entre os sujeitos, em relação à cultura e ao meio ambiente, têm sido o *modus operandi* deste século, transformando-se nos elementos centrais de nosso mal-estar, demonstrado por muitos autores, entre eles Alain Badiou (2007). Assim, podemos pensar na pandemia e na catástrofe climática que nos ocorreu como desdobramentos desse status quo. Eventos que ainda estão presentes de maneira marcante em nosso imaginário. Vivemos um luto pela ruína de ideias culturais estimadas e reverenciadas até então e como resposta das subjetividades percebemos cada vez mais um estado de melancolização. Assim, a melancolia, desde formas mais severas até manifestações mais atenuadas, tem feito o dia a dia da clínica psicanalítica.

Dentre tantos aspectos que caracterizam a melancolia, vou me referir, mais especialmente, a formas com as quais me deparo na clínica, onde aparece ódio dirigido a um objeto primário faltante, carente de importância na vida psíquica do sujeito a quem ele denuncia pelo seu não olhar. Pretendo situar a problemática do ódio ao objeto primário em postulações freudianas e de André Green, dada sua fecundidade para uma reflexão sobre o tema da melancolia. Especialmente, entendo que a articulação entre o narcisismo e a pulsão de morte possibilita aberturas para uma compreensão das subjetividades melancólicas (CASTIEL, 2019).

Allouch (2004) situa a melancolia como uma atitude particular frente à castração. Green a define como uma forma de destrutividade cujo mecanismo dominante é um luto insuperável. O autor entende a melancolia como decorrência das relações entre narcisismo e pulsão de morte, acrescentando a questão de um narcisismo negativo tendente ao zero que difere de um narcisismo tendente à unidade do ego (GREEN, 1996). Da formulação do autor se pode pensar que as falhas na estruturação do narcisismo decorrentes de um objeto insuficiente implicam a não elaboração do ódio frente a esse objeto, o que redundará no desligamento característico da pulsão de morte.

De minha parte, penso que é preciso situar o estatuto da perda na melancolia. Freud afirma que não necessariamente se trata de uma perda real, mas pela impossibilidade de elaborá-la, a sombra do objeto recai sobre o ego (FREUD, 1986d). Em termos da constituição do psiquismo, a alternância entre presença e ausência do objeto é elemento indispensável para a estruturação do narcisismo e do ego, questão abordada por Freud no exemplo do *fort-da*. É a partir desse exemplo que Lacan pontua a importância da ausência do objeto para que haja desejo. O *fort-da* em Freud, ou objeto a em Lacan, ou o trabalho do negativo em Green, responde pelo papel estruturante que representa para o sujeito a ausência materna, no sentido de que a simbolização ocorre na ausência da coisa real. Antes de perder-se, o objeto

existe, no entanto, é sua perda que o faz existir quanto tal; é preciso ausência para que haja representação.

Entendo que na melancolia, dada a insuficiência da presença do objeto, sua ausência é tratada com negatividade; assim, a perda não se efetiva, porque o sujeito e o objeto permanecem fusionados. Dentro desse contexto, trata-se de um luto interminável. A falta da presença materna adequadamente reiteradamente implica que o sujeito se mantenha destituído de subjetividade, em uma estrutura narcisista negativa marcada pelo não ser. Trata-se de um não objeto que, através do seu não olhar, perpetua-se no sujeito, impossibilitando a separação sujeito/objeto. E é esta falta de presença adequada que o sujeito denuncia e, dessa forma, o ódio é dirigido ao objeto. A partir daí percebe-se que um circuito se estabelece: impossibilidade de luto, ódio ao objeto, indistinção sujeito/objeto, desligamento e encerramento narcisista.

A sombra do objeto a quem o sujeito odeia recai sobre o ego, ocupando o centro da cena, na forma de uma incorporação oral marcada pela destrutividade da pulsão de morte. A incorporação do objeto coloca ênfase na destruição e na autodestruição como manifestação da pulsão de morte; não é a identificação secundária da histeria, é a identificação primária que não joga com as palavras.

Se entendemos que o superego é, em síntese, o outro dentro do sujeito, a natureza da incorporação do objeto implica o caráter severo ou protetor do superego. Este último é inconsciente e ainda que expresse a autoridade dos pais e a moralidade, constitui a expressão mais poderosa dos impulsos libidinais e preservará para sempre o caráter dos objetos introjetados para o bem e para o mal. Freud diz que o superego desce fundo no id e por isso acha-se mais distante da consciência que o ego. Então, é uma parte especial deste e capaz de dominá-lo (FREUD, 1986f).²

Minha leitura é a de que quando os objetos libidinais incorporados ao superego são eminentemente falhos no seu papel de narcisização do sujeito, a pulsão de morte domina, em um narcisismo mortífero; não é desviada para fora nem ligada a Eros, a maior parte dela faz um trabalho interno de destrutividade através do superego. A destrutividade volta-se contra o ego e o superego torna-se cultura pura da pulsão de morte, nas palavras de Freud (1986f). A desfusão pulsional é a fonte da severidade do superego, que se torna cruel e sádico com o ego, que se transforma em masoquista (CASTIEL, 2024).

Existem duas formulações de Freud a respeito da separação entre o ego e o objeto e sua relação com o ódio, que se tornam importantes para uma compreensão da impossibilidade de elaboração da perda. Em 1915, afirma que o ego é investido pelas pulsões em um estado narcisista capaz de satisfazer-se, o prazer para o ego e a indiferença para o mundo externo que não está investido com interesse nesse momento é indiferente no que diz respeito à satisfação do sujeito (FREUD, 1986g). Não é do mundo externo que vem a satisfação, tendo em vista que, para o sujeito, a mãe de onde provém a satisfação é parte dele mesmo. Desde sua onipotência narcísica, ele provê a satisfação. E por causa dessa onipotência, não enxerga o objeto separadamente. Essa tendência é contemporânea à organização narcisista. Posteriormente, as frustrações pontualmente causadas pela não satisfação pelo objeto implicarão a decepção e o ódio para com o objeto que não satisfaz. Portanto, o ódio aparece com a descoberta do objeto em separado, com a tomada de consciência de sua independência e indisponibilidade; isto coloca a questão do aparecimento do ódio como vinculada à separação sujeito/objeto. É por isso a frase “o objeto se conhece no ódio” (GREEN, 2006).

No entanto, como o objeto que se odeia é o mesmo que se ama, recalca-se o ódio como forma de proteger o objeto amado. A frustração proporciona um objeto distinto do sujeito e a elaboração do ódio à mãe que frustra. A mãe é necessária como objeto incorporado para que o ego do prazer purificado se constitua, mas também para que a excorporação do mal seja

² Freud afirma que a melancolia se baseia em um conflito entre o ego e o superego, denominando-a de psicose narcísica em *Neurose e psicose* (FREUD, 1986e).

recolhida por ela a fim de que possa adquirir sentido, ou seja, é preciso um objeto presente o suficiente que seja amado para ser odiado, e por isso ser diferenciado do ego pela frustração que causa. É a partir disso que o ódio pode ser contido em nome do amor pelo objeto. A separação sujeito/objeto proporciona complexização ao psiquismo, pois é a distância do objeto que permite representá-lo e, assim, cria a possibilidade de funcionamento do psiquismo através do princípio do prazer e a capacidade de pensar, já que pensar o objeto implica a separação dele.

Por outro lado, a formulação de Freud de 1925, relacionada à separação sujeito/objeto, diz respeito a que tudo o que é bom é incorporado e tudo o que é mau é expulso. Afirma Freud: “Aquilo que é mau, que é estranho ao ego e aquilo que é externo são, para começar, idênticos” (FREUD, 1986a, p. 297). Assim, o exterior é identificado com o que é estranho, odiado e mau, diferentemente da formulação de 1915, na qual o que era expulso se tornava indiferente. Nesse caso, a distinção entre bom e mau precede a de ego/objeto. Aqui o ódio é primário. O mau que é expulso é desligado e cai sob o domínio da pulsão de morte.

Essa formulação põe em cena a questão de que quando os desencontros entre a mãe e o bebê são o mais evidente, ocorre a descarga do pulsional sem direcionamento, de forma desligada, o que impede a retenção de marcas mnêmicas. Esse parece ser o caso da melancolia na qual o ódio é primário, expulso de forma desligada sem poder contar com o auxílio do objeto para sua ligação e elaboração. Nessa mesma linha, no *Manuscrito G*, Freud (1986c) se refere à melancolia como uma hemorragia interna que traduz um empobrecimento pulsional, ocorrendo uma retração na esfera psíquica que produz uma sucção das quantidades. Trata-se de descarga.

As duas formulações de Freud sobre o ódio, feitas com 10 anos de diferença, permitem pensar sobre a mudança de posição de Freud. Em minha opinião, a formulação de 1915 tem como fundamento a estruturação neurótica, cujos dados de base são a representação e o recalque. Já a segunda formulação permite pensar em subjetividades para além da neurose que não tem como dados de base o recalque e a representação. Essa mudança se ancora na constatação da força pulsional em contraposição à representação. Desde o ponto de vista da força, a pulsão impele ao atuar, ao repetir, sendo a representação um destino e não algo originário no psiquismo. Destino que depende de objetos que tenham sido constituídos para a realização da ação específica e a conseqüente vivência de satisfação, e que por isso torna-se modelo da satisfação buscada posteriormente.

A genealogia dos conceitos permite pensar que as falhas na estruturação do narcisismo, a pulsão de morte e a repetição enunciados anteriormente por Freud se articulam e permitem as postulações dos textos de 1924/25.³ Efetivamente, a questão da realidade, a postulação da cisão, bem como uma nova formulação sobre a problemática do ódio, possibilitam pensar em subjetividades que funcionam para além da neurose e, especialmente, permitem pensar no ódio ao objeto na melancolia.⁴ É interessante lembrar que no ano que vem comemoraremos 100 anos da publicação de *A negativa*, texto que mantém vigente sua atualidade e proporciona aberturas na forma de compreender a psicopatologia quando articulado a autores contemporâneos. É curioso constatar que muitas vezes os psicanalistas não retêm postulações freudianas, entendendo que não são atuais, mas esquecem da importância de retomar conceitos e tensioná-los com autores contemporâneos de forma a complexizar o pensamento psicanalítico.

³ Refiro-me aos textos *Neurose e psicose* (1986e) e *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1986b), juntamente com *A negativa* (1986a).

⁴ André Green (2001) aponta para uma mudança de paradigma em Freud do modelo do sonho que acompanha a primeira tópica, a primeira teoria das pulsões e a técnica centrada na associação e no sonho para o modelo do ato de acordo com a segunda tópica, a segunda teoria das pulsões e o enfrentamento na clínica da repetição, da atuação e da somatização.

Retornando à questão, objeto e sujeito permanecem fusionados, num luto interminável, já que o objeto se instala dentro do sujeito repetindo uma frustração eterna, e o ódio, como sentimento em relação a um objeto sempre decepcionante, mas de que não permite separar-se, não permite a si mesmo fazer o luto, permanecendo fixado a ele. O sujeito tenta se isolar através de um retorno narcisista como uma reivindicação de autonomia em relação ao objeto. Trata-se de lidar com a exclusão, excluindo-se. Adam Phillips (2024), em *Sobre desistir*, aborda a questão do excluir-se como forma de lidar com o ser excluído. No entanto, é um narcisismo mortífero que esse excluir-se comporta, através do qual o sujeito tenta se proteger da invasão destruidora do objeto. É paradoxal. Se o objeto desaparecesse, o sujeito se esvaziaria; mantendo o objeto, o sujeito exerce sua destrutividade sobre si mesmo de forma imobilizada. Lembra Sísifo. Essa situação está de acordo com o que aponta Green: o masoquismo na melancolia encobre o narcisismo mortífero.

Do ponto de vista da clínica, se o encerramento narcisista preside as relações do sujeito, de que forma se estabelece a transferência? Trata-se de uma transferência narcisista, transferência de não transferência. A reação terapêutica negativa é uma possibilidade sempre à espreita. A repetição é a manifestação mais patente, na medida em que o sujeito está imobilizado frente a um objeto e obstinadamente renova seu aprisionamento mortífero em um retorno narcisista através do qual se protege, excluindo-se, vivendo de forma robotizada, cumprindo protocolos. É como se suas vidas próprias não fossem importantes. A ideia de não ser nada para o outro, a insuficiência de si, impede esse processo porque ser para o outro é mais importante do que ser. Com isso, as experiências vividas não são apropriadas, são ações marcadas pela angústia e pelo automatismo da repetição que não permitem uma gradativa complexização do aparelho psíquico, ficando este entregue a modos deficitários de tramitação. Desde essa perspectiva, é parte importante da análise a construção de marcas mnêmicas, de representação, de subjetivação como na melancolia.

Frequentemente, na análise, não há espaço para o analista. Como um reflexo do que acontece dentro desses sujeitos, descarregam-se das coisas sem se envolver com elas. A frustração do bebê diante da demora da mãe permite pensar que o tempo do outro é um elemento importante para a instalação do princípio de realidade e para a separação sujeito/objeto. Assim, a mãe que não se desespera diante da frustração da criança é um modelo para a contratransferência, de poder escutar sem se emaranhar na descarga, em uma posição terceira, podendo ampliar os elementos do discurso que podem auxiliar na subjetivação do vivido.

Green (2006) destaca que nos pacientes limite, a presença do analista é essencial. Entendo que o analista tem como meta o estabelecimento de um processo gradual de narcisização que acontece na análise, através da experiência de ser escutado e de escutar-se, no sentido do compartilhamento com o outro, analista, que acolhe e por isso lhe dá um lugar. Isto inaugura a experiência de ser para o outro — pilar do narcisismo, e com isso a ligação da força pulsional, permitindo transformar pulsão de morte em Eros, o que implica que a pulsão possa se desgarrar de seus destinos mais aprisionadores e transitar por destinos mais elaborados. O analista precisa manter em si o desejo e a aposta no analisar, que é certamente um dos fatores que permitirão a transformação do mortífero no paciente.

Entendo que o trabalho da análise se refere a representar, construir marcas do vivido como uma atitude técnica que visa à representação e à simbolização. A construção de marcas mnêmicas do vivido se relaciona ao papel das novas marcas que se associam às anteriores e que põem o psiquismo a trabalhar, isto é, a ligação em contraposição à descarga. O encontro do analista com o pulsional do sujeito implica uma contenção da pulsão em contraposição à sua descarga. É preciso um trabalho de ligação: verbalizar essas vivências é parte do representar, mas a outra parte é dar significado a elas, poder interiorizar o que é seu, para poder se diferenciar do objeto; o efeito subjetivante de falar em nome próprio e de testemunhar os efeitos em si do que experimenta na sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, J. *Erótica do luto no tempo da morte seca*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.
- BADIOU, A. *O século*. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.
- CASTIEL, S. 100 anos de O eu e o id: leituras contemporâneas. *SIG Revista de psicanálise*, 2024.
- CASTIEL, S. *Narcisismo, pulsões e sexualidade: repercussões clínicas*. São Paulo: Escuta, 2019.
- FREUD, S. A negativa. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986a. v. XIX. (Trabalho original publicado em 1925).
- FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986b. v. XIX. (Trabalho original publicado em 1924).
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho G. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986c. v. I. (Trabalho original publicado em 1895).
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986d. v. XIV. (Trabalho original publicado em 1917).
- FREUD, S. Neurose e psicose. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986e. v. XIX. (Trabalho original publicado em 1924).
- FREUD, S. O ego e o id. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986f. v. XIX. (Trabalho original publicado em 1923).
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986g. v. XIV. (Trabalho original publicado em 1915).
- GREEN, A. *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- GREEN, A. *El Trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- GREEN, A. *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba, 1996.
- PHILLIPS, A. *Sobre desistir*. São Paulo: Ubu, 2024.
- STAROBINSKI, J. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

O RECONHECIMENTO DO TRAUMA DO RACISMO ANTINEGRO NO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES METAPSICOLÓGICAS ANTIRRACISTAS A PARTIR DAS MENSAGENS ENIGMÁTICAS DE DESIGNAÇÃO RACISTA

THE RECOGNITION OF THE TRAUMA OF ANTI-BLACK RACISM IN BRAZIL: METAPSYCHOLOGICAL ANTI-RACIST CONTRIBUTIONS FROM THE ENIGMATIC MESSAGES OF RACIAL DESIGNATION

EL RECONOCIMIENTO DEL TRAUMA DEL RACISMO ANTINEGRO EN BRASIL: CONTRIBUCIONES METAPSICOLÓGICAS ANTIRRACISTAS A PARTIR DE LOS MENSAJES ENIGMÁTICOS DE DESIGNACIÓN RACIAL

Thalita Rodrigues¹

Resumo: Proponho neste texto a leitura de que o racismo antinegro no Brasil é um trauma não reconhecido pela psicanálise. Com isso espero contribuir na provocação às diversas matrizes do pensamento psicanalítico a se repensarem para que haja o devido reconhecimento. Há estudos sobre racismo e psicanálise realizados por teóricas/os negras/os, psicanalistas ou não, que não têm o devido reconhecimento pela psicanálise brasileira. A temática do racismo tem se tornado mais presente na psicanálise, sobretudo nos últimos anos. Contudo, não basta abordar o tema, é importante (re)pensar o *COMO* para evitar que se reatualize o apagamento. Apresento as *mensagens enigmáticas de designação racista* enquanto resposta que elaborei acerca do incômodo com as perspectivas colonialistas que se mantêm inalteradas ao abordar a realidade brasileira. Estas mensagens explicariam o processo de constituição do psiquismo – sedução e tradução/simbolização – enquanto racializado. As/os bebês receberiam de suas/seus cuidadoras/res, desde o princípio da vida, tais mensagens pré-conscientes/conscientes comprometidas pelo racismo. Ao propor tal conceito trago a inovação de incorporar à sedução as designações raciais e a consequente constituição psíquica enquanto atravessada pelo racismo estrutural. Esta proposição se localiza a partir da teoria da sedução generalizada e dos debates decoloniais e trabalha com os conceitos de *colonialismo*, *colonialidade*, *raça*, *racismo* e *branquitude*. Espero que esta abordagem do trauma possa contribuir com a luta antirracista, ofertando chaves de leitura para compreender e enfrentar as desigualdades raciais. Espero também que auxilie a psicanálise a se entender como dispositivo da *colonialidade do poder, do saber e do ser*.

Palavras-chave: Trauma. Mensagem enigmática de designação racista. Sedução generalizada. Metapsicologia.

¹ Psicanalista. Doutora em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2022), Mestra em Psicologia Social pela UFMG (2015), Especialista em Teoria Psicanalítica pela UFMG (2017), Psicóloga pela UFMG (2012). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7219-5017>. E-mail: rodrigues.thaalita@gmail.com

Abstract: In this text, I propose that antiblack racism in Brazil is a trauma unrecognized by psychoanalysis. In doing so, I hope to contribute to provoking the various matrices of psychoanalytic thought to rethink themselves for the necessary recognition to occur. There are studies on racism and psychoanalysis conducted by Black theorists, whether psychoanalysts or not, which do not receive the recognition they deserve from Brazilian psychoanalysis. The theme of racism has become increasingly present in psychoanalysis, especially in recent years. However, it is not enough to address the subject; it is important to (re)think HOW to avoid the reemergence of erasure. I present the enigmatic messages of racist designation as a response I have developed regarding the discomfort with the colonialist perspectives that remain unchanged when addressing Brazilian reality. These messages would explain the process of the constitution of the psyche – seduction and translation/symbolization – as racialized. Babies receive, from their caregivers, from the very beginning of life, such preconscious/conscious messages compromised by racism. By proposing this concept, I introduce the innovation of incorporating racial designations into seduction and the consequent psychic constitution as influenced by structural racism. This proposition is situated within the framework of the generalized seduction theory and decolonial debates and works with the concepts of colonialism, coloniality, race, racism, and whiteness. I hope this approach to trauma can contribute to the antiracist struggle, offering keys for understanding and confronting racial inequalities. I also hope it assists psychoanalysis in understanding itself as a device of the coloniality of power, knowledge, and being.

Keywords: Trauma. Enigmatic message of racial designation. Generalized seduction. Metapsychology.

Resumen: Propongo en este texto la lectura de que el racismo antinegro en Brasil es un trauma no reconocido por el psicoanálisis. Con esto, espero contribuir a provocar a las diversas matrices del pensamiento psicoanalítico para que se reevalúen y se logre el debido reconocimiento. Hay estudios sobre racismo y psicoanálisis realizados por teóricos/as negros/as, psicoanalistas o no, que no reciben el reconocimiento que merecen por parte del psicoanálisis brasileño. La temática del racismo se ha vuelto más presente en el psicoanálisis, especialmente en los últimos años. Sin embargo, no basta con abordar el tema; es importante (re)pensar CÓMO para evitar que se reactualice la eliminación. Presento los mensajes enigmáticos de designación racista como respuesta que he elaborado sobre el malestar con las perspectivas colonialistas que se mantienen inalteradas al abordar la realidad brasileña. Estos mensajes explicarían el proceso de constitución del psiquismo – seducción y traducción/simbolización – como racializado. Los bebés recibirían de sus cuidadores/as, desde el principio de la vida, tales mensajes preconscious/conscious comprometidos por el racismo. Al proponer tal concepto, traigo la innovación de incorporar a la seducción las designaciones raciales y la consiguiente constitución psíquica atravesada por el racismo estructural. Esta proposición se sitúa a partir de la teoría de la seducción generalizada y de los debates decoloniales, y trabaja con los conceptos de colonialismo, colonialidad, raza, racismo y blancura. Espero que este enfoque del trauma pueda contribuir a la lucha antirracista, ofreciendo claves de lectura para comprender y enfrentar las desigualdades raciales. También espero que ayude al psicoanálisis a entenderse como un dispositivo de la colonialidad del poder, del saber y del ser.

Palabras clave: Trauma. Mensaje enigmático de designación racial. Seducción generalizada. Metapsicología.

PARA INÍCIO DE CONVERSA: QUAIS LUTOS SÃO POSSÍVEIS? QUAIS TRAUMAS SÃO RECONHECIDOS?

Trauma é um significante que ocupa um espaço de centralidade na história e na teoria da psicanálise. Desde as primeiras proposições freudianas, que antecedem inclusive as produções consideradas psicanalíticas propriamente ditas, Freud atribuía ao trauma (no singular ou no plural) as origens da histeria. Quando pensamos na concepção cotidiana, entendemos o traumático como aquilo que é marcante, mas em um sentido negativo, como algo que tem potencial de machucar, de doer. No discurso médico, se relaciona àquilo que tem potencial ofensivo. Então, apesar das várias possibilidades de definição, algo que permanece sobre o trauma é sua capacidade de marcar de maneira inequívoca. Ele afeta a integridade de algo ou alguém, tendo grande capacidade de gerar dor. Há uma prevalência da compreensão do trauma em uma perspectiva individual, seja ele físico ou psíquico.

Contudo, é importante termos a dimensão de que não basta que determinado evento traumático afete a integridade de algo ou alguém, há uma dimensão do trauma que consiste no reconhecimento de sua existência. Sándor Ferenczi (2003) é um psicanalista reconhecido por tal reflexão ao evidenciar o traumático que há em sofrer alguma violência e ter a vivência de tal situação diminuída e até mesmo *negada*. Eis o mecanismo do *desmentido* a partir da perspectiva daquela/le que é desautorizado, cuja vivência é invalidada.

E quando ampliamos nossa observação para traumas enquanto eventos e fenômenos históricos e sociais que afetam grupos inteiros? Alguns eventos históricos como a pandemia de COVID-19, os ataques aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 e as duas grandes guerras mundiais têm amplo reconhecimento enquanto traumáticos. Contudo, há outros eventos históricos e sociais que afetam tantas pessoas quanto os exemplos citados, mas que não têm o mesmo reconhecimento enquanto traumáticos. Ou seja, o reconhecimento enquanto trauma histórico e/ou social não diz respeito apenas à abrangência, mas sobretudo a outras dinâmicas de poder e a quem tais eventos afetam.

Em *Corpos que pesam*, Judith Butler (2000) apresenta a reflexão, a partir das normas de gênero e da hegemonia heterossexual, de que há corpos que, por serem dissidentes, tornam-se abjetos. Com isso, eles perdem a importância e passam a ter a humanidade questionada. Achille Mbembe (2018a), a partir dos conceitos de necropolítica e necropoder, denuncia a máxima soberania do poder contemporâneo de submissão da vida à morte. Decide-se quem pode viver e morrer, através do domínio de tecnologias sistemáticas de morte como as guerras, os homicídios e os suicídios. Cria-se o que Mbembe nomeia como “mundos de morte” nos quais as populações tornam-se mortos-vivos, existências de sobrevivência mínima, destituindo o estatuto de humanidade e civilidade das pessoas. O filósofo resgata e evidencia como as *plantations* e a colonização foram recalcadas como topografias de crueldade que foram modelos importantes de expansão do capitalismo mortífero e do racismo. Em *Crítica da razão negra*, Mbembe (2018b) propõe que o neoliberalismo “democratizou a condição de ser matável do negro”. *O devir-negro* implica que se no colonialismo apenas as pessoas negras escravizadas eram sujeitas a riscos de morte, no neoliberalismo esta é uma constante que mantém seu funcionamento e que, por isso, ele não pode ser compreendido sem levarmos em consideração as questões de raça e racismo.

Fica evidente a partir do que Butler (2000) e Mbembe (2018a; 2018b) problematizam que há sim corpos/sujeitos/grupos que têm mais importância, cujas vidas valem mais, enquanto há aqueles que são descartáveis, matáveis. Em última instância, há seres que são considerados mais humanos do que outros e, historicamente, a população negra tem tido seu estatuto de humanidade invalidado ou questionado.

A escravização/mercantilização da população negra africana é um marco da história da humanidade, a ponto de ser compreendida como fundamental para a constituição do sistema econômico e político em que vivemos, o capitalismo. A história do Brasil também se constitui a partir da escravização e da colonização que vitimou povos originários e africanas/os

escravizadas/os. Ou seja, a identidade nacional é constituída a partir dessa história de violência, extermínio e subjugação de grupos raciais não brancos que eram, portanto, não considerados plenamente humanos.

A psicanálise, em nível microssocial e intrapsíquico, aponta o quanto nossa história é determinante de quem somos. Nossos sintomas, nossas escolhas estão diretamente relacionados com o que vivemos. Em nível macrossocial, o mesmo ocorre: para compreendermos uma sociedade é importante que conheçamos sua história.

Reconhecendo as limitações da psicanálise em realizar tal expansão de análise de maneira solitária, em diálogo com proposições decoloniais, quero propor aqui uma reflexão sobre trauma e racismo antinegro no Brasil, mas não em uma perspectiva individual, mas enquanto evento, situação social e histórica. Proponho aqui o exercício de pensar o racismo antinegro no Brasil enquanto um trauma cujo reconhecimento ainda é reivindicado em diversos níveis, inclusive subjetivo.

Jô Gondar (2018) faz uma leitura do racismo no Brasil enquanto desmentido em contraposição a uma possível compreensão de que ele seria recalcado, pois apesar de presente e atual, a singularidade de como ele se organiza em nossa sociedade o torna não reconhecido. Aqui opera a clivagem, que é mais primária e seria o mecanismo da perversão: convivemos com as desigualdades raciais enquanto negamos sua existência, por exemplo, ao acionar o dispositivo da mestiçagem para justificar a identidade nacional enquanto múltipla e misturada.

Lélia Gonzalez (1984; 1988), importantíssima pensadora negra brasileira, coloca a psicanálise a trabalho para compreender as dinâmicas do racismo que, no Brasil, seriam de negação, diferente daquele que ocorreu nos Estados Unidos e África do Sul, o de segregação. Ela propõe o conceito de *amefricanidade* enquanto possibilidade de compreender e intervir nesse racismo latino-americano que se faz pela via da negação, explicitando que há especificidades da construção de tal estrutura, o que requer, conseqüentemente, formas de enfrentamento diferentes daquelas voltadas para contextos do racismo segregacionista.

Mas e a psicanálise, onde ela fica nisso tudo? Proponho uma análise do racismo enquanto trauma não reconhecido socialmente a partir da psicanálise, mas também a provocando enquanto teoria e prática reprodutora desta lógica. Em consonância com Quijano (1992), é importante reconhecermos a colonialidade como uma forma de manutenção da dominação colonial dos países do norte global – metrópoles mesmo após o fim do colonialismo (que foi uma forma direta de dominação política, econômica, cultural europeia sobre todo o *resto do mundo*). É fundamental compreendermos a psicanálise enquanto reprodutora da colonialidade que se mantém a partir do poder, do saber e do ser. Não é à toa que o racismo é tão negado, desmentido também na e pela psicanálise. Convocá-la para tal reflexão se faz necessário, para que a teoria e a atuação sejam condizentes com a nossa realidade (FIGUEIREDO; GROSGUÉL, 2009).

A partir de minha trajetória enquanto mulher negra, psicóloga, psicanalista, acadêmica e engajada na luta antirracista, sempre questioneei a ausência das questões raciais no *corpo* (*teórico e corpos dos sujeitos*) da psicanálise (RODRIGUES, 2018). Que corpo é esse que tem gênero, tem sexualidade, mas não tem raça? Que metapsicologia é essa que reconhece algumas dinâmicas de poder em detrimento de outras? Como podemos falar em racismo estrutural sem tomá-lo enquanto estruturante das subjetividades do nosso país? Tais questionamentos me fazem pensar sobre o trauma da escravização e do racismo no Brasil e o quanto eles não têm sido reconhecidos em sua radicalidade tanto em nossa sociedade quanto em termos metapsicológicos.

Enquanto psicanalista negra, transformei meu incômodo diante de o trauma do racismo não ser devidamente reconhecido e validado em uma proposição sobre novos fundamentos metapsicológicos, que reconheçam a importância do racismo estrutural enquanto constitutivo

das subjetividades, o que tem relação direta com a produção de conhecimento. A proposição de *mensagens enigmáticas de designação racista* figura como uma resposta, dentre várias outras, elaborada a fim de nomear e tratar o trauma do racismo antinegro brasileiro. Estas mensagens explicam o processo de constituição do psiquismo – sedução e tradução/simbolização – enquanto racializado. As/os bebês recebem de suas/seus cuidadoras/res, desde o princípio da vida, tais mensagens pré-conscientes/conscientes comprometidas pelo racismo. Ao propor tal conceito, trago a inovação de incorporar à sedução as designações raciais e a consequente constituição psíquica enquanto também atravessada pelo racismo estrutural.

Como Bento (2002) nos explica magistralmente, se há pessoas perdendo devido às desigualdades raciais, há quem esteja se beneficiando com isso. Essa dimensão relacional é extremamente importante, pois desloca o racismo enquanto um “problema do negro” e convoca a branquitude para se responsabilizar sobre os privilégios que ela detém. A partir dessas inquietações e da constatação de que o acordo tácito entre a branquitude (BENTO, 2002) atinge nossas subjetividades, a produção de conhecimento e as dinâmicas sociais, propus esta pesquisa de doutorado (RODRIGUES, 2023b) a fim de investigar o funcionamento do racismo no psiquismo e como a relação entre o psíquico e o social ocorreria neste caso.

Coloco a psicanálise a trabalho, compreendendo-a enquanto importante dispositivo de produção e reconhecimento das subjetividades. Espero que essa reflexão auxilie na construção de um arsenal antirracista em termos de produção do conhecimento, de impactos clínicos e sociais. Nomear e reconhecer, testemunhar, são parte importante do trabalho do analista e também o são da mudança social.

NOMEANDO O TRAUMA DO RACISMO – NARCISISMO DAS PEQUENAS OU DAS GRANDES DIFERENÇAS?

Em outra oportunidade (RODRIGUES, 2023a), realizei uma reflexão crítica acerca da apropriação do *narcisismo das pequenas diferenças* enquanto chave de leitura para o racismo antinegro. Na ocasião pontuei como Freud (2018) utiliza esta noção para pensar o antissemitismo contra o povo judeu, um tipo de racismo contra um povo específico.

Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud (2018) se pergunta “como surgiu o caráter especial do povo judeu?” (FREUD, 2018, p. 143). Sendo mais direto, “De onde vem essa capacidade de viver dos judeus e como suas características estão ligadas à sua história?” (FREUD, 2018, p. 146). Como resposta, ele propõe uma leitura que aproxima a psicologia do indivíduo com a psicologia das massas, derivando, a partir de concepções e palavras evolucionistas (civilizados x primitivos), a ideia de que os judeus seriam um povo diferenciado, na verdade, até superior. Isto porque devido à sua religião eles desenvolveram a capacidade de abdicar das exigências pulsionais, seguindo regras e mandamentos, em prol do amor do deus único que os escolhera. Como consequência dessa abdição, haveria também o desenvolvimento intelectual, mais uma coisa que ajudaria na compreensão da autoestima do povo judeu e da inveja despertada nos demais. Freud faz um paralelo entre o povo judeu com um sujeito orgulhoso de si por ter “vencido” as tentações do id, obedecendo às proibições do superego, instância esta que é precedida pelas figuras de autoridade, como o pai, e que, para os judeus, seria Moisés. Através de sua extensa tese, Freud afirma que o antissemitismo tem relação com o narcisismo das pequenas diferenças e que estaria intimamente relacionado com a autoestima do povo judeu e com a inveja que os demais povos sentiam da postura de *escolhidos* que eles adotavam.

Uma importante referência no Brasil que colocou a psicanálise a trabalho sobre a questão da intolerância é Beth Fucks (2007) na obra *O pensamento freudiano sobre a intolerância*, que permanece como uma referência para se pensar o racismo. Nesse texto, a psicanalista nos informa que a primeira vez em que *narcisismo das pequenas diferenças* aparece na obra de Freud foi em *O tabu da virgindade* (FREUD, 1976, citado por FUCKS, 2007), na ocasião, se referindo à intolerância contra as mulheres. Fucks (2007) relaciona a intolerância com a

diferença do outro ao narcisismo das pequenas diferenças, se detendo sobretudo ao antissemitismo. A autora ressalta que Freud se utilizou dessa noção para pensar a tolerância e a intolerância no que diz respeito tanto ao individual quanto ao coletivo, pois o narcisismo das pequenas diferenças seria um importante mecanismo na formação “do eu, do nós e do outro” (FUCKS, 2007, p. 61), mas que quando ocorre de maneira exacerbada, culminaria na segregação e no racismo.

Contudo, o que questiono no texto *Freud, narcisismo das pequenas diferenças e relações raciais: potencialidades, limitações e proposições para o enfrentamento ao racismo* (RODRIGUES, 2023a) é a aplicação das análises realizadas por Freud (2018) e Fucks (2007) (sobre a intolerância manifestada através do antissemitismo) para a compreensão e explicação da intolerância manifestada como racismo antinegro. Afinal de contas, Freud realiza uma grande (re)construção da história do povo judeu em *Moisés e o monoteísmo*, retomando elementos históricos, religiosos, fazendo interpretações, o que dá consistência às argumentações acerca do antissemitismo.

Discorri nesse texto também sobre outros pontos que considero fundamentais para a diferenciação do antissemitismo e do racismo antinegro e, portanto, da impossibilidade de aplicação acrítica do *narcisismo das pequenas diferenças na compreensão do racismo antinegro brasileiro*. Me deterei aqui apenas em um dos pontos que desenvolvi outrora que consiste na óbvia constatação de que “*pequenas diferenças*” pressupõem semelhanças e alguma identificação que fica comprometida diante de ínfimas dissemelhanças.

A história da escravização nos mostra que o estatuto de humanidade das pessoas negras africanas era negado. Tratados internacionais, produções religiosas e posteriormente científicas foram utilizados a fim de validar o racismo antinegro. Seja pela afirmação da ausência de alma, seja pela produção de conhecimento que validava a visão de que as pessoas negras africanas eram involuídas, sexualizadas, mais próximas da natureza do que da cultura e civilização, o resultado era o mesmo: questionamento da humanidade (GROSFOGUEL, 2016; MUNANGA, 2004).

O racismo antinegro se fundamenta a partir da ideia de raça, não em um sentido biológico, mas sociológico. Conforme Munanga (2004, p. 22):

Podemos observar que o conceito de raça, tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é, natural, é de fato uma categoria etno-semântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam.

Utilizando a própria psicanálise para pensarmos o trauma da escravização e do racismo, através da noção do trauma em dois tempos, o não reconhecimento da escandalosa desumanização contra pessoas negras escravizadas (bem como com os povos originários) é visível quando analisamos a diferença entre o tratamento dado às barbáries cometidas contra os judeus e contra pessoas negras escravizadas. Pensemos a importância da criação do Estado de Israel enquanto reconhecimento do genocídio cometido contra o povo judeu durante o Holocausto na II Guerra Mundial. O reconhecimento é fundamental para que haja algum tipo de reparação àquelas/les que sofreram e responsabilização dos envolvidos e dos negligentes. Falo aqui em nível macrossocial, mas obviamente, tal resolução tem impactos na subjetividade do povo judeu e de todo o resto do mundo. Bem, e quanto à realidade do continente africano? Quais atos simbólicos e materiais foram feitos a fim de reparar e responsabilizar as atrocidades cometidas contra africanas/nos durante a colonização e escravização mercantilista?

Se a história da intolerância do antissemitismo e do racismo antinegro é tão diferente, se as ações políticas de reconhecimento e reparação são tão distintas, por que utilizaríamos uma formulação, narcisismo das pequenas diferenças, para a compreensão das desigualdades raciais que incidem sobre a população negra? A partir da constatação de que estamos tratando de grandes diferenças no que diz respeito à negação do estatuto de humanidade através da mercantilização dos corpos negros africanos, proponho a construção de novas formulações em psicanálise que abarquem a complexidade da realidade do racismo antinegro brasileiro.

Em síntese, não basta abordar a temática do racismo antinegro, há que se produzir outras ferramentas teóricas e epistemológicas que tratem da temática problematizando a colonialidade e a branquitude enquanto parte da produção tanto do saber quanto das dinâmicas psicossociais que mantêm as desigualdades raciais. Na esteira daquelas/les que vieram antes de mim, como Neuza Santos Souza (1983), Lélia Gonzalez (1984; 1988), Isildinha Baptista Nogueira (1998), Grada Kilomba (2019) e Frantz Fanon (2008), proponho uma conceituação que dê conta dos processos de subjetivação de forma racializada, não apenas para aquelas/les consideradas/os como o outro racial, mas, sobretudo, para a branquitude que se constrói como marco zero de referência e não se enxerga enquanto identidade racial.

AS MENSAGENS ENIGMÁTICAS DE DESIGNAÇÃO RACISTA – RECONHECENDO O TRAUMA

Como dito anteriormente, compreendo como sendo fundamental que a psicanálise integre – no seu corpo teórico, em suas instituições e na formação/prática de analistas – a perspectiva do racismo antinegro enquanto trauma fundante da nossa identidade nacional. Lélia Gonzalez (1984; 1988) nos auxilia nesse processo. Segundo ela, o racismo por denegação é um sintoma da *neurose cultural brasileira* que tenta, a todo custo, como os sujeitos neuróticos, esconder seus sintomas afirmando uma falsa igualdade entre pessoas brancas e negras em nosso país. Seguindo seus passos e a exaltando enquanto uma referência que precisa ser lida e reconhecida pela psicanálise brasileira, proponho uma releitura racializada da sedução e da tradução/simbolização, processos que compõem a constituição do psiquismo de acordo com a teoria da sedução generalizada (TSG).

Para a TSG, perspectiva psicanalítica proposta por Jean Laplanche (1992), o trauma figura em um lugar de centralidade para a constituição do psiquismo, para a subjetivação. A sedução, em sua ambiguidade multifacetada, é aquele processo traumático em que a/o adulta/o, ao cuidar da manutenção vital da/o pequena/o humana/o, também a/o invade com a transmissão de um algo a mais que até mesmo a/o adulta/o desconhece. Esse algo a mais é a sua alteridade constitutiva, o Sexual, o inconsciente. A chamada situação antropológica fundamental (SAF) evidencia a dissimetria inicial entre as/os bebês e as/os cuidadoras/res que compõem o pequeno *socius*, o *socii*. Laplanche (2015b) os explica que tal diferença não se dá porque o psiquismo adulto é mais rico e desenvolvido, mas sim porque é neste lado (do adulto) que figura *le sexual* (*sexual*) que consiste na grande descoberta freudiana, aquilo que é o objeto da psicanálise. Desta maneira, as pulsões se constituem a partir e pela sedução que as/os adultas/os exercem sobre as/os bebês.

Através das *mensagens enigmáticas*, mensagens pré-conscientes/conscientes que são invadidas pelo *Sexual*, todo esse processo se inicia. Elas são parte da comunicação entre adultas/os e infantes, uma comunicação que ultrapassa muito a linguagem verbal, ocorrendo, por exemplo, através de toques e olhares. Estas mensagens funcionam como designações (identificação realizada pelos adultos) que recaem sobre a/o bebê. Neste lado, da/o bebê, as operações consistem em tentativas de metabolizar tais mensagens enigmáticas. E como tal processo acontece? Eis um tópico sensível dentre aquelas/les que pensam a constituição do psiquismo em diálogo e/ou a partir da TSG: há perspectivas (BLEICHMAR, 1994; RIBEIRO, 2022) que dão grande enfoque ao papel das/dos adultas/os enquanto mobilizadoras/res das traduções/

simbolizações e há quem priorize um “impulso a traduzir” da/o bebê, dando primazia ao pequeno ser humano atribuindo papel secundário, mas ativo, às/aos adultas/os (BEHR, 2020).

Estamos aqui diante do nomeado *problema do bebê tradutor* (RIBEIRO, 2022): é o próprio infante que realiza as primeiras traduções? Se sim, como? Ou seriam as/os adultas/os que as realizariam? Independentemente da posição adotada, o fato é que, para todas/os as/os psicanalistas que se baseiam na TSG, o psiquismo é constituído através da intersubjetividade. Tal concepção retrata o que Laplanche (2016) nomeia como a revolução copernicana (inacabada), concepção esta que se opõe a leituras da subjetivação enquanto processos endógenos (ipsocentristas, ele diria). Essa radicalidade da compreensão das origens do sujeito psíquico seria a continuação da revolução iniciada por Freud (ao lado de outros que também destituíram a humanidade de sua centralidade narcísica, como Copérnico e Darwin), que evidenciou não sermos senhoras e senhores da nossa própria casa, devido ao inconsciente.

Voltando ao dilema do *bebê tradutor*, preciso localizar minha posição enquanto alinhada àquelas que atribuem uma dupla função ao adulto (BLEICHMAR, 1994; RIBEIRO, 2022): é ele *quem seduz*, mas também é ele *quem realiza* as primeiras traduções, para que assim o psiquismo da criança se construa e ela mesma inicie seus processos de tradução/simbolização das mensagens enigmáticas que recebe. Considero esta uma leitura copernicana por levar em consideração os dois polos da constituição do psiquismo: o polo desligado – das mensagens enigmáticas e do pulsional – e o polo ligado – das traduções/simbolizações. A subjetivação consiste na dinâmica entre esses dois movimentos.

As traduções/simbolizações estão no polo recalcante, aquele que instaura a cisão no psiquismo. Para que elas aconteçam, nós, adultas/os, somos responsáveis por humanizar as/os bebês, o que implica a erogeneização do corpo e a oferta/realização de traduções. A origem das pulsões estaria no resto, aquilo que sobra, das operações de tradução/simbolização: aqueles significantes que perdem seus significados após o recalçamento se tornam os objetos-fonte da pulsão. Estes processos intrapsíquicos estão diretamente relacionados à cultura e à socialização através dos códigos e dos esquemas narrativos:

O primeiro termo remete provavelmente a um número restrito de elementos (dois na castração!), capazes de transcrever uma dada mensagem. Isso, certamente, em detrimento da riqueza e da fidelidade da tradução. “Esquema narrativo” remete a uma teoria da narratividade, submetendo esta a roteiros mais ou menos ricos, populares, flexíveis. Nada impede, contudo, de falar de uma história “traduzida em Édipo”, pois os elementos são relativamente fixos, suas relações suficientemente previsíveis, para que, de um “romance” ao outro, a passagem seja possível (LAPLANCHE, 2015a, p. 286).

Eis aqui mais um ponto que considero inovador da teoria da sedução generalizada e que contribui para a formulação de uma leitura racializada da subjetivação: a compreensão laplancheana (LAPLANCHE, 1988; 2015a) de que Édipo e castração são esquemas e códigos narrativos os desloca do papel de fundadores estruturantes do psiquismo para narrativas simbólicas que auxiliam a humanidade nas traduções da sexualidade perverso-polimorfa. O complexo de Édipo e de castração estariam relacionados a processos secundários. Por isso, o psicanalista afirma a necessidade de substituir a pré-história mitológica pela pré-história real de cada pessoa.

Em “Gênero, sexo e o Sexual”, Laplanche (2015b) desenvolve tal noção ao ampliar a noção do código do apego e incorporar o conceito de gênero na TSG enquanto uma simbolização privilegiada que media a relação entre as/os bebês e suas/seus cuidadoras/res ao mesmo tempo que contém ruídos do sexual que invadem tais mensagens. Assim, gênero seria fundamental para a constituição do psiquismo. Em sua formulação polêmica, o psicanalista propõe:

O gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social.

O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fático/castrado.

O Sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise.

Proposição: O Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo (LAPLANCHE, 2015b, p. 155).

O sexo recalca o gênero e nesse processo, enquanto produto, surge o Sexual. Com tal proposição, Laplanche (2015b) incorpora as questões de gênero aos processos de subjetivação e também à metapsicologia a partir da proposição das *mensagens enigmáticas de designação de gênero*.

Ora, se gênero, um conceito importante que nomeia e explica dinâmicas de poder, foi incorporado à TSG, seria possível incorporarmos outros conceitos e dinâmicas?

A partir desse questionamento propus a(s) *mensagem(ns) enigmática(s) de designação(ões) racista(s)* (RODRIGUES, 2023b). Em minha leitura, os processos de subjetivação retratados pela TSG são racializados, ou seja, tanto a sedução quanto a tradução/simbolização são racializadas. Como isso aconteceria?

Entendo que o racismo “é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (ALMEIDA, 2019, p. 38). Desta forma, ele é um esquema narrativo constitutivo da sociedade brasileira. Este racismo brasileiro é, como bem explicado por Lélia Gonzalez (1988), diferente daquele existente em outras partes do mundo nas quais houve regimes institucionais separatistas. Esta é a realidade do racismo segregacionista que ocorre nos Estados Unidos e África do Sul. Aqui, o racismo é de denegação (GONZALEZ, 1988) e traz desafios diferentes, como, por exemplo, o trabalho para o Movimento Negro de construir uma problemática para, então, partir para a etapa de combate e enfrentamento (que obviamente já acontece enquanto se evidencia o racismo). Devido à colonialidade (QUIJANO, 2002), esta denegação ocorre também tanto no reconhecimento da produção de subjetividades racistas quanto na produção de conhecimentos *sobre* as subjetividades racistas (FIGUEIREDO; GROSFUGUEL, 2009). Eis por que este trabalho se faz necessário: explicitar e reconhecer a existência do racismo estrutural e a denegação do racismo também pela própria psicanálise.

Segundo Oracy Nogueira (2007), uma outra especificidade do nosso racismo é que ele é um *preconceito racial de marca*. Ou seja, no Brasil, é sobre o fenótipo que a raça, enquanto um marcador social da diferença, se baseia. Assim, quanto mais próximo ao fenótipo da branquitude, menos racismo a pessoa sofre. A branquitude, por sua vez, consiste em uma identificação social-racial, um discurso que se constrói com o intuito de manter a dominação racial contra a população negra e todas as demais populações não brancas (BENTO, 2002). Como Lia Vainer Schucman (2012) explica, esta é uma delimitação complexa:

Definir o que é branquitude e quem são os sujeitos que ocupam lugares sociais e subjetivos da branquitude é o nó conceitual que está no bojo dos estudos contemporâneos sobre identidade branca. Isso porque, nesta definição, as categorias sociológicas de etnia, cor, cultura e raça se entrecruzam, se colam e se descolam umas das outras, dependendo do país, região, história, interesses políticos e época em que estamos investigando. Ser branco e ocupar o lugar simbólico da branquitude não é algo estabelecido por questões apenas genéticas, mas sobretudo por posições e lugares sociais que os sujeitos ocupam (p. 22-23).

A partir dessa contextualização de como as desigualdades raciais se constroem e se mantêm no Brasil, propus a leitura de que o colonialismo, a colonialidade e o racismo são esquemas narrativos que organizaram a história brasileira e se mantêm enquanto tal. Tais esquemas forjaram um código “a partir das diferenças fenotípicas e culturais, impondo os europeus enquanto parâmetro universal. Este código é a *raça*, mais precisamente, a *branquitude*, que se coloca como marco zero que define, portanto, a compreensão do *resto* do mundo pela lógica branco-europeu-humano versus não branco-não europeu-não humano” (RODRIGUES, 2023b, p. 34).

Então, o funcionamento das mensagens enigmáticas de designação racista se daria da seguinte forma:

[...] o cuidado investido pelas/os adultas/os nas/os bebês é diretamente relacionado com a identificação racial que a/o adulta/o atribui ao *infans* a partir de seu corpinho: bebês brancos receberão mais mensagens enigmáticas de designação racista que positivarão sua experiência enquanto bebês não brancos – negros (e nesta tese o foco é a dinâmica racial pautada na branquitude e negritude) terão sua experiência de cuidados pautada na discriminação e desvalorização. Tais mensagens, pré-conscientes/conscientes, designam as crianças sobretudo à nossa revelia, uma vez que nossa subjetividade também foi forjada em uma sociedade racista que identifica o belo, o melhor, o mais capaz enquanto o que é próprio da branquitude. Ou seja, a proposição de mensagem enigmática de designação racista diz respeito à dinâmica social e libidinal de como o racismo estrutural se concretiza em nossas relações. Desta forma, sim, o pressuposto é de que todos somos atravessados pelo racismo estrutural e, em alguma medida, o reproduzimos em nossas vidas, seja pelas preferências estéticas, pelas escolhas amorosas, pelas expectativas de comportamentos de pessoas que não conhecemos mas julgamos a partir de estereótipos, etc. Há, sim, diferenças entre atitudes de discriminação racial (injúria racial e racismo) das mensagens enigmáticas de designação racista, uma vez que aquela passa necessariamente por uma perspectiva da consciência das desigualdades raciais (RODRIGUES, 2023b, p. 46-47).

Como explicado anteriormente, a constituição do psiquismo requer tanto a sedução quanto a tradução/simbolização. As *mensagens enigmáticas de designação racista* estão no polo da sedução. As/os cuidadoras que seduzem também são aquelas/les que oferecem as condições de tradução e simbolização através dos esquemas narrativos do colonialismo, da colonialidade e do racismo, bem como dos códigos de *raça* e *branquitude*. Assim, temos a constituição racializada do psiquismo:

Mas, como sinalizei anteriormente, a constituição do psiquismo se dá a partir das dinâmicas desligadas e ligadas, sendo a sedução o polo responsável pela energia desligada. O polo de ligação, de caráter defensivo frente às descargas de energia (que após o estabelecimento do recalçamento originário e a consequente instalação da tópica serão nomeadas como descargas pulsionais), também é produto do cuidado do adulto. Este deverá ofertar condições de tradução/simbolização auxiliando na construção do narcisismo infantil. Como já sinalizado, a designação contém tanto o caráter enigmático quanto também de identificação pelo adulto sobre a criança. Proponho a compreensão de que o racismo e o colonialismo, enquanto esquemas narrativos, bem como os códigos raciais, pela via da branquitude, são partícipes da constituição do psiquismo, pois são discursos que auxiliam na tradução de como os afetos destinados ao *infans* são desiguais a depender da *raça*, da cor e do fenótipo. Tais discursos também parasitam as ações das/os cuidadoras/res, mesmo que à sua revelia, e fazem parte da identificação feita pelo adulto que designa, racialmente, as crianças. Estes discursos serão importantes no processo de simbolização que a própria criança irá desenvolver sobre si mesma e sobre o mundo. Partindo desse

princípio, os cuidados com os bebês acontecerão de maneiras distintas a depender da cor da pele, cor dos olhos, textura do cabelo, traços do rosto, etc. Esse cuidado será questão para os infantes que, por sua vez, também irão se apropriar de tais discursos em busca de respostas sobre *quem* eles são e *por que* o são. Desta forma, repito: pensemos sobre as crianças brancas da creche. Não é de se imaginar que o tratamento sempre positivo afete a constituição de si mesma (narcisismo) desembocando em uma boa autoimagem? Por outro lado, será que o mesmo ocorre com as crianças negras? As condições de tradução, verbais ou não verbais, também são racializadas. Fica estabelecido, assim, o ciclo: sedução racializada – tradução racializada – constituição de uma tópica racializada (RODRIGUES, 2023b, p. 126).

Todos somos atravessados por tais mensagens que têm designações racistas por serem comprometidas com o racismo estrutural. O movimento de passagem de designações racistas para designações raciais faz parte da construção de novos códigos e mitos simbólicos que traduzam a diversidade de raças e etnias não mais pela perspectiva binária atual da branquitude (branquitude versus não branquitude). A construção da negritude, enquanto identidade política, é um exemplo de outras traduções/simbolizações das experiências de negras e negros. Como o próprio nome do livro de Neusa Santos Souza (1983) evoca, *tornar-se negro* é um processo de valorização e positividade daquilo que é rechaçado pelo racismo brasileiro, pelo mito negro (SOUZA, 1983). Por isso, a negritude não é uma oposição à branquitude, mas sim a positividade das vivências de pessoas negras através de um retorno à ancestralidade. Eis um exemplo de como são possíveis e necessárias novas simbolizações dos pertencimentos raciais a fim de que passemos de *mensagens enigmáticas de designação racista* para aquelas de *designação racial* que não estariam atravessadas pelo código da branquitude, que apaga e diminui a diversidade humana ao simples binarismo branquitude versus não branquitude.

FINALIZANDO, POR ORA

Neste texto realizo um exercício de pensar quais traumas são reconhecidos e quais lutos são possíveis, trazendo para a reflexão o conceito de *mensagens enigmáticas de designação racista* (RODRIGUES, 2023b) como possibilidade de colocar a trabalho a psicanálise, mais especificamente a TSG, e de ofertar arsenal teórico e clínico para nossa atuação enquanto psicanalistas antirracistas. Com isso, discuto o não reconhecimento do trauma do racismo pela psicanálise que tem incorporado (bem ou mal) os debates de gênero e sexualidade, mas não oferece ferramentas teóricas, metapsicológicas e clínicas para pensarmos as dinâmicas do racismo estrutural que constitui a realidade brasileira.

Este é um texto produzido a partir da teoria da sedução generalizada e em consonância com os debates decoloniais, pois apresento meu lócus enunciativo de psicanalista brasileira, negra, que produz reflexões sobre o racismo no Brasil, que é diferente do racismo estadunidense, por exemplo. A decolonialidade evidencia as dinâmicas da colonialidade do poder, do saber e do ser. Com isso, é imprescindível colocarmos a própria psicanálise em perspectiva e entender como o racismo antinegro não é contemplado na metapsicologia. Mais do que isso: é importante enxergarmos como a psicanálise tem colaborado para a cegueira quanto à existência do racismo.

Espero que este texto possa ser um convite para conhecer minha tese. Espero também que haja cada vez mais produções de saber localizadas a partir da nossa realidade, trazendo a perspectiva de corpos, sujeitos e eventos de subordinação e violação para o centro do debate da psicanálise brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- BEHR, Kenia B. O enigmático nas identificações primárias e o processo de tradução. In: LAPLANCHE, Jean et al. *Três destinos da mensagem enigmática e outros ensaios*. São Paulo: Zagodoni, 2020.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.
- BLEICHMAR, Silvia. *A fundação do inconsciente, destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. (Trabalho original publicado em 1993).
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre o limite discursivo do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-166. (Trabalho original publicado em 1993).
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de R. Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. (Trabalho original publicado em 1952).
- FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV*. 2. ed. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 97-106. (Trabalho original publicado em 1933).
- FIGUEIREDO, Ângela; GROSGUÉL, R. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. *Sociedade e Cultura*, v. 12, n. 2, p. 223-234, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v12i2.9096>.
- FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo. In: FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras Completas, v. 19). (Trabalho original de 1939).
- FREUD, Sigmund. Tabú de la virginidad. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. v. XI. (Trabalho original publicado em 1918).
- FUCKS, Beth. O pensamento freudiano sobre a intolerância. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 59-73, 2007.
- GONDAR, Jô. Um racismo desmentido. In: ARREGUY, Marília Etienne; COELHO, Marcelo Báfica; CABRAL, Sandra (Orgs.). *Racismo, capitalismo e subjetividade: leituras psicanalíticas e filosóficas*. Niterói: Eduff, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223-244, 1984.
- GROSGUÉL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/0102-6992-se-31-01-00025.pdf>. (Trabalho original publicado em 2013).
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. (Trabalho original publicado em 2008).
- LAPLANCHE, Jean. A revolução copernicana inacabada. Tradução de Mania Deweik e Maria de Lourdes Caleiro Costa. *Percurso*, v. 56-57, 2016. (Trabalho original publicado em 1992).
- LAPLANCHE, Jean. Castração e Édipo como códigos e esquemas narrativos. In: LAPLANCHE, Jean. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Tradução de José Carlos Calich et al. Porto Alegre: Dublinense, 2015. p. 280-287. (Trabalho original publicado em 2006).
- LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Trabalho original publicado em 1987).

LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas II: castração/simbolizações*. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (Trabalho original publicado em 1980).

LAPLANCHE, Jean. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Tradução de José Carlos Calich et al. Porto Alegre: Dublinense, 2015. (Trabalho original publicado em 2006).

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2018b. (Trabalho original publicado em 2013).

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1, 2018a. (Trabalho original publicado em 2003).

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto (Org.). *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: Biblioteca da Universidade Federal Fluminense, 2004. p. 15-34.

NOGUEIRA, Isildinha. *Significações do corpo negro*. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015>. (Trabalho original publicado em 1995).

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (Org.). *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992. p. 437-449.

RIBEIRO, Paulo de Carvalho. *Pour relancer la révolution copernicienne inachevée (une remise en question de la théorie traductive du refoulement)*. Conferência proferida na Journée Laplanche, 2022. (Texto inédito).

RODRIGUES, Thalita. Freud, narcisismo das pequenas diferenças e relações raciais: potencialidades, limitações e proposições para o enfrentamento ao racismo. In: GUERRA, Andrea M. C. et al. (Orgs.). *Cicatrizes da escravização*. Vitória: EDUFES, 2023a.

RODRIGUES, Thalita. Há lugar para a raça em psicanálise? Investigações metapsicológicas a partir da Teoria da Sedução Generalizada. In: BELO, Fábio (Org.). *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de Quarto de despejo*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2018.

RODRIGUES, Thalita. Psiquismo racializado? Uma leitura psicanalítica sobre subjetivação a partir da Teoria da Sedução Generalizada e da decolonialidade. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2023b.

SHUCMAN, Lia V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ENTREVISTA COM EDUARDO MEDEIROS¹

INTERVIEW WITH EDUARDO MEDEIROS

ENTREVISTA CON EDUARDO MEDEIROS

Resumo: A consigna deste número é: Trauma, Luto e Melancolia, temas que foram pensados a partir da frequência intensificada de manifestações da ordem do traumático, dos lutos, da melancolia, e até mesmo da psicose e do masoquismo na clínica atual e na cultura. Estávamos produzindo essa chamada de artigos sobre o tema quando fomos assolados pela catástrofe climática que causou enchentes e destruições no estado do Rio Grande do Sul. Como todo excesso vivido, é preciso tempo e trabalho para compreensão e elaboração, e somente à posteriori poderemos construir sentidos para o que nos foi exigido. A partir disso, pensamos em trazer para esse número uma entrevista com Eduardo Cavalcanti Medeiros.

Palavras-chave: Trauma. Clínica contemporânea. Excesso pulsional.

Abstract: The subject of this issue is: Trauma, Mourning and Melancholia, themes that were thought up based on the increased frequency of traumatic manifestations, mourning, melancholia, and even psychosis and masochism in today's clinic and culture. We were producing this call for articles on this subject when we were struck by the climate catastrophe that caused floods and destruction in the state of Rio Grande do Sul. As in every excess experienced, it takes time and work to understand and elaborate, and only afterwards will we be able to make sense of what has been demanded of us. With this in mind, we decided to include an interview with Eduardo Cavalcanti Medeiros in this issue.

Keywords: Trauma. Contemporary clinic. Pulsional excess.

Resumen: La consigna de este número es: Trauma, Duelo y Melancolía, temas que fueron pensados a partir de la intensificación de la frecuencia de manifestaciones traumáticas, duelo, melancolía, e incluso psicosis y masoquismo en la clínica y cultura actuales. Estábamos produciendo esta convocatoria de artículos sobre el tema cuando nos sorprendió la catástrofe climática que causó inundaciones y destrucción en el estado de Rio Grande do Sul. Como todo exceso vivido, lleva tiempo y trabajo comprenderlo y elaborarlo, y sólo después podremos dar sentido a lo que se nos ha exigido. Con esto en mente, decidimos incluir en este número una entrevista con Eduardo Cavalcanti Medeiros.

Palabras clave: Trauma. Clínica contemporánea. Exceso de pulso.

¹ Psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP-Rio), Doutor em Psicologia Clínica (PUC-Rio) e membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi (GBPSF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9759-6271>. E-mail: eduardocmed@gmail.com

– **EM 1930, FREUD NOS TRAZ O “MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO” E A IDEIA DE UM SOFRIMENTO INSUPERÁVEL EM FUNÇÃO DA RENÚNCIA PULSIONAL NECESSÁRIA À CONVIVÊNCIA EM SOCIEDADE. VOCÊ ACHA POSSÍVEL RELACIONAR O SOFRIMENTO QUE OBSERVAMOS NA CLÍNICA ATUAL, QUE RESULTARIA DE UMA EXPERIÊNCIA DE UM EXCESSO QUE O PSIQUISMO NÃO ESTARIA CONSEGUINDO PROCESSAR, E O SOFRIMENTO DECORRENTE DO DESCRITO NO “MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”?**

Para responder à pergunta sobre a relação entre o sofrimento descrito por Freud em "O Mal-estar na Civilização" e o sofrimento observado na clínica atual, podemos partir da noção freudiana de que o mal-estar é inerente à civilização devido à renúncia pulsional necessária para manter a ordem social. Esse sofrimento, para Freud, é inevitável, pois o indivíduo precisa renunciar às suas satisfações pulsionais em prol da convivência coletiva.

Na clínica contemporânea, o que podemos acompanhar é uma maior incidência de formas de sofrimento relacionadas ao que poderíamos chamar de "excesso", ou seja, de uma modalidade de sofrimento derivada de uma profusão, tanto de experiências intensivas quanto de estímulos sensoriais, que transborda a capacidade de processamento do aparelho psíquico. Esse excesso pode estar associado à diversas situações, como por exemplo, pandemias, catástrofes e às mais diversas formas de violência.

Além disto, podemos pensar esse excesso como um efeito intensivo que é característico dos tempos atuais, para usar um termo de Lipovetsky, do tempo da hipermodernidade². Nesse sentido, podemos acompanhar certo tipo de mal-estar oriundo da aceleração e da intensificação da vida cotidiana, das demandas econômico-sociais e individuais. Esse mal-estar se apresenta através de um visível aumento de sintomas que parecem transbordar as possibilidades de elaboração psíquica, como por exemplo, ansiedades intensas, estados de pânico, experiências de despersonalização e sentimentos de vazio – conforme nos indica o filósofo Byung-Chul Han³ no seu livro “A sociedade do cansaço” (2015).

Podemos pensar que existe uma continuidade entre o sofrimento descrito por Freud e o sofrimento atual, mas com uma intensificação e transformação qualitativa. Em Freud, o mal-estar foi pensado a partir de um embate entre as forças pulsionais e às demandas da cultura e da civilização. Assim, toda uma série de limites são colocados à satisfação pulsional, produzindo como resultante toda uma sorte de sofrimentos, mal estares e sintomas. Na contemporaneidade, os sujeitos se encontram expostos a uma quantidade de estímulos e expectativas que não apenas exigem renúncia, mas ultrapassam as capacidades psíquicas de simbolização, gerando experiências de saturação, sobrecarga e esgotamento. Portanto, embora os contextos sejam distintos – renúncia pulsional para Freud e experiências de excesso e transbordamento na clínica atual – ambos lidam com um sofrimento que resultante de tensões entre o sujeito e o mundo.

– **PODERIA NOS FALAR SOBRE COMO FERENCZI CONSTRUÍU A PERSPECTIVA RELACIONAL DA EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA, QUAL SUA IMPORTÂNCIA PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA?**

A temática do trauma perpassa, de diferentes maneiras, toda a obra de Sándor Ferenczi. Podemos realizar um recorte e indicar que esse tema ganha maior relevo e destaque nos trabalhos do período de 1919 até 1933. Ferenczi, durante as suas experimentações com a técnica ativa – de 1919 até 1926 –, percebe que os pacientes repetiam na transferência experiências traumáticas que não remetiam às fantasias sexuais e ao conteúdo recalcado. Ferenczi relata toda uma série de fenômenos clínicos que remetiam às experiências que foram vividas (*Erlebnis*).

² Lipovetsky, G. (2004). Os tempos hipermodernos modernidade. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

³ Han, Byung-Chul (2015). Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

Podemos delimitar que os trabalhos de Ferenczi entre os anos de 1928 e 1933 irão trazer uma nova formulação sobre o trauma. Se antes, em Freud, o trauma era pensado a partir de uma dimensão intrapsíquica na qual o conflito pulsional, entre Eros e Thânatos, poderia romper à barreira de para-excitação, e o excesso intensivo produziria a experiência de dor; Ferenczi passa a pensar o trauma como sendo uma resultante de processos que se dão em uma dimensão relacional da experiência, ou seja, entre o sujeito e o ambiente.

Podemos destacar dois artigos de Ferenczi, a “A criança mal acolhida e a sua pulsão de morte” (1929) e “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” (1933). No primeiro trabalho, Ferenczi destaca o papel fundamental do ambiente na constituição psíquica do bebê. Segundo o psicanalista húngaro, cabe ao ambiente se adaptar às necessidades do bebê, por meio de um prodigioso dispêndio de amor, de ternura e cuidados, exercendo assim uma de suas funções essenciais que é a de imunizar as tendências à autodestruição do recém-nascido, uma vez que no início da vida a força vital ainda é fraca. A partir desta concepção, Ferenczi pensa, através de uma perspectiva relacional, até mesmo os aspectos destrutivos da pulsão de morte, uma vez que estes seriam reações ao mal acolhimento do ambiente, ou seja, reações do bebê às falhas de adaptação do ambiente⁴.

No artigo “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” (1933) Ferenczi acentua a dimensão relacional da experiência traumática – na qual são sempre perturbações e conflitos reais com o mundo exterior que provocam traumas – para pensar o processo traumático a partir da ideia de uma confusão de línguas entre os adultos e a criança. Nessa leitura, a violência traumática presente na relação entre criança e os adultos é resultante de uma confusão de línguas, onde as atitudes passionais dos adultos entram em choque com a ternura da criança.

Para Ferenczi, além dessas atitudes passionais, o elemento traumático essencial é o *desmentido*, isto é, o momento em que a criança procura validação para o trauma que viveu, mas o adulto nega sua ocorrência, afirmando que nada aconteceu ou, pior ainda, rejeitando e punindo a criança por relatar tal experiência. Nessa concepção proposta por Ferenczi, o fator traumático por excelência diz respeito ao ambiente, ou seja, às qualidades responsivas do ambiente, tanto no sentido do acolhimento empático, compreensivo e sincero, como no sentido do ambiente que responde negando a experiência vivida pela criança – *desmentido*.

A clínica com pacientes severamente traumatizados fez com que Ferenczi traçasse outras coordenadas e princípios para a técnica psicanalítica. Ferenczi questiona a técnica psicanalítica clássica ao relacioná-la com a repetição da experiência traumática em análise. A fidedignidade dessa repetição passou a ser pensada como estando associada à tensão gerada pelo *princípio de abstinência* e pela *frustração* excessiva das demandas, enquanto a *neutralidade* e o silêncio do analista encontram seus paralelos na *hipocrisia* e no *desmentido* vividos pelo paciente em seu passado.

A especificidade dessa clínica exige um manejo orientado pela qualidade da relação estabelecida no *setting*, fundamentada na criação e manutenção de uma relação de *confiança*. Esse é possivelmente o fator central para que algumas experiências regressivas possam ser vividas intensamente no *setting* de maneira não ameaçadora, permitindo que sejam trabalhadas terapêuticamente de forma mais eficaz. Caso contrário, sem essa *atmosfera de confiança*, a relação com o analista ou o ambiente será percebida como uma repetição fiel daquele ambiente traumático de outrora. Esses seriam alguns dos elementos que podem ser tomados como coordenadas teórico-clínicas para pensarmos a especificidade de uma clínica com pacientes cujo sofrimento remete a experiências traumáticas.

Podemos considerar que as contribuições teórico-clínicas de Ferenczi acerca da concepção de trauma, como também sobre a técnica psicanalítica, o tornaram uma referência

⁴ Para uma leitura aprofundada desse tema indico a leitura do livro “La isla de sueños de Sándor Ferenczi: nada más que pulsión de vida” (2006).

fundamental para pensarmos a clínica contemporânea, uma vez que Ferenczi sempre buscou expandir o raio de ação e de compreensão da psicanálise para quadros clínicos cujo sofrimento não era passível de ser enquadrado em concepções rigidamente estruturadas como neurose, psicose e perversão. Essa constante problematização acerca das possibilidades terapêuticas da técnica psicanalítica fez com que Ferenczi propusesse novos conceitos e novas formas de pensar a clínica, contribuindo para o que hoje poderíamos nomear como sendo uma clínica de casos não-neuróticos. Esta conduta e implicação fez com que Ferenczi fosse considerado, conforme sublinha André Green, em “*Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*” (2002), o pai da psicanálise contemporânea.

– FERENCZI REFERE DUAS CONCEPÇÕES DE TRAUMA, OS QUE SÃO ESTRUTURANTES, COMO A CASTRAÇÃO, E OS QUE NÃO SÃO E IMPOSSIBILITAM UMA REORGANIZAÇÃO PSÍQUICA. DE QUE FORMA ESSA ÚLTIMA CONCEPÇÃO SE MANIFESTA NA CLÍNICA E QUAL O PAPEL DO ANALISTA DIANTE DE TAIS SITUAÇÕES?

Ferenczi relata diversos tipos de experiências traumáticas que podem ser organizadas como sendo de dois tipos: *estruturantes* ou *desestruturantes*. Enquanto os *traumas estruturantes*, como o complexo de castração, são parte intrínseca do desenvolvimento psíquico, embora causem sofrimento, contribuem para a formação da subjetividade e a organização do ego. Estamos aqui diante de experiências de frustração ou perda que permitem uma reorganização psíquica e promovem o crescimento, já que não excedem a capacidade de simbolização e de integração do psiquismo.

Por outro lado, Ferenczi descreve os *traumas desestruturantes*, como sendo aqueles resultantes de experiências tão intensas e insuportáveis que a pessoa não consegue processá-las ou simbolizá-las adequadamente. Esses traumas rompem a capacidade do ego de integrar a experiência, levando a uma fragmentação psíquica. Na clínica, esse tipo de trauma se manifesta de várias maneiras, como por exemplo: dissociações, estados de despersonalização, amnésias traumáticas e outros fenômenos que indicam uma ruptura da continuidade da experiência subjetiva.

Nessas situações, o referencial técnico não deve estar apenas balizado pelas coordenadas fundamentais da técnica psicanalítica clássica: da associação-livre, do princípio de abstinência, da neutralidade e da interpretação. Para Ferenczi, as coordenadas principais devem ser outras, como por exemplo: a adaptação do analista ao paciente; a manutenção de um ambiente tolerante, seguro e de confiança; exercer o princípio de relaxamento (*laissez-faire*); as interpretações devem ficar resguardadas para um segundo momento, dando prioridade à disponibilidade e à presença do analista.

Nesse tipo de disposição clínica, o analista, para se adaptar aos ritmos e rumos do processo de análise do paciente, precisará entrar em contato com ele de uma maneira empática – com *tato* (“sentir com”) –, uma vez que é fundamental à criação de uma relação pautada na confiança e de um ambiente cuja atmosfera possa ser experimentada de uma maneira mais livre, tolerante e acolhedora, ou seja, de uma maneira distinta daquela do trauma.

– QUAIS SERIAM AS PRINCIPAIS DIVERGÊNCIAS ENTRE FREUD E FERENCZI A RESPEITO DE TRAUMA? COMO ESSAS DIFERENÇAS SE APRESENTAM NO MANEJO CLÍNICO?

Embora Freud, no início de suas formulações teóricas entre os anos de 1894 e 1897, tenha considerado a possibilidade de que traumas reais, como abuso sexual, pudessem ser a causa de neuroses (na chamada “teoria da sedução”), ele posteriormente abandonou⁵ essa ideia em favor de uma concepção de trauma centrada no conflito pulsional interno e nas

⁵ Como podemos acompanhar na carta 69 enviada à Wilhelm Fliess em 1897.

fantasias inconscientes. Há aqui um importante deslocamento da ênfase na realidade material para a realidade psíquica.

Esse movimento pode ser observado especialmente a partir da publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), em que Freud apresenta sua concepção de inconsciente, com suas leis próprias e seu princípio regulador, o princípio do prazer. Nas obras dos anos seguintes, Freud passa a investigar a relação entre fantasia e sexualidade infantil, bem como as teorias sexuais da criança. Além disso, ele explora a influência fundamental da ameaça de castração e do complexo de Édipo na formação das organizações psíquicas – neurose, psicose e perversão.

Na virada para a década de 1920, as análises dos soldados traumatizados pelos impactos da Primeira Guerra, conhecidas como neuroses de guerra, revelaram a presença de resistências intransponíveis e de forças que não se submetiam ao princípio do prazer. Essas evidências começaram a desafiar o modelo de trauma vigente, fundamentado na primazia do princípio do prazer.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud elabora a concepção de neuroses traumáticas, conceito que amplia o entendimento das neuroses de guerra – termo que descreve os quadros polimorfos resultantes dos traumas sofridos por inúmeras pessoas durante esse período. Diante dos impasses gerados por esses quadros clínicos, Freud formula que a compulsão à repetição é mais arcaica que o princípio do prazer, configurando-se como uma tendência que vai além desse princípio. Essa questão evidencia os limites da sua teoria das pulsões, exigindo, assim, uma redefinição do dualismo pulsional. Esse dualismo é então reformulado pela oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte. E a sua concepção teórico-clínica do trauma passa, a partir do conceito de pulsão de morte, a ser pensada como uma experiência marcada pelo excesso pulsional que rompe a capacidade do psiquismo de lidar com as excitações.

Os conflitos entre Freud e Ferenczi, que se intensificaram no início dos anos 1930, tornaram-se inevitáveis justamente por conta dessas investigações em torno do conceito de trauma. Para Freud, afirmar que a compulsão à repetição resulta de uma situação traumática real é um erro, pois atribui importância excessiva ao objeto responsável e subestima os recursos do aparelho psíquico para transformar o trauma e o sofrimento psíquico associado.

Ferenczi, por outro lado, atribui ao ambiente um papel crucial, tanto na constituição de experiências traumáticas patológicas quanto na possibilidade de amortecer ou anular seu impacto sobre a criança. Essa visão gerou divergências significativas com Freud, que considerava o comportamento do paciente determinado essencialmente por conflitos intrapsíquicos, ou seja, tudo aquilo que o paciente relata sobre suas relações deveria ser interpretado em termos desses conflitos internos. Na perspectiva ferencziana, porém, o paciente responde também às configurações do "ambiente" criado pelo analista, ressaltando o caráter relacional do processo. Podemos acompanhar, ao longo da trajetória dos dois psicanalistas, que o ponto de maior discordância se deu com a conferência proferida por Ferenczi em 1932, em Wiesbaden, que deu origem ao artigo "Confusão de línguas entre os adultos e a criança" (1933).

Essas diferenças teóricas entre Freud e Ferenczi se refletem no manejo clínico de maneira significativa. Freud priorizava a manutenção da neutralidade e do princípio de abstinência, o que ele considerava essencial para o estabelecimento da transferência e para o trabalho do analista por meio das interpretações do material inconsciente.

Ferenczi, no entanto, acreditava que a neutralidade era muitas vezes sentida pelo paciente como um distanciamento emocional do analista, como uma postura fria e insensível diante do seu sofrimento. Ferenczi chega a questionar se os analistas não acabam infligindo mais sofrimento do que o paciente consegue suportar, criando assim, mais resistências e dificuldades do que efeitos terapêuticos. Ao pensar nessa "economia do sofrimento", Ferenczi

propõe uma maior *elasticidade da técnica* cuja dinâmica exige que o analista tenha uma maior disponibilidade para afetar e ser afetado no processo analítico, ou seja, que o processo seja conduzido levando em consideração o seu tato – a sua capacidade de “sentir com”.

Além dessas diferenças, não podemos deixar de comentar que um dos pontos de maior divergência entre Freud e Ferenczi se deu a partir da ênfase que o psicanalista húngaro dava ao manejo clínico dos fenômenos de repetição e regressão em análise, o que implicava no atendimento a certas demandas dos pacientes.

Freud sempre foi cauteloso e, muitas vezes, bastante cético em relação a essa questão. Sua recomendação era que se evitasse atender às demandas e aos anseios do paciente, exceto através da interpretação. Com essa postura, ele acreditava ser possível preservar condições fundamentais para o analista – como uma objetividade passiva e neutra – e também para o paciente, pois a manutenção do estado de abstinência garantiria uma cota importante de libido direcionada ao processo associativo. Caso o analista gratificasse as demandas e atendesse aos anseios dos pacientes, isso tenderia a intensificar ainda mais essas solicitações. Como resultado, os pacientes poderiam se tornar altamente dependentes do analista, que, por sua vez, estaria diante da tarefa impossível de satisfazer incondicionalmente o que lhe é demandado.

Ferenczi, por outro lado, explora uma série de modificações na técnica e, em determinados momentos, passa a atender algumas demandas dos pacientes, transgredindo “ora um ora outro dos ‘Conselhos técnicos’ de Freud”. Essas atitudes transgressivas visavam a criação de uma atmosfera de relaxamento que permitisse ao paciente expressar-se com maior liberdade. Essa liberdade, proporcionada pelo princípio de relaxamento, facilitava a regressão dos pacientes, que se expressavam de maneira cada vez mais espontânea e infantil. Para Ferenczi, esse processo é essencial, pois o acesso ao conteúdo clivado ou dissociado só se torna possível através da repetição – especificamente, da repetição da experiência traumática na relação transferencial. Assim, torna-se necessário pensar em uma técnica que possa manejar esses fenômenos, integrando-os à concepção do processo analítico.

– FREUD CONCLUI “NEUROSE E PSICOSE”, QUE COMPLETA 100 ANOS, QUESTIONANDO-SE POR QUAL MECANISMO O EU CONSEGUIRIA SAIR ILESO, SEM ADOECER, DE CONFLITOS QUE ESTÃO SEMPRE PRESENTES. ELE SE REFERE A OUTRAS FORMAS DE NEGAÇÃO, ALÉM DO RECALQUE, E ESTRUTURAS CLÍNICAS DIFERENTES DA NEUROSE. EM SUA TESE, VOCÊ ABORDA ESSAS CARACTERÍSTICAS RESULTANTES DA ADOÇÃO DE DEFESAS EMPOBRECEDORAS QUE SÃO AMEAÇAS DE DESINTEGRAÇÃO E ANIQUILAMENTO DO EU. PODERIA NOS FALAR UM POUCO SOBRE OS REMANEJAMENTOS QUE VOCÊ CONSIDERA NECESSÁRIOS NA TÉCNICA PARA A ESCUTA DESSES CASOS?

Em *Neurose e Psicose* (1924), Freud investiga as defesas psíquicas e sua relação com a neurose e a psicose, propondo que esses quadros resultam de conflitos entre o ego e as exigências externas e internas. Ele sugere que, na neurose, o ego utiliza defesas – o recalque/*Verdrängung* – para afastar as pulsões e os seus representantes ameaçadores, reprimindo-os e evitando que cheguem à consciência. O conflito se manifesta em sintomas neuróticos, que representam compromissos entre os impulsos reprimidos e as barreiras do ego.

Na psicose, de maneira distinta, Freud explica que a defesa é mais radical: o ego rejeita/*Verwerfung* a realidade externa ao invés de apenas reprimir os impulsos. Essa modalidade de defesa ocorre porque o ego não consegue suportar a tensão entre as exigências internas do Id e as pressões da realidade externa. Como resultado, na psicose, o ego cria uma nova realidade para substituir a rejeitada, levando a uma alteração profunda na percepção e no comportamento. Freud destaca que, enquanto a neurose tenta preservar o vínculo com a realidade (mesmo com distorções), a psicose envolve uma rejeição/*Verwerfung* mais significativa com o mundo externo.

Em Ferenczi podemos acompanhar nos seus últimos trabalhos, principalmente, em “Confusão de línguas”, uma investigação sobre certos mecanismos de defesa que operam de maneira distinta ao recalque, como por exemplo, as clivagens. Ferenczi passa a estudar quadros clínicos que trazem a marca das cisões, dissociações, fragmentações, ou seja, de uma série de defesas que operam rupturas e que destroem brutalmente uma parte do ego. Essas partes dissociadas da personalidade coexistem de forma simultânea e independente, eliminando a percepção do conflito psíquico.

Aqui, a ameaça percebida é de aniquilamento, não de castração, conforme seria em um caso de neurose, já que castração envolve renúncia pulsional, restrição e até punição. A clivagem implica em uma ruptura na superfície do ego, mobilizando e imobilizando intensas forças defensivas que buscam manter separados aspectos do eu, memórias, e conteúdos psíquicos carregados com um excesso de excitação que não pode ser transformado.

Diante desse tipo de sofrimento, considero importantes alguns remanejamentos, conforme indicado por Sándor Ferenczi e aprofundado por Michael Balint e Donald Winnicott.

Ferenczi defende que a postura do analista deve ser benevolente e sincera, reduzindo as exigências técnicas, o que implica na possibilidade de atender algumas demandas dos pacientes, especialmente aquelas associadas à linguagem da ternura. Dessa forma Ferenczi buscava criar uma atmosfera de confiança, na qual o paciente pudesse se expressar de maneira mais livre e espontânea, assim como desfrutar da irresponsabilidade da infância. Para Ferenczi, isto equivale a introduzir no paciente impulsos positivos de vida e razões para continuar existindo.

Para Balint a atmosfera analítica deve ser uma atmosfera sincera e inofensiva, que se assemelha ao ambiente ainda não diferenciado, harmonioso e de misturas interpenetrantes, característico do *amor primário* – ambiente propício para o surgimento de *regressões benígnas* e experiências de *novo começo*. Balint destaca que a qualidade da resposta do analista influencia o rumo das regressões e que o analista deve ser não intrusivo, ou seja, cauteloso em suas interpretações para que essas não sejam sentidas como invasivas pelo paciente. Essa postura do analista “não importuno” ou “não intrusivo” é fundamental para o surgimento de uma relação harmoniosa, tranquila e segura, permitindo assim que o paciente possa viver, na relação transferencial, experiências que remetem ao nível da falha básica.

Em Winnicott, os processos regressivos são considerados importantes elementos para o trabalho analítico, especialmente em pacientes severamente traumatizados. Segundo Winnicott, a regressão em análise permite trazer à tona as falhas ambientais vividas pelo paciente nos estágios iniciais de *dependência*. Nessas circunstâncias, o analista deve conseguir distinguir que certas demandas dos pacientes se relacionam com necessidades psíquicas e emocionais não atendidas devido as falhas de adaptação do ambiente nos momentos iniciais do desenvolvimento emocional, ou seja, nos momentos iniciais de maior dependência do bebê em relação ao ambiente.

Na visão winnicottiana, o analista exerce uma função de *holding* analítico, garantindo um ambiente estável e confiável para a manifestação das regressões, além de acompanhar e sustentar o paciente nesse estado. Dessa forma, a confiança no contexto analítico favorece o surgimento de regressões terapêuticas. Embora a interpretação continue sendo parte da análise, a ênfase recai sobre o cuidado ambiental, ou seja, o manejo do analista, baseado na compreensão da maternagem. Winnicott descreve a postura do analista em termos da “mãe suficientemente boa,” principalmente em sua função de *holding*. Assim, o analista/ambiente adapta-se às necessidades mais primitivas do paciente, sustentando-o no tempo e no espaço, e tomando cuidado para que suas intervenções não sejam vividas como intrusivas.

Winnicott também observa que falhas na adaptação do analista ao paciente são inevitáveis e, além de inevitáveis, podem ser produtivas para o tratamento. Tais falhas tendem a

provocar reações intensas, especialmente de agressividade. Nestas situações, o analista deve acolher essas reações sem retaliá-las, ou seja, o analista deve sobreviver a esses ataques. Essa compreensão do manejo clínico se aproxima da imagem de Ferenczi do analista como um “joão-bobo,” assim como da noção de Balint sobre a quase indestrutibilidade das substâncias originárias do amor primário.

Por fim, Ferenczi, Balint e Winnicott compartilham a ideia de que o analista deve adaptar-se às necessidades do paciente, contrastando com o ambiente traumático de outrora. Os três autores também compartilham da compreensão que, nesses casos, as intervenções não devem ser intrusivas. Balint e Winnicott, por exemplo, recomendam que o analista seja cauteloso e evite interpretações excessivas, respeitando os estados regressivos e a capacidade do paciente de elaborar seu próprio material psíquico. Como podemos observar, os três autores sugerem um modelo técnico que prioriza o ambiente confiável, a adaptação ao paciente e a presença não intrusiva; propondo intervenções pautadas pela disponibilidade emocional, pela confiança e por interpretações cuidadosas em momentos adequados e adaptadas ao momento e à especificidade de cada paciente.

– O CAMPO DAS CATÁSTROFES NATURAIS E A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA É UM TERRENO QUE DEMANDA NOSSA ATENÇÃO COMO PSICANALISTAS. DE QUE FORMA A CLÍNICA DO TRAUMA PODE NOS AJUDAR A PENSAR E INTERVIR DIANTE DESTES FENÔMENOS E SEUS EFEITOS?

O campo das catástrofes naturais e a emergência climática representa um desafio crescente para a psicanálise, especialmente no que diz respeito ao trauma e seus efeitos sobre o psiquismo individual e coletivo. Esses eventos não apenas causam destruição física, mas também produzem profundas repercussões emocionais e psíquicas, muitas vezes manifestadas como traumas individuais e traumas coletivos.

Podemos, infelizmente, citar inúmeras situações como essas, como por exemplo, a catástrofe que aconteceu em abril desse ano no Rio Grande Sul. Além da experiência traumática individual, precisamos considerar o impacto e o luto coletivo, uma vez que esse tipo de situação demanda, do indivíduo e da coletividade, todo um trabalho psíquico e emocional decorrentes dos processos de elaboração de perdas materiais e simbólicas, da exigência de reconstrução de identidades e da busca por um novo sentido para a vida.

Essa pergunta convida à reflexão sobre como a clínica do trauma pode nos ajudar a pensar e intervir diante dos impactos psíquicos e sociais das catástrofes naturais e da crise climática. As reformulações teórico-clínicas propostas por Ferenczi, Balint e Winnicott, podem nos ajudar a pensar estratégias e conduções clínicas mais bem adaptadas à especificidade do impacto subjetivo e social acarretado por esses eventos, uma vez que, certamente, estamos diante de experiências que acarretam sensações de colapso, agônias e desamparo.

Na prática, isso significa que o trabalho psicanalítico, diante do trauma acarretado pelas catástrofes naturais e pela emergência climática, deve buscar criar espaços de escuta que possam acolher e sustentar os mais diversos tipos de sofrimento, sobretudo, aqueles que diante do choque e da intensidade do impacto, muitas vezes, não conseguem ser simbolizados.

Penso que outra importante contribuição para pensarmos essas situações é a noção de *desmentido* (*Verleugnung*), ou seja, do não reconhecimento e da não validação da violência sofrida, ou seja, menosprezando a percepção objetiva e o sofrimento subjetivo daqueles que viveram os impactos das catástrofes. Para Ferenczi não há nada pior do que dizer que nada aconteceu, ou seja, de negar a ocorrência e a importância daquilo que foi vivido.

Podemos pensar que o *desmentido* pode se dar tanto em um pequeno grupo de indivíduos, como em uma dimensão coletiva, diria nacional e global. No plano coletivo, podemos pensar a importância de uma resposta ou de uma reação que acolha e valide o impacto emocional das mudanças climáticas, sem recair no desmentido. Nesse sentido, para acolhermos esse sofrimento trazido por essas catástrofes, é preciso um trabalho de sustentação que abarque tanto o cuidado com o indivíduo quanto a criação de uma rede de apoio e reconhecimento das angústias coletivas. Desta maneira estaríamos criando as condições para uma *discursividade*⁶ que pudesse, além de contribuir para os processos de simbolização e elaboração psíquicas, tornar o coletivo mais atuante e implicado nas ações e nas mudanças que precisam ser feitas.

⁶ Discursividade conforme proposto pelo filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin (1895-1975).

“HAPPY NEW EAR” – ESCUTA
PSICANALÍTICA E ESCUTA MUSICAL
“HAPPY NEW EAR” – PSYCHOANALYTIC LISTENING AND MUSICAL LISTENING
“HAPPY NEW EAR” – ESCUCHA PSICOANALÍTICA Y ESCUCHA MUSICAL

Ignacio Gerber¹

Resumo: Este artigo propõe uma aproximação entre a escuta psicanalítica no *setting* e a escuta musical. O *Happy New Ear* de John Cage, uma feliz nova escuta, tão livre quanto possível de ideias preconcebidas e expectativas desejantes para captar a pura novidade do presente. Ouvir como se fosse a primeira vez. Em termos de Freud, uma atitude de atenção flutuante. Em termos de Bion, uma atitude de *rêverie*, sem memória, sem desejo, sem entendimento prévio. Um desapego de si mesmo para ouvir o que há de novo.

Palavras-chave: Inconsciente. Escuta psicanalítica. Escuta musical. Freud. Bion.

Abstract: This article proposes an approach between psychoanalytic listening in the setting and musical listening. John Cage's Happy New Ear, a happy new listening, as free as possible from preconceived ideas and wishful expectations to capture the pure newness of the present. Listening as if for the first time. In Freud's terms, an attitude of floating attention. In Bion's terms, an attitude of rêverie, without memory, without desire, without prior understanding. A detachment from oneself to listen to what is new.

Keywords: Unconscious. Psychoanalytic listening. Musical listening. Freud. Bion.

Resumen: Este artículo propone un acercamiento entre la escucha psicoanalítica en el entorno y la escucha musical. El Happy New Ear de John Cage, una feliz nueva escucha, lo más libre posible de ideas preconcebidas y de expectativas ilusorias para captar la pura novedad del presente. Escuchar como si fuera la primera vez. En términos de Freud, una actitud de atención flotante. En términos de Bion, una actitud de rêverie, sin memoria, sin deseo, sin comprensión previa. un desprendimiento de uno mismo para escuchar lo nuevo.

Palabras clave: Inconsciente. Escucha psicoanalítica. Escucha musical. Freud. Bion.

¹ Psicanalista atuante em São Paulo. Membro efetivo e docente da Sociedade de Psicanálise de São Paulo. Tem inúmeros livros e artigos publicados no Brasil e exterior. Graduado em engenharia com especialização e intensa atividade em mecânica dos solos e projetos de fundação de grandes estruturas. Pesquisador no campo das relações transdisciplinares da psicanálise com as ciências contemplativas zen e mecânica quântica contemporânea. Músico, violoncelista e regente de coral. E-mail: ignaciogerber@terra.com.br

Entre tantas definições possíveis de psicanálise, poderíamos chamá-la “ciência das emoções”; por outro lado, a música é talvez, entre as artes, uma via régia ao mais recôndito de nossas emoções. Duas escutas em busca de emoções primordiais. Imaginemos um exemplo, um pequeno sonho: estamos em uma festinha de aniversário de um garoto de cinco anos. Chegou a hora de apagar as velinhas, a família toda em volta da mesa, as velas acesas, os olhos do menino brilham de expectativa e prorrompe o canto tradicional do “Parabéns a você”. Sugiro ao leitor que participe do coro cantando baixinho à medida que lê a letra abaixo para que possa compartilhar da turbulência emocional que vai se seguir:

Parabéns a você!
Nesta data querida!
Muitas felicidades!
Muitos anos de !!... (silêncio)

Imaginemos agora que a cantoria seja subitamente interrompida nesse “de” – um tom acima da tônica na escala musical – que cria uma expectativa agoniada pela nota final, a tônica fundamental que não vem. O garoto que inflara os pulmões vai ficando roxo, a tensão cresce sem encontrar um porto seguro onde ela possa se dissolver na tonalidade fundamental que não retorna. No caso, além da incômoda incompletude musical, soma-se a ausência da palavra “vida” que, não por acaso, fecha a estrofe numa consagração de esperança nesse dia tão especial. Letra e música se complementam na expressão da emoção vivida do momento. É claro que, para o garoto, o tempo adiante ainda é infinito e talvez ele só venha a atingir a sabedoria quando esse tempo puder ser reconhecido e aceito como finito. Então, o menino vai ficando roxo – prenúncio de uma asma futura? – e a nota apaziguadora, abrigo uterino no vendaval das emoções despertadas, não chega... de vida!!!

Imaginemos agora a mesma cena em sua versão cinematográfica, com as emoções exacerbadas pelo som estereofônico que nos envolve no canto festivo, ruidoso, e, de repente, o corte para o silêncio absoluto, um silêncio que grita (perdoem o lugar comum necessário) e nos mantém em suspenso... E a nota apaziguadora não chega... Talvez nunca...

O que acontece? Por que essa suspensão da volta à tonalidade fundamental, seja um radioso sol maior ou um pungente dó menor, por exemplo, nos produz esse sentimento de experiência ansiosa? Outra pergunta: por que melodias em modo menor, com a terça da tônica diminuída, nos produzem um sentimento nostálgico de recolhimento, uma depuração prazerosa da tristeza, e as melodias em modo maior nos transmitem um sentimento de alegria, de expansão? Um exemplo clássico é a belíssima *Chega de saudade*, de Tom Jobim e Vinícius, lançada em 1959, na qual o tom menor da primeira parte, “Vai minha tristeza...”, corta para o tom maior da segunda parte, “Mas, se ela voltar...”. Mesmo pessoas de culturas cuja música tradicional não é tonal têm esse tipo de reação quando confrontadas pela primeira vez com melodias tonais.

Que vibrações, que sons, que música percebe corporalmente um bebê no útero materno? Ruídos corporais da mãe, batimentos cardíacos, circulação de sangue, respiração e outros mais sutis? Mas também sons de fora, a música ouvida ou tocada pela mãe? E como essa música ouvida ao longo de seu desenvolvimento precoce, que se soma a um possível instinto musical filogenético, pode explicar a genialidade infantil de crianças com quatro, cinco, oito, dez anos? Mozart é o exemplo mais incrível dessa precocidade infantil, mas, hoje em dia, ao acessarmos o YouTube, podemos ouvir dezenas de crianças nessa faixa de idade interpretando, por exemplo, um concerto de Beethoven para violino ou piano com total domínio técnico, mas, principalmente, com compreensão emocional profunda da composição. A quase totalidade são filhos de pais músicos, além daqueles expostos aos modernos métodos de ensino musical – Suzuki, por exemplo –, que nos fazem pensar numa preparação instintual e intrauterina. Tomo a liberdade de alucinar um bebê no útero e perguntar sem expectativa de resposta: bateria o coração materno em modo menor quando triste e em modo maior quando alegre?

Peguei emprestado o título deste artigo de John Cage, compositor norte americano que viveu entre 1902 e 1992 e foi um dos líderes do movimento *avant-garde* na música mundial.

“Feliz ouvido novo”, “Feliz escuta nova”. Cage integrou de tal modo a música com outras formas de expressão que é difícil dizer onde acaba o músico, o compositor, o intérprete teórico, e onde começa o artista plástico, o poeta, o homem da dança, teatro, o ensaísta, o filósofo, que sempre enfatizou a importância da tradição zen em suas criações, citando por algumas vezes o *I Ching* e o *Tao-Te King*, dois dos livros fundamentais da filosofia taoísta. Sua obra mais conhecida é uma composição para piano chamada 4’33’’ (4 minutos e 33 segundos), de 1952, onde ele nos imerge no silêncio. O pianista adentra o palco. Após os aplausos, o público silencia e aguarda, o pianista senta na banqueta e permanece por 4 minutos e 33 segundos sem tocar as teclas, preservando o manto de silêncio. Isso me faz lembrar de uma frase atribuída ao grande pianista Arthur Schnabel: “As notas, não as toco melhor que tantos pianistas, mas as pausas... nelas reside a música”. Lembro também um fragmento de Bion de que *eu mais gosto*, o Bion de *Atenção e interpretação*:

No trabalho psicanalítico, a interferência dos problemas é maior do que o usual, pois o assunto é novo e suas dificuldades não foram mapeadas; as dificuldades tornam-se mais acentuadas quando o material a ser comunicado é pré-verbal ou não verbal. O psicanalista pode empregar silêncios; como o pintor ou músico, ele pode comunicar o material não verbal. De modo semelhante, o pintor pode comunicar material não visual, e o músico pode comunicar material inaudível. O material pré-verbal que o analista precisa discutir é, com certeza, uma ilustração da dificuldade de comunicação que ele mesmo está experimentando (BION, 1991, p. 17).

Em contraponto com o filósofo e também músico Theodor Adorno que postulava a “escuta crítica” da música, Cage falava em uma “escuta livre” da música. Como exemplos de escuta crítica: “Esta é uma sonata da fase madura de Beethoven”, ou “Gostei mais da interpretação da Yuja Wang”, ou acompanhar a estrutura harmônica, a interrelação dos temas etc. Na “escuta livre” de Cage, que evidentemente se soma a todas as possibilidades de escuta, nos permitimos esquecer tudo o que já sabemos, todas as teorias, e nos deixamos envolver totalmente pela música que, como em todas as artes, completa-se no ouvinte, no espectador, no fruidor. Em minha experiência pessoal, nesses momentos sinto que a música preexiste o compositor, o intérprete, o crítico. Ela não tem posse, é tão minha quanto de todos, uma descoberta de toda a raça humana. Brendel falava em ouvir uma música não tocada, mas que parece existir por si só. Uma escuta contemplativa zen. Uma imersão no inconsciente infinito, um mergulho no oceano da aleatoriedade.

Outro exemplo musical dessa busca pelo que não se sabe ainda é uma composição de Messiaen – outro ícone do *avant-garde* –, criada por volta de 1970 e chamada *Jeûne des musiciens* (*Jejum dos músicos*), na qual o autor sugere que os músicos que irão se encontrar para tocar juntos respeitem um jejum de 24 horas, para aguçar os sentidos. Na hora combinada, os músicos empunham seus variados instrumentos e IMPROVISAM. Só! Essa é a partitura. Mas o que se segue é uma criação coletiva, uma trama das improvisações individuais mesclando-se aleatoriamente numa composição surpreendente.

Penso às vezes que o diálogo psicanalítico se aproxima a isso. Uma constante improvisação a dois, cuja trama nos possa revelar uma nova possível verdade. O NOVO.

Isso implica uma capacidade de improvisar, seja no compósito, seja no psicanalista. Era comum para Bach, Beethoven e compositores da época tocarem nos concertos uma peça com improvisações sobre um tema, apresentado por alguém na plateia. Assim, de supetão. Uma improvisação imediata e sofisticada no calor do momento. Nós, psicanalistas, também improvisamos sobre os temas que nos fornecem os analisandos. Improvisamos interpretações que se abrem para novos improvisos.

A música de Bach produz em mim um efeito que poderíamos chamar de psicoativo. Ela me revela o melhor de mim mesmo, um superego mais cordial, mais amoroso, mais lúcido. Um efeito imediato que me ajuda a compreender e aceitar as limitações da realidade e minhas próprias limitações.

Lembrei de uma velha piada: dizem que quando Mozart morreu, foi conduzido por São Pedro até Deus, ouvindo a música celeste em toda sua beleza. Deus então o convida para assumir a direção musical divina. Mozart, constrangido, pergunta, “Por que eu? Não mereço. E Bach?”, ao que Deus responde, “Bach sou eu”. Confesso que às vezes penso em Bach como um dos deuses do meu panteão aleatório. Ouvi-lo me coloca quase que automaticamente em atenção flutuante + associação livre, *Rêverie*, conceitos indissociáveis.

Em *O Moisés de Michelangelo* (1987, p. 253), Freud escreve:

Posso dizer de saída que não sou um conhecedor de arte, mas simplesmente um leigo. Tenho observado que o assunto obras de arte tem para mim uma atração mais forte que suas qualidades formais e técnicas, embora para o artista o valor delas esteja, antes de tudo, nestas. Sou incapaz de apreciar corretamente muitos dos métodos utilizados e dos efeitos obtidos em arte. Confesso isso a fim de me assegurar da indulgência do leitor para a tentativa que aqui me propus. Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura. Isso já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve seu efeito. Onde não consigo fazer isso, como por exemplo, com a música, sou quase incapaz de obter qualquer prazer. Uma inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber por que sou assim afetado e o que é que me afeta.

Claro que essa relação profunda do som musical com a emoção não poderia ter escapado a Freud, mesmo com o repertório midiático de sua época. E é aí que me vem uma perplexidade: por que declarava repetidamente sua limitada sensibilidade para a linguagem musical, afirmando enfaticamente que as palavras lhe eram indispensáveis? Puxa! Freud, criado na Viena das Luzes, centro musical da Europa de então, vindo de uma família judaica tradicional, de cujo pai era esperado, como era de praxe, que colocasse um violinozinho nas mãos do rebento, possível futuro gênio. James Strachey, em seu prefácio geral, no volume I da edição standard da obra de Freud (1996a, p. 16), comenta sobre ele na nota 1:

Muitas passagens em seus trabalhos dão evidência do seu interesse pelas artes visuais; talvez sua atitude para com a música não fosse tão negativa quanto ele gostava que acreditassem.

Ou seja, Strachey aventava a possibilidade de isso não ser totalmente verdade, algo como uma frase de efeito de Freud. Torço para que Strachey tenha razão, mas, se rastreamos a palavra “música” ao longo dos 24 volumes dessa edição, constatamos que ela aparece apenas cinco vezes, uma das quais na nota citada, e nas outras referindo-se mais à letra que a companhia do que à música propriamente dita.

Talvez possamos relacionar uma possível dificuldade de se entregar à música, emoção sem conteúdos, com a dificuldade expressa por Freud em sua correspondência com o escritor Romain Rolland. Este último escrevia a Freud sobre a vivência do “sentimento oceânico”, linda expressão criada por Schopenhauer que designa um estado contemplativo desligado de palavras e pensamentos, uma absorção na vivência da emoção estética do puro presente. Freud respondeu que nunca tinha vivido essa experiência, que ela lhe era estranha. Também

é estranha sua resposta se considerarmos a psicanálise e a música como vias privilegiadas para o inconsciente. Um mergulho no oceano inconsciente.

Penso a psicanálise como a composição de duas vertentes complementares. A primeira é a postulação por Freud de nosso modo de ser inconsciente. Ele é o *common ground* indiscutível da psicanálise e de todo o desenvolvimento teórico que decorre dessa criação seminal, dialogando com biologia, psicologia, sociologia, filosofia, ontogênese, filogênese, e demais áreas do conhecimento humano. Uma ciência contemplativa, uma arte, uma disciplina transdisciplinar. Na verdade, uma trama extensa de conjecturas teóricas datadas, em constante fluxo de mutações. A obra de Freud é o exemplo fundamental desse desenvolvimento onde ele se coloca continuamente em questão. Chamo a isso “questionar nossas certezas de ontem”. E, como consequência, nossas certezas de hoje.

A outra vertente é a atitude do psicanalista, que possa propiciar a aproximação ao inconsciente do analisando através de seu próprio inconsciente, na busca, em termos de Bion, da experiência emocional vivida pela conjunção da dupla analítica. Freud nos fala dessa atitude no seu texto fundamental *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1996b), onde ele propõe ao analisando que associe livremente, diga o que venha à cabeça, uma tentativa de transcender a seletividade e a censura. Para o analista, ele propõe a atitude de atenção livremente suspensa, flutuante, na tentativa de captar nas associações, tão livres quanto possível ao analisando, a experiência emocional vivida pela dupla e o que ela possa revelar de NOVO sobre analisando e analista. Sempre uma tentativa de abrir mão do conhecido em busca do desconhecido, um paradigma bioniano que radicaliza a proposta criativa de Freud e que Bion chamou de “*rêverie*, sem memória, sem desejo, sem compreensão” racional prévia (BION, 1993). É importante frisar “sem memória, sem desejo etc.”, no singular. Não são memórias ou desejos, mas a memória do analista com seus pré-conceitos e o desejo do analista com suas expectativas. Um estado devaneante, um desapego de si, de suas certezas. Um sonhar acordado, entregar-se ao nosso modo de ser inconsciente. O *rêverie* inglês, emprestado do *rêverie* francês, um estado sonhante. Em espanhol, uma palavra linda, *ensoñación*, com seu til flutuante. Em português, devaneio.

É evidente que as duas vertentes são complementares. A vertente teórica fala mais ao consciente e a vertente *rêverie* fala mais ao inconsciente. Faz-me lembrar de Niels Bohr, físico teórico e pensador maior, um dos criadores da mecânica quântica, que aliás tem muito a ver com a lógica contraditória infinita de nosso modo de ser inconsciente. Semelhanças. Bohr tem duas frases emblemáticas atribuídas a ele que refletem a ideia central da interpretação de Copenhague da mecânica quântica, e que cabem bem tanto para o cientista quanto para o psicanalista: “O observador faz parte, interfere no fenômeno; não há observador neutro” e “Os elétrons não são ou onda ou partícula; eles são as duas coisas ao mesmo tempo, uma contradição, mas é a realidade”.

Um exemplo marcante dessa proposta em Freud é que, quando fazia uma interpretação e o paciente se indignava, dizendo algo como “Que absurdo! De onde tirou isso? Nada a ver comigo!”, ele não se perturbava, poderia ser uma resistência, poderia ter tocado em um ponto muito sensível. Por outro lado, quando outro paciente reagia com entusiasmo, “O senhor é incrível! Muito perspicaz. Como acertou comigo!”, ele também não se perturbava, poderia também ser uma resistência. “Pronto, não precisamos mais falar sobre isso!”, mas quando falava algo e o paciente ficava um tempinho em silêncio e então dizia: “Sabe que eu nunca pensei isso dessa maneira? Nunca me ocorreu”, surgia aí um ponto de vista novo sobre ele mesmo. E Freud completava: “Está acontecendo psicanálise”.

Em todas as minhas falas tenho repetido e enfatizado duas colocações que se tornaram lemas para mim. A primeira de um músico, Paco de Lucía, e a segunda não lembro se li em algum lugar ou sonhei. Paco de Lucía é talvez o maior guitarrista flamenco do século XX. Seu nome quer dizer “Paco filho de Lucía”, grande cantora flamenca e de toda uma

tradição familiar. Ele revolucionou o flamenco incorporando novas harmonias, assim como Astor Piazzola fez com o tango, e ambos foram duramente criticados pelos mais tradicionalistas, “Isso não é flamenco!” ou “Isso não é tango”. Respondendo a uma pergunta durante uma entrevista, Paco disse: “Eu apenas quis abrir janelas para que entrem novos ares, com todo o respeito pela tradição, mas *sem me intimidar por ela*” (CABALLERO, 1984, tradução livre, grifo nosso). Trata-se de uma declaração de liberdade criativa.

A outra citação, “Nossas certezas de ontem”, implica questionar nossas certezas de ontem para ousar questionar nossas certezas de hoje. Certezas são datadas e tornam-se crenças se não forem repensadas. Questionamentos que, felizmente, acompanham a história da psicanálise, tendo Freud como seu exemplo máximo. Vou exemplificar lembrando uma fala bem-humorada de Donald Meltzer na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP): “Tempos atrás, e por muito tempo, eu tinha, para atender, três ternos cinzas, três camisas brancas, três gravatas, e três meias azuis – uma para atender, outra para o tintureiro, e uma terceira para emergências”. Um hábito de manutenção compulsiva do *setting* em certo período da psicanálise inglesa. O Meltzer que nos contava isso, sorridente, trajava um moderníssimo terno colorido e esportivo, sem gravata, cabelos ao vento, entusiasmado com a própria mudança. Assim como este exemplo, são inúmeras as crenças institucionais psicanalíticas que hoje nos soam consensualmente como absurdas ou mesmo ridículas. Como pensaremos nosso presente no futuro?

REFERÊNCIAS

- BION, W. R. *Atenção e interpretação*. Tradução de Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BION, W. R. *Perspectivas cognitivas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- CABALLERO, A. A. Paco de Lucía, distante perfección. Entrevista concedida a Manuel Pina. *El País*, Madrid, 25 jul. 1984. Disponível em: https://elpais.com/diario/1984/07/25/cultura/459554410_850215.html. Acesso em: 18 set. 2024.
- CAGE, John. 4'33". Primeira apresentação: David Tudor, Woodstock, 29 ago. 1952.
- FREUD, S. O Moisés de Michelangelo. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 13, p. 263-286.
- FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 1.
- FREUD, S. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 12, p. 115-126.
- JOBIM, A. C.; MORAES, V. Chega de Saudade. In: GILBERTO, J. *Chega de Saudade*. Rio de Janeiro: Odeon, 1959. 2min00s. Vinil.

LUTO E METAMORFOSE: CONTRIBUIÇÕES DE LAMANNO-ADAMO

MOURNING AND METAMORPHOSIS: CONTRIBUTIONS FROM LAMANNO-ADAMO

LUTO Y METAMORFOSIS: APORTES DE LAMANNO-ADAMO

Guilherme Franzon Berti¹

LIVRO: NARCISO SOB TINTA: FISCANDO O HUMANO

AUTOR: VERA LAMANNO-ADAMO

SÃO PAULO: BLUCHER, 2023, 262 p.

Resumo: O livro *Narciso sob tinta: fiscando o humano*, de autoria de Vera Lamanno-Adamo, publicado pela editora Blucher em 2023, é um livro despretensioso, que encanta o leitor, deve ser lido sem pressa, e contém algumas preciosidades. O livro reúne um conjunto de artigos da psicanalista e, apesar de tratar de diversos temas, certamente tem o luto como a questão que atravessa a obra. A autora se vale da arte, de livros, filmes e séries, além de sua experiência clínica, para o trato desta e de outras questões relevantes à psicanálise contemporânea, com destaque aos temas da escrita psicanalítica e da articulação teórica entre as diferentes escolas de psicanálise. *Narciso sob tinta: fiscando o humano* é um livro importante para os psicanalistas brasileiros preocupados com o futuro da psicanálise. Assim, sem dúvida, deve ser assimilado, com a devida atenção, pela psicanálise contemporânea.

Palavras-chave: Psicanálise. Luto. Escrita psicanalítica.

Abstract: The book Narciso sob tinta: fiscando o humano, written by Vera Lamanno-Adamo, and published by Blucher in 2023, is an unpretentious book, which delights the reader, should be read without rushing, and contains some gems. The book brings together a set of articles by the psychoanalyst and, despite dealing with different themes, mourning is certainly the topic that runs through the work. The author uses art, books, films, and series, in addition to her clinical experience, to address this and other issues relevant to contemporary psychoanalysis, with emphasis on the themes of psychoanalytic writing and theoretical articulation between the different psychoanalytic schools. Narciso sob tinta: fiscando o humano is an important book for Brazilian psychoanalysts and those concerned with the future of psychoanalysis. Therefore, without a doubt, it should be assimilated, with due attention, by contemporary psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis. Mourning. Psychoanalytic writing.

Resumen: El libro Narciso sob tinta: fiscando o humano, escrito por Vera Lamanno-Adamo, publicado por Blucher en 2023, es un libro sin pretensiones, que deleita al lector, que debe leerse sin prisas y que contiene algunas gemas. El libro reúne un conjunto de artículos del

¹ Psicólogo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) em 2019. Especialista em Saúde Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2021. Integrante do Grupo de Estudos Psicanálise (GEP) de Erechim-RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6045-8871>. E-mail: guilhermebeerti@gmail.com

psicoanalista y, a pesar de tratar temáticas diferentes, ciertamente tiene el luto como tema que recorre la obra. La autora utiliza arte, libros, películas y series, además de su experiencia clínica, para abordar este y otros temas relevantes para el psicoanálisis contemporáneo, con énfasis en los temas de la escritura psicoanalítica y la articulación teórica entre las diferentes escuelas psicoanalíticas. *Narciso sob tinta: fisingando o humano es un libro importante para los psicoanalistas brasileños y para quienes se preocupan por el futuro del psicoanálisis, por lo que, sin duda, debe ser asimilado, con la debida atención, por el psicoanálisis contemporáneo.*

Palabras clave: Psicoanálisis. Luto. Escritura psicoanalítica.

Vera Lamanno-Adamo, psicanalista e escritora de primeira ordem, escreveu um livro despretenso, que encanta o leitor, pode ser lido sem pressa, e contém algumas preciosidades. *Narciso sob tinta: fisingando o humano*, publicado em 2023, pela editora Blucher, reúne um vasto conjunto de artigos da psicanalista e tem, como comentou Edival Perrini, na *live* de lançamento do livro (EDITORA BLUCHER, 2023), dois conceitos que percorrem toda a obra: o *trabalho de luto* e a *função analítica*.

A escrita de Lamanno-Adamo é fácil e conversada. Com textos curtos, ela proporciona ao leitor uma experiência prazerosa, e diversas sensações, que vão da confusão ao devaneio. A autora, que se vale da arte, de livros, filmes e séries, além de sua experiência clínica, para o trato de questões relevantes à psicanálise contemporânea, tem como grande heroína Clarice Lispector, encontrada em todo o livro, seja no estilo, seja na inspiração.

O luto, sem dúvida, é a questão maior do livro de Lamanno-Adamo. A autora, de maneira corajosa, confessa: em seu íntimo, ela tem um *medo desmesurado da vida e da morte*, e notamos, ao final da leitura da obra, que a acompanhamos em um trabalho de luto que atravessou a sua clínica. No último texto, “Transitivo e intransitivo na clínica psicanalítica” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 251), ela trata disso de maneira explícita e comovente:

[...] em algum momento fui atravessada por uma espécie de trabalho de luto [...] Luto pelo que havia apreendido, aprendido, experimentado e instituído na minha clínica como satisfatório (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 258).

A psicanalista, após esse processo doloroso, depara-se com uma metamorfose: “A partir daí, minha hospitalidade, curiosidade e espírito investigativo começaram a dar sinal de vida” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 258), e convida o leitor psicanalista a fazer o mesmo, concluindo, na clínica, que o que se requer é “[...] um permanente trabalho de luto por parte do analista no seu desejo de curar pela palavra” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 260).

Eu diria que, além do trabalho de luto e de metamorfose de Lamanno-Adamo, e de sua empreitada para *fisgar o humano*, como ela entendeu a sua inspiração para escrever, duas questões caras à obra, *Narciso sob tinta: fisingando o humano* tem intenções singelas, os textos parecem se contentar com as palavras no papel, e com os leitores que por elas se interessarem. A psicanalista, neste livro, não busca revolucionar a psicanálise nem ingressar em grandes debates teóricos. Mesmo assim, apresenta ao público textos interessantíssimos.

A história de Inácia, por exemplo, que abre o livro, é fascinante: Inácia, poeta sensível, apaixonou-se tanto que, levando consigo o seu namorado, desejou se jogar no rio. Ao conhecer essa narcisa, a psicanalista entendeu o que ela ambicionava em sua clínica: encontros capazes de subverter e de metamorfosear. Outros textos do livro, que também merecem destaque, são “Reflexões sobre masculinidades” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 53), de importância ao debate contemporâneo, “Trabalhando com casais em tempos de distanciamento social: conversando sobre a técnica” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 93), capítulo agradável, que traz questões relevantes acerca da psicanálise de casais, e “Centelhas de areia na ampuheta do tempo” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 175), capítulo que dá tom à obra, porque

apresenta a autora em seu íntimo, e esclarece os temas de seu interesse. Mas as preciosidades desta obra são, sem dúvida, os textos “Narciso sob a tinta” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 13) e “Psicanálise em tempos de krâsis” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 149).

“Narciso sob a tinta” inicia com a pergunta “Por que apresentamos, publicamos, divulgamos experiências vividas na clínica?” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 13), e desenrola questionamentos simples, mas fundamentais, a respeito da escrita psicanalítica e da escrita dos casos clínicos. O que se inclui e o que se exclui no texto psicanalítico? Por que existe um ideal de asepsia que envolve o texto psicanalítico? Por que o texto psicanalítico quer parecer “inteligente, erudito, controlado”? (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 13). Aos olhos da autora, essa escrita psicanalítica imóvel “[...] não se abre para o desconhecido” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 14) e empobrece a psicanálise.

Ela, então, argumenta a favor de um texto psicanalítico menos erudito, mais crônica, inspirado nos acontecimentos diários, com linguagem simples, e que tome a “miudeza” como matéria-prima. Para exemplificar, ela se vale de um texto de Judith Andreucci (2012), no qual a autora tomou uma situação cotidiana como inspiração para a sua escrita. Para Lamanno-Adamo (2023), Andreucci tratou de trabalhar com o “miúdo”, com os “resíduos”, com os “restos” de sessões, assim fez uma escrita transitiva e inquietante. O argumento é forte e encantador, provoca o pensamento, e deve ser considerado, com atenção, pelos leitores.

“Psicanálise em tempos de krâsis” é outro ponto alto do livro: a autora coloca em palavras uma angústia contemporânea da psicanálise, a torre de Babel das teorias, que em um movimento separatista, em busca da herança de Freud, acabou gerando fortes *tendências ao monólogo*. Ao apresentar a crase como “[...] uma particularidade gramatical, bastante importante, da língua portuguesa no Brasil” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 149), ela situa nosso país como privilegiado para tratar dessa questão.

Lamanno-Adamo (2023) observa, na psicanálise brasileira, a emergência de uma tentativa de articulação entre as diferentes escolas, e como resultado dessa articulação, uma *psicanálise craseada*, que “[...] traça as margens de diferenças teórico-clínicas, mas que também as mescla em benefício de uma complexização da teoria e da prática psicanalítica. Uma psicanálise que não assenta moradia em paróquias” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 153).

Segundo ela, há de vir uma mescla de escolas, uma psicanálise pluralista e heterogênea, que propõe “[...] um complexo território multidimensional que abrange inúmeros sistemas interligados...” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 157) e que “[...] se fundamenta em um modelo de mente multidimensional, caracterizado por diferentes organizações psíquicas com suas modalidades de inconscientização e simbolização que coabitam, se articulam e se sobrepõem em estranhos entrecruzamentos” (LAMANNO-ADAMO, 2023, p. 159). O texto é impressionante, e observem, trata novamente do luto. A morte, dessa vez, é a da psicanálise, bem como a metamorfose, e a *psicanálise craseada* aparece como o horizonte dos novos tempos.

Indico a leitura de *Narciso sob tinta: físgando o humano* aos psicanalistas brasileiros preocupados com o futuro da psicanálise, mas não como um livro que se estuda com afinco e nas minúcias. O leitor deve ter em mente que Lamanno-Adamo não pretende grandes revoluções teóricas, que ela é psicanalista, mas também é escritora, e que o seu livro é para se ler devagar, algumas páginas por vez. Além de escrita simples e agradável, o leitor encontrará nesta obra contribuições importantes à psicanálise contemporânea, principalmente com relação à escrita psicanalítica e aos novos desafios da clínica. Assim, entendo que *Narciso sob tinta* deve ser acolhido, assimilado, e receber a devida atenção dos psicanalistas brasileiros.

REFERÊNCIAS

ANDREUCCI, Judith T. C. Aquele olhar: vivências psicanalíticas com alguém que não podia ver. *Jornal de Psicanálise*, v. 44, n. 83, p. 59-66, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v45n83/v45n83a05.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2024.

EDITORA BLUCHER. Lançamento “Narciso sob tinta”, de Vera Lamanno-Adamo. *YouTube*, 19 set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=idHJExZruao>. Acesso em: 4 jan. 2024.

LAMANNO-ADAMO, Vera. *Narciso sob tinta: físgando o humano*. São Paulo: Blucher, 2023.

PODE A VAGINA SER RECUSADA EM 2024?

CAN THE VAGINA BE REFUSED IN 2024?

¿SE PUEDE NEGAR LA VAGINA EN 2024?

Juliana Lang Lima¹**TÍTULO: A RECUSA DA VAGINA: KAREN HORNEY, O FEMINISMO E A FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE****AUTORA: PATRÍCIA MAFRA DE AMORIM****PORTO ALEGRE: ARTES E ECOS, 274 P.**

Resumo: A presente resenha se propõe a divulgar a obra de Patrícia Mafra de Amorim sobre a importância da concepção de vagina e da teoria de Karen Horney. A autora recupera a relevância dessa psicanalista alemã, pertencente ao círculo de psicanalistas de segunda geração, colocando em questão a teoria falocêntrica de Freud, de forma a ser repensada e trabalhada no contexto da psicanálise contemporânea.

Palavras-chave: Teoria falocêntrica. Karen Horney. Psicanálise contemporânea.

Abstract: This review aims to publicize the work of Patrícia Mafra de Amorim on the importance of the conception of the vagina and Karen Horney's theory. The author recovers the relevance of this German psychoanalyst, belonging to the circle of second-generation psychoanalysts, calling into question Freud's phallogocentric theory, so that it can be rethought and worked on in the context of contemporary psychoanalysis.

Keywords: Phallogocentric theory. Karen Horney. Contemporary psychoanalysis.

Resumen: Esta reseña tiene como objetivo dar a conocer el trabajo de Patrícia Mafra de Amorim sobre la importancia de la concepción de la vagina y la teoría de Karen Horney. La autora recupera la relevancia de esta psicoanalista alemana, perteneciente al círculo de psicoanalistas de segunda generación, poniendo en duda la teoría falocéntrica de Freud, para que pueda ser repensada y trabajada en el contexto del psicoanálisis contemporáneo.

Palabras clave: Teoría falocéntrica. Karen Horney. Psicoanálisis contemporáneo.

A *recusa da vagina* foi o excelente título que Patrícia Mafra de Amorim escolheu para reparar uma dívida histórica do movimento psicanalítico com Karen Horney. Mas, dito assim, e também devido ao subtítulo que abrange também feminismo e feminilidade, talvez se possa imaginar que o livro dessa jovem psicanalista carregue algo de revanchismo – e me apresso a explicar que não se trata disso. Em linhas gerais, a autora se propõe a um mergulho nas dicotomias tantas vezes perpetuadas nas leituras dos clássicos para retirar de qualquer dos lados o estatuto de *verdade*.

¹ Psicanalista e escritora. Membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Organizadora e autora do livro *A Analista Grávida* (Artes e Ecos, 2020). Autora dos livros *Tempos Maternos* (Artes e Ecos, 2022) e *Transmissões do Feminino* (Artes e Ecos, 2024). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2657-164>. E-mail: julianalanglima@gmail.com

No afã de defender as bases do pensamento psicanalítico, aqueles que estão acostumados a trabalhar com a herança freudiana por vezes incorrem no erro de tomar suas proposições ao pé da letra, inclusive como se portassem o selo da “real psicanálise”, uma psicanálise pura, fincada com pés firmes sobre os conceitos fundamentais, que não poderiam ser desdobrados sem o risco de perder-se pelo caminho. Ora, é lógico que isso não acontece somente com os freudianos, sendo, muito antes, uma característica humana: reunir-se em grupos para possibilitar uma defesa daquilo que se considera relevante, tendo como objetivo sua consequente manutenção.

Nesse sentido, o movimento em favor da tradição tem seus aspectos saudáveis e imprescindíveis – o próprio Freud, ao final de sua vida, nos deixou um documento belíssimo sobre a importância da tradição oral, do que é transmitido de geração em geração, com *Moisés e o monoteísmo* (FREUD, 1996c). Talvez seja interessante lembrar de que esse trabalho foi escrito em duas partes, a primeira delas ainda em Viena, com a guerra prestes a eclodir, e a segunda em Londres, com Freud e sua família já exilados devido aos avanços do nazismo.

Se retomo essa obra multifacetada, pinçada do tesouro que Freud nos legou, é por enxergar nela algumas semelhanças com nosso momento atual, com novas investidas antissemitas, reatualizados tempos de guerra, renovadas modalidades de violência contra as mulheres. Do ponto de vista psicanalítico, me parece ainda interessante pensar acerca da identidade, tema que perpassa todas as elaborações sobre Moisés – era ele um judeu; seria ele egípcio?

Sobre esse trabalho que usualmente precisa de uma espécie de “tradução”, tamanha sua complexidade, Edward Said (2004) comenta que, embora haja textos de caráter bastante pedagógico na obra freudiana, dedicados à transmissão da psicanálise, *Moisés* definitivamente não pode ser considerado um deles, parecendo ter sido escrito para fins de elaboração pessoal de Freud e sua relação com o judaísmo. Em suas palavras: “Freud é um exemplo notável de um pensador para quem o trabalho científico constituía, como frequentemente o disse, uma espécie de escavação arqueológica do passado enterrado” (SAID, 2004, p. 57).

Bem, mas se Freud, como todos aqueles que escrevem, dedicou-se a produzir uma teoria a partir das próprias vivências², por que não estaríamos autorizadas a pensar que também estava atravessado por concepções acerca do feminino nos textos em que se dedica a esmiuçá-lo? Em uma publicação recentemente lançada, sustento que a noção de primazia do falo, embora não seja sinônimo de superioridade masculina, também não se distancia tanto assim dessa ideia e, nesse sentido, imagino que seja difícil conceber que as mulheres desse século leiam sem alguma dose de indignação as proposições freudianas no que tange à inveja do pênis, por exemplo (LIMA, 2024).

Mas se posso registrar tais formulações polêmicas por escrito, sem receio de ser considerada uma psicanalista de segunda linha ou por demais desviante, só o faço porque vivemos tempos de bem-vindas releituras de textos fundamentais do arcabouço psicanalítico. Ainda que este seja um movimento mais contemporâneo, já não pode ser considerado incipiente, e tem sido recorrente que estudiosos se debrucem sobre os grandes autores da psicanálise para extrair de suas obras os fundamentos, adaptando-os aos sintomas e códigos de nossos tempos. Assim, é com satisfação que recebemos um livro como o de Patrícia Amorim, disposta a trazer para cena uma grande pensadora, que por muito tempo foi praticamente desconhecida da comunidade psicanalítica, exceto por uma ou outra nota de rodapé.

² Lembremos de que *A interpretação dos sonhos* (1996a), considerado o livro inaugural da psicanálise, foi elaborado quase que inteiramente a partir da autoanálise de Freud e de sua troca de correspondências com Fliess, assim como *A psicopatologia da vida cotidiana* (2023), cujos exemplos de chistes e atos falhos frequentemente são retirados da vivência do próprio Freud. Incluo ainda a célebre *Carta 69* (1996b), em que Freud diz não acreditar mais em sua neurótica, isentando o pai de ser um possível abusador, o que seria uma verdade no caso de a histeria ser causada pela sedução de um adulto.

De Karen Horney sabe-se, em geral, que certa feita postou-se de pé e ergueu a voz em um Congresso de Psicanálise para protestar contra a ideia de inveja do pênis como um atributo universal das mulheres, sugerindo uma revisão dessa concepção, ainda que não a refutasse de todo, mas a desdobrasse em uma formação primária e outra secundária. O ano era 1922 e Freud era o presidente da mesa – o que não inibiu a impetuosa analista de Berlim de lançar suas opiniões, ainda que divergentes das do mestre (GAY, 1989).

Até a publicação da Editora Artes e Ecos, pouco sabíamos sobre a vida dessa médica, sua formação em psicanálise, suas análises pessoais, sua experiência de maternidade com os três filhos que teve, sua ida para os Estados Unidos. Dessa psicanalista da segunda geração, poucos conhecem o polêmico conceito de *inveja do útero*, ou a obra em que se dedica a explicar uma variedade de problemas femininos, como ausência de libido, dificuldades na gravidez e interrupção no ciclo menstrual, ou ainda outra em que discute a relação da mãe com sua família de origem, apontando para as transmissões inconscientes que acontecem ali e influenciam a relação com os próprios filhos.

Não é que tais informações já não estivessem por aí, é que poucas vezes foram reunidas de forma tão interessante em um volume que contempla vida e obra dessa psicanalista ousada, que afirmava que, diferentemente do que Freud e seus contemporâneos imaginavam, já existe uma concepção da vagina por parte das meninas desde muito precocemente, bem antes da puberdade.

Contudo, a questão da vagina é apenas um dos pontos que aparecem nesse livro, que se propõe a recuperar os debates sobre a feminilidade, contemplando o contexto histórico e também o momento em que a psicanálise foi se desenvolvendo ao redor do mundo, e atualizando-os para esses tempos de novas e importantes questões. Ou alguém pode não achar vanguardista o pensamento de uma autora que, nos anos 1930, lançava questionamentos acerca dos efeitos da monogamia sobre o desejo e as formas de os sujeitos se relacionarem? Karen Horney e suas ideias, recuperadas e atualizadas pelas lentes de Patrícia Amorim, seguem como traços que auxiliam a guiar a clínica da atualidade, pós-pandemia, recheada de pautas identitárias, mais coletiva, menos elitista. Tudo isso por meio de uma pergunta norteadora: que futuro queremos para a psicanálise?

REFERÊNCIAS

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 4 e 5.

FREUD, S. *A psicopatologia da vida cotidiana: sobre esquecimentos, lapsos verbais, ações equivocadas, superstições e erros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FREUD, S. Carta 69. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo. FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 23.

GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

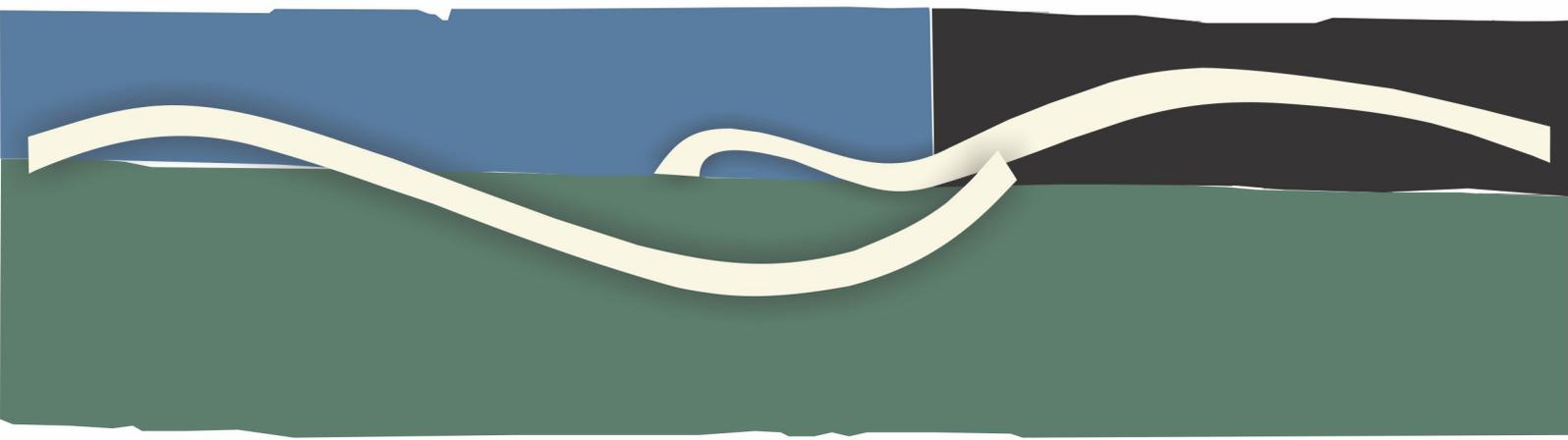
LIMA, J. L. *Transmissões do feminino*. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2024.

SAID, E. *Freud e os não europeus*. São Paulo: Boitempo, 2004.

Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Rua Doutor Timóteo, 752
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br



**Sigmund Freud
Associação
Psicanalítica**



Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Rua Doutor Timóteo, 752
Moinhos de Vento · Porto Alegre, RS · Brasil
CEP 90570-140 · (51) 3062.7400
www.sig.org.br · sig@sig.org.br
revista@sig.org.br

